

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS  
MESTRADO PROFISSIONAL  
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MARTA MARIA SILVA**

**FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO  
SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA ABORDANDO DIFICULDADES DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS  
INCLUSIVAS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE**

**SANTOS-SP  
2022**

**MARTA MARIA SILVA**

**FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO  
SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA ABORDANDO DIFICULDADES DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS  
INCLUSIVAS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE**

Dissertação apresentada à banca examinadora ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Metropolitana de Santos, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Práticas Docentes do Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Abigail Malavasi

**SANTOS  
2022**

S586f Silva, Marta Maria

FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA ABORDANDO DIFICULDADES DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE / Marta Maria Silva – Santos, 2022.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Abigail Malvasi  
Dissertação (Mestrado Profissional), Universidade Metropolitana de Santos, Práticas Docentes do Ensino Fundamental, 2022.

1. Formação de Professores. 2. Educação Inclusiva. 3. Ensino.
  - I. Mestrado

CDD: 371.9

Vanessa Laurentina Maia

Crb8 71/97

Bibliotecária Unimes

A Qualificação de Mestrado intitulada “**FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA ABORDANDO DIFICULDADES DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE**”, elaborada por Marta Maria Silva, foi apresentada e aprovada em 29/04/2022, perante banca examinadora composta por Prof<sup>a</sup>. Dra. Silvia Maria Tague; Prof<sup>a</sup>. Dra. Abigail Malavasi.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Abigail Malavasi  
Orientadora e Presidenta da Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Silvia Maria Tagé  
Convidado

---

Prof. Dr. Michel da Costa  
Docente da Universidade Metropolitana de Santos

Programa de Pós-Graduação da Universidade Metropolitana de Santos em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Área de Concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Linha de Pesquisa: Ensino Aprendizagem no Ensino Fundamental.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico meus agradecimentos à minha família, meus filhos, meus pais *in memoriam* (tenho certeza do orgulho deles), ao meu grupo de trabalho da Divisão de Educação Especial, ao apoio da Márcia Duarte e por toda aprendizagem e trocas de experiências dessa Equipe, cada um com sua visão tão peculiar sobre o tema, porém todos apaixonados e acreditando em uma educação inclusiva e de qualidade.

Aos meus alunos que acompanhei, alguns desde a infância até o término do Ensino Fundamental, outros que conheci na Educação de Jovens e Adultos, porém todos com a mesma importância para minha vida profissional, fui desafiada a buscar estratégias para que a aprendizagem possa acontecer, onde fiquei emocionada com o progresso e comemorei com os professores e familiares cada resultado, as famílias que confiam seu bem mais precioso e acreditam na Educação Pública de qualidade.

Aos meus professores do Mestrado Profissional que conseguiram encantar com tanto conhecimento, relacionando teoria e prática, e deixando os alunos com sabor de quero mais, ficava ansiosa para o próximo encontro pois despertavam o sabor pelo saber com grande maestria, gratidão por tantos autores apresentados. Aos Mestres Mariangela Camba, Thiago Simão Gomes, Gerson Tenório dos Santos, Maria Candelária Volponi de Moraes, Abigail Malavasi, Alberto Luis Schneider e Elisete Gomes Natário.

Aos meus colegas da sala com suas mais diferentes experiências profissionais nas mais diversas áreas de formação, como Educação Física, Letras, Filosofia, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social, Música, Matemática, Artes e outras, mais suas vivências pessoais e seus modos de ver a vida e o nosso sistema educacional, foram debates de argumentações riquíssimas. E mesmo as críticas recebidas sobre o “porque” eu estava voltando a estudar tão velha, pois estas colocações também impulsionam e motivam, já que aprender não tem idade, eu aprendo todos os dias e não desisto dos meus objetivos, o Mestrado sempre foi um sonho e não vou abrir mão de realizar.

SILVA, Marta Maria. **Formação continuada no ensino fundamental: um estudo sobre a capacitação docente e a proposta de educação inclusiva abordando dificuldades de práticas educacionais inclusivas em escolas no município de Praia Grande / Marta Maria Silva** 2022. 348 p. Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2022.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo conhecer como a formação docente interfere na aceitação dos alunos de inclusão e no processo inclusivo nas escolas de ensino regular. Percebe-se que o contexto sociocultural e histórico influenciam na aceitação e sucesso da acessibilidade e adaptações das atividades pedagógicas desenvolvidas pelo corpo docente pesquisado. A pesquisa foi realizada em uma escola Municipal de Praia Grande, para tal realizei uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, apresento dados coletados a partir de uma entrevista semiestruturada com professores, realizei orientações conforme as necessidades apresentadas pelos alunos de inclusão. Abordo o processo histórico das políticas públicas educacionais inclusivas vigentes e como esse processo acontece na prática no ambiente educacional. Como fruto da interpretação de dados obtidos na pesquisa e levantamentos teóricos apresento uma proposta de formação continuada e sensibilização do corpo docente, buscando uma práxis crítica e reflexiva, ao finalizar a pesquisa foi possível construir um E-book produto Inclusivo que apresenta com as estratégias de sucesso e dificuldades elencadas pelos professores. que poderão ser desenvolvidas por professores, com seus alunos de inclusão.

**Palavras-chave:** Ensino. Educação Inclusiva. Formação de Professores.

## **ABSTRACT**

This research aims to clarify how teacher education interferes with the acceptance of inclusion students and the inclusion process in mainstream schools. It is noticed that the sociocultural and historical context influence the acceptance and success of accessibility and adaptations of activities developed by the faculty. The research was carried out in a municipal school in Praia Grande, for this I carried out a qualitative methodological approach, I present data collected from a semi-structured interview with teachers, I carried out guidelines according to the needs presented by the inclusion students. I approach the historical process of the current inclusive educational public policies and how this process happens in practice in the educational environment. As a result of the interpretation of data obtained in research and theoretical surveys, I present a proposal for continuing education and awareness of the faculty, seeking a critical and reflective praxis, at the end of the research it was possible it was possible to build an Inclusive E-book with the success and difficulties strategies listed by the professors.

**Keywords:** Teaching. Inclusive education. Teacher training

Figura 1 - Gráfico 1- Sexo dos participantes	102
Figura 2 - Gráfico 2- Faixa Etária dos Participantes	103
Figura 3 - Gráfico 3 - Forma de contratação do professor	103
Figura 4 - Gráfico 4- Tempo que trabalha na rede municipal de Praia Grande	104
Figura 5 - Gráfico 5- Formação Acadêmica e Preparo	104
Figura 6- Gráfico 6- Tempo de Atuação no Magistério	105
Figura 7 – Gráfico 7- Interesse na formação continuada e áreas mais buscadas	105
Figura 8 - Gráfico 8- sobre a relevância do HTPC	106
Figura 9 - Gráfico 9-Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional	108
Figura 10 - Gráfico 10- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão	108
Figura 11 - Gráfico 11- Você concorda que os alunos com deficiência sejam incluídos em sala de aula regular?	109
Figura 12 - Gráfico 12- Você tem dificuldade em atender aluno com deficiência em sala de aula	109
Figura 13 - Gráfico 13- Você considera que tem apoio da equipe gestora para realizar seu trabalho	112
Figura 14 - Gráfico 14- A família do aluno com deficiência é participativa na vida escolar	113
Figura 15 - Gráfico 15- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência?	114
Figura 16 - Gráfico 16- Você acredita que atendimento a saúde modifica o resultado obtido junto aos alunos com deficiência	114
Figura 17 - Gráfico 17- Você acha importante o plano de ação para os alunos com deficiência	116
Figura 18 - Roteiro de Entrevista	106

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**



AEE	Atendimento Educacional Especializado
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CDPD	Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência
CAD	Cadastro Único
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
CRAS	Centro Referência Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado Assistência Social
CORDE	Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
HTPI	Hora de Trabalho Pedagógico Individual
HTPC	Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo
HSH	Homens que fazem sexo com homens
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IST	Infecção sexualmente transmissível
IPREV	Instituto de Previdência Social dos Servidores de Santos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MDSA	Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
PPEs	Políticas Públicas Educacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PEI	Plano Educacional Individualizado
PIGEAD	Planejamento, Implementação, Gestão a Distância

PROLIND Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais  
Indígenas

SUS Sistema Único de Saúde

SUAS Sistema Único de Assistência Social

SEDUC Secretaria de Educação

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

UNIMES Universidade Metropolitana de Santos

USP Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1- MINHA TRAJETÓRIA, SENSIBILIZANDO MEU OLHAR....	19
CAPÍTULO 2- CONTEXTO LEGAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	30
2.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO .....	35
2.2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: BREVE HISTÓRICO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO .....	39
2.2.1 SOBRE A COMPLEXIDADE HUMANA .....	42
2.3 CENÁRIO INTERNACIONAL E NOVAS DIRETRIZES DO MEC.....	45
3- POLÍTICAS DE INCLUSÃO E O PROCESSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	53
3.1 PROGRAMA ESCOLA ACESSÍVEL PROMOVE CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE A ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL .....	56
3.1.1 FAMÍLIA E O PROCESSO DE INCLUSÃO.....	62
CAPÍTULO 3.2 OS DESAFIOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	75
3.3- EDUCAÇÃO BÁSICA: A FORMAÇÃO CONTINUADA E AS DIFERENÇAS DAS CATEGORIAS DOCENTES .....	82
3.4. O USO DE TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	95
4- A PESQUISA .....	99
4.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES .....	102
4.2 ASPECTOS FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS – CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA INCLUSIVA.....	121

REFERÊNCIAS.....	125
129	
APÊNDICE A .....	130
APRESENTAÇÃO.....	132
1- INTRODUÇÃO.....	136
OBJETIVO .....	139
OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	139
2- O PARADIGMA NA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL .....	140
2.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO .....	142
3. ASPECTOS FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA.....	147
4. ASPECTOS DO PERFIL DOS DOCENTES .....	153
4.1 APRESENTAÇÃO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	157
5. OS DESAFIOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	160
5.1 O USO DE TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	168
6. PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM HTPC .....	171
7. CRONOGRAMA .....	173
OBJETIVOS .....	174
1º - MÓDULO.....	174
2º - MÓDULO – 10H .....	177
3º- MÓDULO- 10H.....	179

4- MÓDULO .....	180
5- MÓDULO .....	181
REFERENCIAL.....	184
APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista.....	186

## INTRODUÇÃO

“O poder de acreditar que posso fazer a diferença, transborda meu coração de esperança.”

Fui motivada a fazer uma pesquisa sobre educação inclusiva por me sentir descontente com algumas situações, inicialmente por ter sido estudante de escolas públicas e passar por situações de exclusão e discriminação por conta da condição social e, posteriormente por discordar da educação tradicional vigente, sem sentido, conteudista e centrada no professor.

Tal situação levou-me ao longo da trajetória de formação escolar e profissional, como também na prática docente o despertar de sentimentos de inconformidade e decepção com o sistema educacional brasileiro ainda caracterizado pelos processos excludentes que produz, principalmente, em função dos resultados insatisfatórios do rendimento escolar, que desmotivam os alunos nos bancos escolares desde muito cedo.

Minha primeira graduação realizada bacharelado em Serviço Social, desperta a consciência de classe. O contato com as populações em situação de vulnerabilidade social vai influenciar diretamente que eu tenha uma postura de resistência a esse sistema, bem como, venha a acreditar que a educação transforma a vida das pessoas, sendo talvez a oportunidade mais plausível que essas pessoas tenham de ascensão profissional e intelectual, impulsionando-me tal percepção à graduação em Pedagogia.

Penso que a educação pode fornecer ferramentas para que os alunos de

Escolas públicas lutem pelos seus direitos, desde que a escola seja um espaço para todos e que os conhecimentos construídos possibilitem estratégias para qualidade de vida e uma sociedade melhor.

A inclusão de alunos com deficiência no sistema educacional faz parte do meu cotidiano nestes quatorze anos dedicados ao magistério. Acredito no ser humano e que todas as pessoas aprendem, cada uma no seu tempo e de maneira diferente. É preciso respeitar as diferenças, pois todos saem ganhando e, conviver com a diversidade é um exercício de cidadania.

*a verdade, resiste-se a inclusão escolar, porque ela nos faz lembrar que temos uma dívida a saldar em relação aos alunos que excluímos, pelos motivos mais banais e inconsistentes, apoiados por uma organização pedagógica escolar que se destina aos alunos ideais padronizados por uma concepção de normalidade e de eficiência arbitrariamente definida (MANTOAN, 2003, p.25).*

A fala de alguns professores e, às vezes, da equipe gestora, sobre a permanência de alunos com deficiência na escola, causam muito desconforto, vou citar exemplos:

- O que ele está fazendo aqui? Não aprende nada!
- O que eu faço com ele?
- Não sei trabalhar com gente desse tipo, não tenho formação para isso!

Desconheço a existência de vários tipos de gente, penso que cada pessoa é única e todas têm sentimentos, gostam de atenção, respeito e esperam por aceitação e poder conviver em sociedade.

Essa resistência ao direito do aluno de estar na escola independente de sua condição de pessoa com deficiência prejudica o acolhimento e a construção dos vínculos necessários e inviabiliza acreditar nas várias possibilidades existentes de trabalho com esses alunos.

Quanto à formação docente, tanto a inicial como a de continuidade, creio necessitar de conhecimentos teóricos e práticos sólidos na perspectiva da inclusão, não só dos alunos com deficiência, mas de todos os demais que também são excluídos das escolas por suas condições de desigualdades econômicas, sociais e culturais.

Após vários anos de implantação das políticas de educação inclusiva, ainda nos deparamos com inúmeras dificuldades nas escolas públicas, por isso a formação deve possibilitar novas práticas pedagógicas e uma resignificação das práxis, ou seja, possibilitar o exercício da reflexão crítica sobre as práticas docentes e a realidade onde elas acontecem visando à construção e consolidação de projetos educativos efetivamente inclusivos.

*A inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente no seu apelo às mudanças nas escolas comuns e especiais. Sabemos, contudo, que sem essas mudanças não garantimos a condição de nossas escolas receberem, [...] indistintamente, a todos os alunos, oferecendo-lhes condições de prosseguir em seus estudos, segundo a capacidade de cada um, sem discriminações nem espaços segregados de educação (MANTOAN, 2003, p. 23).*

Nessa mesma perspectiva, ou seja, da consolidação de um projeto educativo inclusivo, considero que as estratégias de ensino devem viabilizar a aprendizagem para todos, portanto devem ser pensadas e planejadas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos individualmente, buscando-se atender às demandas individuais de aprendizagem.

*A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividades psicológicas. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo (VYGOTSKY, 2003, p.86).*

Do mesmo modo, reforçando a necessidade de empenho na formação docente que viabilize a construção de práticas pedagógicas ativas e desafiadoras que possam conduzir o aluno ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores e, portanto, à formação de conceitos, esclarece Goméz:

*Os alunos as aprendem e assimilam teorias, disposições e condutas não apenas como consequência da transmissão e intercâmbio de ideias (sic) e conhecimentos explícitos no currículo oficial, mas também e principalmente como consequência (sic) das interações sociais de todo o tipo que ocorrem na escola ou na aula (GOMÉZ, 1998, p.17).*

Nesse contexto, tenciono com esta pesquisa identificar quais as dificuldades encontradas nas práticas didático pedagógicas dos docentes que atuam no Ensino Fundamental I de escola pública municipal em Praia Grande no estado de São Paulo, bem como relacionar as possíveis lacunas que ocorrem na formação docente lacunas que ocorrem na formação docente quanto à reflexão teórico crítica e prática da educação inclusiva.



Quanto à metodologia, penso ser pertinente uma breve consideração sobre o enfoque metodológico que sustenta o método, técnicas e procedimentos adotados, mesmo que o detalhamento seja descrito posteriormente em capítulo próprio.

Neste sentido, o fenômeno investigado, ou seja, as percepções dos docentes atuantes na educação inclusiva de escola pública de ensino fundamental I sobre suas práticas e formação inicial e continuada foi desenvolvida a partir de uma pesquisa qualitativa, pois as condições da investigação se adequam às características destas pesquisas, tais como:

- Ter a escola como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento -chave;
- Ser descritiva, isto é, usa como dados ou informações coletadas na realidade investigada;
- Ser o processo de pesquisa relevante, não só os resultados e o seu produto;
- Possibilitar a análise indutiva dos dados;
- Ser a significação a preocupação essencial na abordagem.

Quanto ao enfoque metodológico, insere-se a pesquisa no subjetivismo-compreensivista, isto é:

*privilegiam-se os aspectos da consciência, subjetivos dos atores participantes. Importam os conceitos, as representações, as compreensões sobre o contexto cultural, da realidade histórica de relevância dos fenômenos pelos significados que eles têm para o sujeito (TRIVINÓS, 1994, p.117).*

A pesquisa tem seu desenvolvimento em duas etapas: (I) a pesquisa bibliográfica para levantamento teórico do fenômeno investigado, ou seja, a educação inclusiva no Brasil, suas políticas públicas educacionais, as orientações multilaterais da educação inclusiva e seus impactos no processo da educação inclusiva e, sobretudo, a própria realidade educacional brasileira; (II) pesquisa empírica do fenômeno investigado, a partir da coleta de dados ou informações por meio de entrevistas aos docentes participantes e atuantes na educação inclusiva em escola de Ensino Fundamental I, no município da Praia Grande, no estado de São Paulo.

Assim, no capítulo 1, faço narração da minha trajetória formativa pois a as narrativas de histórias de vida de professores refletem sobre a constituição da identidade docente, pois considerada essa dinâmica das interações biográficas, busca atentar-se aos modos de ser, de tornar-se e de ver-se professor no exercício da docência e como se constrói a formação do sujeito aprendiz, como aprendemos.

No capítulo 2, discuto o direito à educação da pessoa com deficiência e aponta o percurso da instauração de mudanças enquanto paradigma na concepção da educação inclusiva no Brasil. Apresenta também, breve discussão histórica, política, social e econômica da construção do ideário da inclusão e seus impactos na realidade educacional brasileira.

No Capítulo 3, destaco os desafios sobre a formação continuada do docente, mobilizando a questão fundante pela perspectiva da diversidade implicada na proposta da Educação Inclusiva, que exige do professor o conhecimento indispensável para fazer frente à complexidade que envolve esta realidade.

O Capítulo 4 apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento deste estudo, contendo os objetivos desta pesquisa, aponta os sujeitos participantes do trabalho e o local em que a pesquisa foi desenvolvida, apresenta a escolha metodológica e os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste estudo.

Com base nos resultados e apontamentos da pesquisa elaborei um *Ebook* que apresenta algumas experiências exitosas que aconteceram no Município de Praia Grande.

## CAPÍTULO 1- MINHA TRAJETÓRIA, SENSIBILIZANDO MEU OLHAR

*[...] eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana (RUBENS ALVES, **A educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus Editora, 2005.)*

O poema de Rubens Alves convida-me a refletir sobre meus anseios por uma escola que antes de realizar sua função de ensinar, se esforce para enxergar a todos, que não apenas veja os que lá estão, mas, que perceba a cada um como ser único que traz em sua bagagem histórias de vida, muitas vezes marcadas pelos assombros sociais, econômicos e culturais que lhes roubam sua humanidade e, que por isso, precisam do acolhimento, respeito e da generosidade dos professores e professoras, que lhes ensinarão a romper com esses assombros presentes na vida, na sociedade e também na escola, possibilitando-lhes, quem sabe, o resgate da humanidade perdida.

Minha trajetória escolar foi na educação pública, sempre estudei em escolas públicas estaduais.

Para minha mãe, a educação era um valor caro, de suma importância, dizia ela frequentemente: “você é muito inteligente, vai estudar para ser importante quando crescer”. Meu pai faleceu em um acidente, deixando minha mãe viúva e com sete filhos, ficando para ela a responsabilidade da nossa educação. Penso, que seus discursos estão em mim introjetados.

Minha alfabetização precedeu a escola, ingressei em uma instituição escolar aos sete anos de idade, já alfabetizada.

Dessa época guardo lembranças que não posso chamar de boas, o contexto era o de uma escola bem tradicional. Os alunos eram dispostos em carteiras de madeira fixas no chão e separados conforme o seu rendimento escolar.

Assim, os alunos eram classificados em fortes ou fracos, e “com esses rótulos”

Feitos pela professora, a organização didática e espacial da sala de aula. Por vezes minha sensação de incomodo era enorme, pois já percebia ser desnecessário essa atitude, qual o motivo de não poder colaborar com o outro.

A justificativa usada para validar a divisão entre os alunos era a de impedir que houvesse a “cola”. Por estar alfabetizada, era comum terminar as atividades mais rápido que os demais alunos e, com isso, podia observar as dificuldades dos colegas e as cobranças da professora para com aqueles que não conseguiam concluir no tempo esperado. Tenho em minha mente cenas em que eu não podia ajudar a minha própria amiga que não era alfabetizada. Infelizmente, o entendimento de que “a inclusão é sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças”, não era aplicado. (MANTOAN, 2003)

Pairava em mim um sentimento de impotência perante às situações em que, eu não podia interferir, não tinha o direito de fala jamais poderia argumentar qualquer ordem dada pela professora. Além disso, minha mãe não admitiria qualquer reclamação vinda da escola.

Cópias, leituras e lição de casa eram as atividades geralmente desenvolvidas. Os conteúdos passados na lousa eram para ser copiados e memorizados, mas o sentido, o significado e a utilização daquilo não eram ensinados, ouvíamos apenas que estávamos aprendendo.

Usei vários cadernos de caligrafia para melhorar a minha letra considerada feia. Estar fora do padrão me custou algumas palmatórias aplicadas pela minha mãe e notas rebaixadas pela professora por falta de capricho, pela letra feia que, com todo o esforço, continuava igual, sem progresso.

Do intervalo, ou da hora do recreio, como costumávamos dizer, guardo as boas lembranças: brincadeiras de roda, esconde-esconde, cinco Marias eram a diversão no pátio da escola, isso quando não chovia, pois a escola era muito rústica, possuía apenas o pátio, não havia quadra ou cobertura. O recreio em si, como tempo para alimentação, não era prazeroso, afinal, quase todos os dias era servida a mesma comida: polenta, arroz doce e mingau, a maioria das crianças jogavam fora.

Durante minha escolaridade não obtive reprovações e era avaliada como boa aluna. Lamentações ou reprovações não podiam acontecer, pois a situação financeira

da minha mãe com seus sete filhos era bem difícil, por isso a compra de materiais escolares e uniformes para nos mantermos na escola era algo dificultoso e não se podia desperdiçar. Material escolar e uniforme eram compartilhados pelos irmãos, passando dos mais velhos para os mais novos, um ajudava o outro nas lições de casa e, minha mãe, quando chegava em casa do trabalho, mesmo tarde, sempre se preocupava em saber como havia sido o dia na escola e se inteirava das tarefas escolares.

Logo na quinta série do antigo primeiro grau, comecei a trabalhar e fui transferida para o período noturno com a autorização do Juizado de Menores e, também fui dispensada de realizar as aulas de Educação Física. Não tenho lembranças de nenhuma professora do primeiro grau que tenha feito diferença na minha vida ou marcado sua passagem com um gesto de atenção ou carinho, realmente só me lembro de suas ações para transmitir o conteúdo programático.

Finalizei o Ensino Fundamental e na mesma época, realizei o Curso de Datilografia, o que ajudou inserir-me no mercado de trabalho. Assim, aos quatorze anos iniciava meu primeiro emprego com registro em carteira profissional, fui contratada como recepcionista em um Laboratório de Análises Clínicas no Município de Santos.

Dei prosseguimento aos estudos prestando o Vestibulinho, forma de ingresso no Ensino Médio, naquela época, cursando uma escola estadual Canadá, que era considerada uma referência de qualidade no município de Santos.

Apesar de ser considerada uma escola referência de qualidade, sua estrutura física era precária, sendo visível a falta de manutenção e, também seu trabalho pedagógico, pois a falta de professores era constante. Lembro-me de dias em que só tínhamos duas ou três aulas e o restante do tempo era aula vaga. Ficar ociosa dentro da escola depois de um dia de trabalho era bastante cansativo e desestimulante.

Por orientação e sugestão dos meus patrões resolvi fazer um curso técnico em patologia clínica, pois sairia do ensino médio com uma profissão, e, depois de formada, teria uma promoção.

Fiquei encantada com o curso de Patologia Clínica e os laboratórios disponíveis para as aulas práticas. Os professores eram todos biólogos e a maioria trabalhava no Instituto Adolfo Lutz, um Centro de Referência em Diagnóstico do Estado de São Paulo. Compartilhavam conosco muitos saberes, tanto na teoria como na prática.

Para mim, naquela época, as vantagens dos cursos técnicos eram ter uma profissão, aumento significativo de salário e a redução de carga horária escolar, o que possibilitaria ter mais de um emprego. Desse modo, a profissão veio por oportunidade e não por vocação, pois nunca havia pensado em trabalhar na área da saúde.

A minha maior dificuldade foi pagar o curso que custava exatamente o valor do meu salário, assim, por dois anos, repassei meu salário de forma integral e, com ajuda da minha família, concluí o curso.

Assim, como planejado, recebi minha promoção e obtive um emprego na Santa Casa de Santos que, por ser um hospital de grande porte e de muita demanda, contribuiu em muito para aquisição de novos conhecimentos e experiência sobre Análises Clínicas.

Disposição e vontade de aprender não faltaram, trabalhei em muitos plantões, e em diversas seções. Essas experiências aliadas aos desafios da profissão fizeram-me sentir apta para trabalhar em qualquer outro lugar.

Aos 18 anos tive a oportunidade de trabalhar na Santa Casa de Santos, circulando pela UTI adulto e Cardíaca, Nefrologia, Centro Cirúrgico, Terapia de Queimados, pediatria e outros locais além do laboratório de análises clínicas.

Um evento marcante foi a tragédia na Vila Socó situada no município de Cubatão, em fevereiro de 1984, em que grande parte dos queimados foram levados ao município de Santos, por existirem ali, as condições de atendimento necessárias ao enfrentamento daquela tragédia.

Passados oito anos da tragédia da vila Socó, em 1992 outro acontecimento que marcou minha vida profissional, ou seja, a cidade de Santos foi, lamentavelmente, reconhecida como a capital da AIDS, ao mesmo tempo em que na época, a demanda

por profissionais da saúde era notória, criando-se assim, as condições para a implantação do SUS em Santos e, por consequência, a demanda por profissionais da área de saúde e a abertura de concurso público.

Sendo assim, aos 24 anos de idade, prestei o concurso e passei com boa classificação, o novo emprego me possibilitou ganhar uma renda de dez salários-mínimos que, para a época, era um salário muito bom e que me possibilitou custear estudos de nível superior.

Prestei vestibular para o curso de graduação em Biologia e iniciei a Graduação, por dois anos cursei a faculdade na parte da manhã, trabalhava à tarde em um laboratório particular e à noite, em plantões na prefeitura, uma rotina bastante atribulada. No entanto, abandonei o curso por perceber que não era o que buscava, já que, predominantemente, se desenvolvia no curso conhecimentos das disciplinas das ciências exatas e, de fato, objetivava obter conhecimentos que me ajudassem a ter um olhar mais humanizado para atender as pessoas, principalmente àquelas que por suas condições de vulnerabilidade sofriam preconceitos, eram maltratadas e, muitas vezes, só tinham suas necessidades atendidas, não pelo reconhecimento de seu direito, mas por caridade de alguém mais sensível às suas demandas.

Pouco tempo depois, fui transferida para o setor de prevenção às IST/AIDS na região central de Santos. Um trabalho iniciado devido a ocorrência de uma epidemia de AIDS sem precedentes, com transmissão acentuada, principalmente e entre pessoas de grupos mais vulneráveis, como a população LGBTQIA+, profissionais do sexo, população em situação de rua, entre outros.

O preconceito era um dos grandes desafios, até mesmo por parte dos profissionais de saúde, que tinham medo da contaminação e, por isso, relutavam para aceitar trabalhar nestes setores, o que acabou por levar à administração pública oferecer, como estímulo, uma gratificação de periculosidade de quarenta por cento nos provimentos dos funcionários que aderissem ao programa de combate à IST/AIDS e, assim, conseguir reunir uma equipe de trabalho.

Passei por muitos treinamentos proporcionados pelo Ministério da Saúde e tive o privilégio de estar aprendendo juntamente com uma equipe de muita competência técnica e de bom senso, que acreditava na educação e na conscientização da

população para o êxito do programa de combate a IST/AIDS, pois o medo e a falta de informações sobre a AIDS desencadeou uma verdadeira perseguição à população LGBTQIA+ por parte dos conservadores, religiosos e outros falsos moralistas. O tempo e os boletins epidemiológicos não tardam em mostrar o equívoco que estava sendo cometido, pois com o aumento de casos entre heterossexuais a própria ciência reformulou os conceitos e os governos as suas ações.

Toda essa experiência provocou uma mudança em relação aos meus objetivos profissionais, um novo olhar surgia, percebi que prevenção e diagnóstico precoce eram ações significativas que poderiam mudar a vida das pessoas e, isso me fez ressignificar meu caminho profissional.

A chegada em Santos do primeiro Tomógrafo no Hospital Estadual Guilherme Álvaro, meus contatos com os profissionais motivados com a ideia da prevenção na saúde e a felicidade de proporcionar bem estar aos usuários do SUS me impulsionaram a fazer um curso técnico na nova área de diagnóstico por imagens, cursando, então, o Técnico em Radiologia e compondo a primeira turma da baixada santista.

A gravidez me afasta do trabalho na radiologia, mas da motivação vivida no trabalho nas campanhas para diagnóstico precoce e acolhimento dos pacientes acometidos para adesão ao tratamento, realizado em uma equipe multiprofissional, motiva-me fazer um vestibular para o curso de Serviço Social, na Universidade Católica de Santos, onde iniciei e conclui minha primeira graduação, em 1999.

Do programa de IST/AIDS, que vai se estendendo para outros setores sociais a partir de diferentes ações, como no exemplo do aconselhamento no (CTA) Centro de Testagem e Aconselhamento para o diagnóstico precoce e ações extramuros com populações em situação de vulnerabilidade social e, também estendidos a outros públicos como idosos, mulheres, adolescentes, assim como a promoção de cursos aos profissionais da saúde sobre acolhimento e protocolos ao atendimento dos portadores das IST/AIDS, pois destes profissionais dependem o sucesso do programa, vai sendo em mim incorporada a ideia da importância da educação no



processo de edificação da saúde pública e me aproximando de outro campo profissional.

Surge-me a oportunidade de realizar uma pós-graduação, que inicialmente fui buscar na área de saúde pública, mas que acabou se concretizando na área educacional, fiz um curso de Psicopedagogia.

O conhecimento com outros profissionais possibilitou-me, ao término do curso, uma nova experiência profissional, isto é, foi constituída uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, fonoaudiólogo, nutricionista e psicopedagogo para atuar com crianças, jovens e adultos com dificuldades de aprendizagens.

Esse trabalho foi gradativamente me colocando em contato com a área educacional, pois a maior queixa das famílias atendidas estava relacionada a educação escolar, o que me levou a perceber também, que ao buscar contato com as escolas frequentadas por nossos pacientes, faltava-me conhecimento de conceitos educacionais importantes e, que prejudicavam minha comunicação com esses novos atores profissionais.

Ainda, convém citar que muitos dos atendimentos eram realizados com crianças ou jovens com laudos indicativos de Dislexia, Transtorno do Espectro Autista, Hiperatividade, síndromes raras e outras comorbidades. Neste sentido, também me faltavam argumentos mais sólidos para discussões sobre a inclusão escolar. Iniciei, então, uma nova graduação, a Pedagogia.

Não havia abandonado minha profissão inicial, por isso continuei me atualizando, como numa pós-graduação de Saúde Pública, que me possibilitou um conhecimento importante relativo à implantação do Sistema Único de Assistência Social - SUAS e o Cadastro Único - CAD, que permitem aos profissionais o entendimento sobre a coleta e gerenciamento das informações sobre as famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade econômica e social e como tais informações são utilizadas para a realização das políticas públicas sociais, entre elas saúde e educação.

Talvez, possa parecer que essa apresentação detalhada na área da saúde possa não ter importância para essa dissertação de mestrado, no entanto acredito

que o alvo das duas áreas são as pessoas, que precisam ter saúde e educação, que é, entre outras coisas, a base para o desenvolvimento de uma vida plena.

Desse modo, agora passo a focar o percurso profissional na área educacional. Neste sentido, ainda cito como processo de formação a pós-graduação em Gestão Educacional e outros cursos de atualização, como S.O.S computadores; Pró ler de Língua Portuguesa e Matemática.

Iniciei no magistério por meio de um processo seletivo no Município de São Vicente para professor de Novas Tecnologias, fiz um contrato para lecionar por dois anos nos Laboratórios de Informática nas escolas de Ensino Fundamental II, uma experiência muito prazerosa, que também, creio, compartilhada pelos alunos.

Logo percebi, que as precárias condições materiais da saúde, são também encontradas na educação. Apenas dezesseis computadores para toda classe, onde os alunos se sentavam em dupla e, demonstravam muito interesse. Porém, os equipamentos sem manutenção foram quebrando e parando de funcionar, no final do segundo ano, já tínhamos várias sucatas no laboratório e dificuldade para realizar o projeto de inclusão digital, proposta da minha contratação.

Pensando no futuro, perto da aposentadoria e, ainda, com muito a contribuir, prestei concurso público municipal para o cargo de professor adjunto na prefeitura de Praia Grande, podendo atuar na Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, inclusive na modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Comecei na educação infantil em uma creche com mil alunos, distribuídos em três períodos e com funcionamento das sete às dezenove horas.

É um grande desafio estar em uma sala de aula, muito diferente de tudo que aprendi nos bancos da universidade. Diante de trinta alunos, quero que todos aprendam e isso requer um olhar diferenciado para cada um deles. O acolhimento e estabelecer os vínculos são sempre preocupações fundamentais, sei que alguns vão aprender no coletivo e outros precisam de atenção individualizada.

Atuei em vários projetos da Seduc como, por exemplo, o de professor de novas tecnologias, que tem como função implantar a acessibilidade digital, nas escolas,

dando suporte para os professores e alunos, atuando por três anos no referido projeto.

Na sequência, fui atuar como interlocutor de Libras, pois tinha experiência anterior trabalhando com uma aluna com Surdez congênita e havia feito na Congregação dos Surdos os cursos de Libras básico e intermediário para conversação, deste modo, preenchia os pré-requisitos para participar do projeto de interlocutores do Município de Praia Grande, onde acompanhei dois alunos surdos para fazer a interlocução no ensino fundamental.

Por conta da minha formação em Serviço Social e Pedagogia fui convidada para trabalhar no Programa Federal Projovem Urbano, que tem como objetivo reintegrar jovens em situação de vulnerabilidade social, cumprindo medidas sócio educativas como Liberdade Assistida, ao processo educacional, promover sua qualificação profissional e assegurar o acesso a ações de cidadania, esporte, cultura e lazer.

Na certeza de que a formação profissional é contínua, realizei outras duas pós-graduações: sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e, outra, na Universidade Aberta do Brasil, sobre Planejamento, Implementação e Gestão da EAD – PIGEAD.

Agora já aposentada da área da saúde e com tempo para dedicação exclusiva, assumi a função de Assistente Técnico Pedagógico de Inclusão, minha formação acadêmica ajudou muito a conquistar essa vaga e acredito que posso contribuir com os alunos de inclusão do Município de Praia Grande.

Neste sentido de busca de mais conhecimento, encontro-me finalizando uma pós-graduação em Transtorno do Espectro Autista, pois, na nova atuação, tenho me deparado com altas demandas de inclusão de crianças com laudo de Transtorno Espectro Autista (TEA) na rede regular de ensino municipal de Praia Grande. Do mesmo modo, participar do processo seletivo do Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental foi outra grande iniciativa em busca de aprimoramento profissional, que me levou ao desafio da produção de minha

dissertação sobre o processo de inclusão escolar de crianças, jovens e adultos com deficiência.

Assim, estou convencida de que somos eternos aprendizes e, que, desta aprendizagem constante, depende a qualidade de nossas práticas. As práticas educativas, tanto na educação escolar como na saúde, devem levar em conta as reais necessidades dos indivíduos, que são diferentes entre si e, por isso, demandam formas de atendimentos individualizados e não de massa, como normalmente ocorre.

Buscar respostas de como desenvolver um trabalho significativo que faça diferença para a vida das pessoas para as quais ele é destinado é um desafio que está subjacente em todo o processo de pesquisa que busco desenvolver. Certamente, não estou aqui me referindo apenas aos conhecimentos teóricos e práticos necessários ao desenvolvimento dessa prática profissional, mas também a análise reflexiva e crítica das condições em que ela é desenvolvida.

Assim, penso que as práticas escolares e, também, as de saúde, não dependem só dos recursos humanos e de sua formação, mas, também das condições de trabalho, salários e das políticas públicas a elas vinculadas, que em conjunto com a diversa rede de relações na escola, constituem o dinâmico e complexo fenômeno da inclusão, que precisa ser analisado de forma crítica para que se possa, talvez, compreender os motivos pelos quais, após, tantos anos da implementação da educação especial na perspectiva inclusiva, ela não foi ainda incorporada de forma efetiva nas práticas escolares.

Desse modo, no meu cotidiano profissional fico muito incomodada com algumas falas e posturas verificadas, tanto dos professores como gestores, tais como: “O que ele está fazendo aqui”; “Ele não aprende nada”, discursos fatalistas, que a priori negam a escola como lugar para esses alunos, revelam o descrédito nas possibilidades de aprendizagem para todos, ou seja, negam as perspectivas de educação escolar para os alunos com deficiência, pelo menos, nas escolas chamada de Ensino Regular.

Depois de muitos anos de trabalho na educação inclusiva e vendo na prática o progresso de muitos alunos, chego à conclusão de que não posso aceitar a possibilidade de existir ser humano que não aprenda nada.

Considerando então, os incômodos, mas também a certeza de que a educação inclusiva é uma possibilidade e uma necessidade decido buscar os caminhos da pesquisa para primeiro, compreender e me aperfeiçoar e, depois, atuar para contribuição de alterar a realidade encontrada.

Portanto, a pesquisa que desenvolvo tem como foco a Formação Docente, pois como Coordenadora de Educação Inclusiva, preciso, antes de orientar todos os professores na direção da educação inclusiva, desafiar-me a compreender o processo de formação e torná-lo também, uma formação inclusiva, ou seja, essencialmente democrática, coletiva e de reflexão crítica na realidade escolar, que é, sobretudo, excludente.

Por acompanhando oito diferentes escolas, a cada dia realizo visita em uma escola e vou percebendo as diferenças de um local para outro, esse processo inclusivo é um grande desafio, pois temos as especificidades de cada aluno e temos que fazer ajustes, adaptações e acessibilidades pertinentes às necessidades dos mesmos.

Por acompanhar oito diferentes escolas, percebo que são únicas, diferentes entre si, algumas são mais acessíveis. As pessoas, ou seja, os profissionais, sentem-se pertencentes e participativos na dinâmica do ambiente escolar, são suas atitudes mais acolhedoras desde os profissionais da gestão até professores e demais profissionais de apoio da escola estende-se tal percepção, sendo que, nessas escolas, são mais frequentes as possibilidades de sucesso nas ações de inclusão e reconhecidas pelas famílias que se sentem mais acolhidas e seguras, indicando que cada escola na sua peculiaridade tem indicativos de prática de inclusão ou de sua negação, que precisam ser rigorosamente analisados a partir de reflexões críticas e coletivas no sentido de identificar os mecanismos excludentes que estão impregnados nas práticas escolares, afim de superá-los, não se tratando portanto, de editar um manual de como se fazer a inclusão.

Portanto, como mestranda busco ampliar a argumentação teórica e a prática da pesquisa científica tendo como tema o processo de inclusão escolar e como foco a formação docente continuada na perspectiva da educação inclusiva, com ênfase para inclusão dos alunos com deficiência.

## **CAPÍTULO 2- CONTEXTO LEGAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Este capítulo discute o direito à educação da pessoa com deficiência e aponta o percurso da instauração de mudanças enquanto paradigma na concepção da educação inclusiva no Brasil. Apresenta também, breve discussão histórica, política,

social e econômica da construção do ideário da inclusão e seus impactos na realidade educacional brasileira.

Vamos acompanhar a série histórica para facilitar a visualização e a complexidade do processo de inclusão na sociedade brasileira.





A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva define o movimento mundial pela educação inclusiva como sendo “uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação”. E conceitua que: “A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia



de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.”

No Brasil, a educação especial foi organizada de forma paralela à educação do Ensino Regular. A concepção desse modelo era que os alunos com deficiências não tinham condições de se adaptarem ao modelo de escola tradicional do sistema de ensino brasileiro. Esse modelo de educação especial, enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, com práticas em contraposição à sua dimensão pedagógica e com propostas baseadas no modelo de integração. O processo de integração escolar reforça a vigência do paradigma tradicional dos serviços educacionais. Embora os vocábulos integração e inclusão tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de inserção diferentes e fundamentam-se em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes. Segundo Mantoan (2003) a integração escolar seleciona os alunos que estariam aptos à inserção. Para esses casos, são indicados: a individualização dos programas escolares; currículos adaptados; avaliações especiais; redução de objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender. A escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptar às suas exigências. O aluno no processo de integração transita no sistema escolar, da classe regular ao ensino especial (classe especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados.

A partir de 2003, a educação inclusiva se tornou parte da agenda educacional do Brasil. O desenvolvimento de uma abordagem inclusiva para a educação brasileira foi formalizado em 2008 por meio da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. A política abrange orientações pedagógicas, formação de professores, disseminação de tecnologias de apoio e investimentos em acessibilidade, permitindo e fornecendo incentivos para que as escolas públicas efetivamente atendam os estudantes com deficiência. O desenvolvimento de estudos no campo da educação e dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, a legislação, as práticas educacionais e de gestão, indicando a necessidade de se promover uma reestruturação das escolas de ensino regular e da educação especial.

Embora o movimento da educação inclusiva mostra avanços nos processos de transformação que apontam para a superação da concepção tradicional de educação, os desafios persistem na implementação de um sistema educacional efetivamente inclusivo no país. O Brasil tem uma longa história de exclusão educacional de pessoas estigmatizadas pelo seu status de deficiência, raça, etnia, gênero, orientação sexual e condição socioeconômica. Muitos estudantes com deficiência ainda enfrentam barreiras para se matricular em escolas regulares. Outros encontram somente propostas pedagógicas baseadas em modelos de integração em escolas que não operam programas de inclusão de qualidade. No entanto, é importante destacar os compromissos assumidos e os desafios em um país marcado pela desigualdade social e com as grandes dimensões como é o Brasil. De acordo com as Nações Unidas, cerca de 10% da população mundial tem algum tipo de deficiência. Isso faz com que as pessoas com deficiência pertençam à maior minoria populacional no mundo.

Movimentos sociais de pessoas com deficiência, familiares e ativistas da área de direitos humanos e de educação inclusiva têm trabalhado para assegurar que a mobilização em prol da política de educação inclusiva continue no Brasil. Ativistas da causa das pessoas com deficiência têm chamado a atenção para mudanças nas estruturas curriculares, nas práticas de ensino e aprendizagem, e na administração tanto das escolas públicas quanto das escolas privadas. Em 2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146) conciliou a legislação brasileira com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ratificada no Brasil pelo Decreto Legislativo 186/2008 e pelo Decreto Executivo 6949/2009.9.

As reformas nos sistemas educacionais a partir da década de 1990, promoveram a criação de políticas com o compromisso de efetuar mudanças na instituição escolar envolvendo: os currículos, a obrigatoriedade, a acessibilidade, a quantidade de anos do atendimento da educação básica, além de mudanças quanto no que se refere a universalização do acesso, visando atender ao direito fundamental do indivíduo à educação.

## 2.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO

O direito à educação, reconhecido como um direito social, está expresso na Constituição Federal Brasileira de 1988, define o direito à educação como condição fundamental para o exercício de todos os demais direitos, sejam eles civis, políticos, sociais, econômicos ou de qualquer outra natureza. Tanto os textos constitucionais, assim como o de diversas convenções internacionais, expressam o caráter de fundamentalização do direito à educação e intrinsecamente relacionado ao princípio da dignidade humana.

A garantia de direitos da pessoa com deficiência é um tema que vem sendo discutido a um longo tempo. Um conjunto de dispositivos legais foram instituídos, principalmente nas últimas décadas, com o objetivo de garantir que a educação de pessoas com deficiência seja efetivamente inserida no sistema educacional. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961 foi a primeira lei federal que indicou o direito das pessoas com deficiência à educação, de preferência, dentro do sistema regular de ensino: “Art. 88. A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade”. Logo após a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional alterada, se deu através da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, mudou a organização do ensino no Brasil e em relação o direito das pessoas com deficiência à educação, essa lei estabelece: Art. 9º OS alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

Durante esse período histórico, é importante ressaltar que na Constituição Federal de 1967, elaborada na vigência da ditadura militar de 1964, não se observam alterações relevantes em relação à educação. No capítulo intitulado “Da Família, da Educação e da Cultura” (artigos 167-172), a perspectiva para essa temática apresenta sintonia com o modelo político da época, com as características autoritárias do regime político vigente. Nesse período, a educação de pessoas com deficiência foi mencionada pela primeira vez em um texto normativo na Emenda Constitucional nº 1, de 1969, mas ocorreu tão somente para indicar que caberia à lei especial dispor

sobre a educação de “excepcionais”, e inclui a temática em artigo destinado à família e sua proteção pelo Estado.

A grande transformação normativa, ocorre após a ditadura militar, no ambiente da redemocratização do país. Houve nesse contexto uma renovação da perspectiva sobre a educação e sobre os direitos da pessoa com deficiência. A Constituição Federal de 1988, restituiu os direitos sociais em seu artigo 6º, incluiu a educação no rol desses direitos, e menciona e estabelece nos artigos 205 a 214, que: Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Foi estabelecido a inclusão como direito à educação no rol dos direitos sociais, e logo, considerado um direito fundamental. A efetividade do direito à educação é condição fundamental e está descrita no Art.3 com a seguinte redação: sem a garantia da educação, não há como pensar a construção de uma sociedade justa, livre e solidária, a garantia do desenvolvimento nacional, a erradicação da pobreza e da marginalização, com a redução das desigualdades sociais e regionais e a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Essas premissas sobre o processo inclusivo brasileiro previstas na Constituição Federal de 1988, ofereceu as bases para que as políticas de igualdade passassem a constar na pauta das políticas públicas, quando prevê, no Capítulo III- Da Educação, da Cultura e do Desporto, em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e, no artigo 206, inciso I, que deve haver igualdade de condições de acesso e permanência na escola, o que na interpretação das normas, há de se entender que todo o tipo de interação pode beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos alunos, em geral (MANTOAN, 2003). Muitas legislações foram elaboradas a partir da dos princípios propostos pela Constituição, como a Lei nº 7.853/89, que determinou a obrigatoriedade de matrícula de alunos com deficiência em estabelecimentos públicos de ensino, reafirmando o direito à educação.

Na década de 1990, fundamentadas na Constituição, publicou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.060, que prioriza a criança e o adolescente, estabelecendo direitos e obrigações do Estado para sua proteção. No que se refere ao direito à educação das crianças e adolescentes com deficiência, o Estatuto

estabelece, em seu artigo 53, que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Para tanto, em seus incisos, assegura, entre outros direitos, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Quanto aos deveres do Estado, está assegurado no artigo 54 o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência.

Com a publicação da Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – em 1996, a educação brasileira passa a ter uma legislação específica cuja origem foi marcada pela orientação da Constituição Federal de 1988, que regulamenta os direitos declarados na nova Constituição. No que se refere às pessoas com deficiência, a LDB incorpora as orientações constitucionais, nos aspectos de garantia do direito à educação. No capítulo específico para a Educação Especial, fica destacado o princípio do respeito às diferenças. Em seu artigo 58, a LDB definiu educação especial como “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”.

O avanço na percepção do efetivo conceito de inclusão surge no Brasil com a Resolução CNE/CEB n. 2/2001, do Conselho Nacional de Educação – CNE (BRASIL, 2001b). Em atendimento ao disposto no Capítulo V da LDB, que trata da Educação Especial, a Resolução estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, esse documento ratifica as proposições nacionais voltadas à educação inclusiva. Em seu artigo 2º, a Resolução regulamenta a inclusão educacional ao estabelecer que “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”.

A mudança de paradigma na concepção da educação inclusiva se consolida, quando são instituídas as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), que “vêm representar ao mesmo tempo um avanço na perspectiva da universalização do ensino e um marco fundacional quanto à atenção à diversidade na educação brasileira”, aludidas mudanças para a

construção da inclusão na área educacional exigem ações inerentes aos âmbitos político, técnico-científico, pedagógico e administrativo.

A obrigatoriedade da matrícula de todos os alunos, não se fazendo qualquer distinção em relação àqueles com deficiência, atende os princípios de educação inclusiva, e caberá às escolas, aos órgãos centrais e intermediários, mobilizarem recursos necessários para o atendimento a alunos com necessidades especiais, mas com objetivo de garantir processo educacional qualificado e não prestação diferenciada de processo educacional parcializado ou inexistente. Nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 2001, p. 20) reconhece-se que a inclusão educacional é parte integrante do processo de construção de uma sociedade inclusiva, fundamental para o desenvolvimento e a manutenção da democracia, estabelecendo-se, portanto, a necessidade de políticas públicas de caráter emancipatórios.

A educação especial, é reconhecida pela Resolução CNE nº 2/2001 como modalidade de educação escolar e não mais como categoria distinta de educação. Está prevista, na prestação de serviços educacionais comuns, conforme o proposto no Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. E no artigo 7 a Resolução fixa as formas de atendimento, Art. 7º O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais deve ser realizado em classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica.

Esta Resolução demonstra os princípios da educação inclusiva e define os parâmetros e explicita como deverá ocorrer o atendimento às pessoas com deficiência em seu artigo 8º, quando aponta a necessidade de previsão e provimento desse atendimento às pessoas com deficiência no que se refere à organização das salas comuns, a capacitação de professores, a distribuição dos alunos com necessidades especiais pelas várias classes do ano escolar em que se inserirem,

flexibilizações e adaptações curriculares, serviços de apoio pedagógico especializado, projetos de sustentabilidade da educação inclusiva, temporalidade flexível do ano letivo e atividades que favoreçam o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares aos alunos com altas habilidades/superdotação.

## **2.2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: BREVE HISTÓRICO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO**

Considerando os desafios que pairam sobre a educação inclusiva no Brasil, cuja história educacional foi sempre marcada pela desigualdade de oportunidades quanto ao direito efetivo à educação, penso ser oportuno uma breve retrospectiva histórica, social e política na conjuntura mais ampla objetivando demarcar neste tópico do texto alguns marcos de construção da ideia de inclusão advindas dos movimentos multilaterais e seus impactos na educação nacional.

Neste sentido proposto, cito primeiramente a declaração dos direitos humanos de 1948, elaborada a partir da ação da Organização das Nações Unidas (ONU), organismo regulador de ordem internacional, criado em 1945, que traz para o cenário mundial, no contexto da pós segunda Guerra Mundial, a ideia de Direitos Humanos, assim definida:

*[...] um conjunto de direitos internacionalmente reconhecidos, como direito civis, sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais, sejam eles individuais, coletivos, trans individuais ou difusos, que se referem à necessidade de igualdade e de defesa da dignidade humana.(...)Constituindo os princípios fundadores de uma sociedade moderna, (...) têm se convertido em forma de luta contra as situações de desigualdade de acesso aos bens materiais e imateriais, as discriminações praticadas sobre as diversidades socioculturais, de identidade de gênero, de etnia, de raça, de orientação sexual, de deficiências, dentre outras e, de modo geral, as opressões vinculadas ao controle do poder por minoria sociais (Parecer CNE/CP N° 8/2012, p.515)*

Como segundo momento de grande importância no histórico da inclusão, em 1990, passadas quatro décadas da Declaração dos Direitos Humanos, ocorre em

Jomtien, Tailândia, a “Conferência Mundial de Educação para Todos”, organizada pela UNESCO, onde participaram 155 países e 150 organizações que adotaram a “Declaração Mundial sobre Educação para Todos”, reafirmando a educação como direito humano fundamental, bem como, incentivando os países participantes a concentrarem esforços no sentido de garantirem as necessidades básicas de aprendizagem para todos.

No que pesem as posições em contrário, não há como contestar que a partir desta iniciativa, os países, principalmente, os países chamados do Terceiro Mundo, entre eles os países da América Latina, buscaram, através da implantação de políticas públicas educacionais, universalizar o acesso à educação básica e promover a equidade.

Outro momento de grande importância ocorreu em 1994, quando a Declaração de Salamanca foi assinada por 92 países e tornando-se um dos documentos mais importantes e eficazes em relação à Educação Inclusiva.

A Declaração de Salamanca reafirma as duas declarações anteriores e corrobora seu compromisso com a “Educação para Todos”, proclamando clara e inequivocamente, a educação como um direito humano e afirmando, “que as escolas regulares com uma orientação inclusiva são “ os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, (...) construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos” .

Nesse sentido, a Declaração de Salamanca, esclarece que o direito de todos deve ser mesmo de todos, sendo a escola regular um direito da criança deficiente ou não, trazendo à tona toda discussão que envolve a complexa questão, pois ao traçar uma Linha de Ação acaba por definir as mudanças políticas fundamentais e necessárias à proposta de uma educação integradora, que viabilize às escolas atender todas as crianças, sobretudo as que têm necessidades educacionais especiais, por isso tornou-se um documento fundamental para a educação inclusiva à medida que estendeu de maneira abrangente as preocupações internacionais com o bem estar dos portadores de deficiência a área específica da educação, no contexto do Programa da Unesco de Educação Para Todos.



No entanto, considero importante mencionar que o desafio proposto é imenso e, até o momento, muitas são as dificuldades enfrentadas nas escolas para que se cumpra os ideais de Salamanca, tendo em vista, que ao mesmo tempo em que se coloca a proposta de uma educação para todos, que em tese, reitera a construção de uma sociedade democrática, justa e igualitária, preservada desde a Declaração dos Direitos Humanos, o fato é, que o modelo político econômico iniciado ao final da década de 1970, na Europa e, posteriormente, se alastrado pelo mundo e pelos países da América Latina, na década de 1990, tem provocado um movimento na contramão, isto é, o aumento das desigualdades sociais, econômicas e culturais e a diminuição das oportunidades de inclusão social e econômica.

Assim, Gentili (1988) cita o chamado Consenso de Washington na Educação, um programa de estabilização e reformas econômicas aplicadas nos países latino-americanos, que visam direcionar as políticas sociais, entre elas, as educacionais pelas orientações neoliberais, segundo as quais, explicita:

*Trata-se, enfim, de transferir a educação da esfera da política para a esfera do mercado, negando sua condição de direito social e transformando-a em uma possibilidade de consumo individual, variável segundo o mérito e a capacidade dos consumidores. A educação deve ser pensada como um bem submetido às regras diferenciais da competição. Longe de ser um direito do qual gozam os indivíduos, dada sua condição de cidadão, deve ser transparentemente estabelecida como uma oportunidade que se apresenta aos indivíduos empreendedores, aos consumidores “responsáveis”, na esfera de um mercado flexível e dinâmico (GENTILI, 1998, p.19).*

Em outra perspectiva, mas também derivada do capitaneamento do ideário da inclusão pelas políticas econômicas neoliberais, assevera Carvalho (2005, p.77-78) que para garantir a efetivação das políticas educacionais será necessário a articulação destas com outras pastas ministeriais, como saúde, economia e de assistência social, principalmente, mas torna-se imprescindível também que as diferentes instâncias de poder mantenham entre si uma efetiva articulação, no sentido do estabelecimento de um sistema, onde as partes mantêm entre si um todo com coerência interna e externa, isto é, as diferentes instâncias de poder atuando com organicidade e cooperação e voltadas para atender a realidade de fato.

Do mesmo modo, a educação inclusiva demanda que o sistema educacional também rompa com sua fragmentação, ou seja, os diferentes níveis de ensino e as diferentes modalidades, que o permeia transversalmente, devem estar articulados entre si e com a realidade escolar. A realidade educacional reflete a perversa realidade social, isto é, tem seu funcionamento e organicidade administrativa e pedagógica estruturados na base do sistema capitalista de classes, que necessita reconhecer a diferença para domá-la, enquadrá-la em padrões aceitáveis de convivência social, ou seja, em formatos que irão contribuir para a manutenção de interesses conservadores, que legitimam o poder de uma classe, que precisa ser naturalizada pelos diferentes das demais.

### **2.2.1 SOBRE A COMPLEXIDADE HUMANA**

Não estão levando em conta a complexidade humana, esquecemos que cada pessoa é única e mesmo dentro de um mesmo sistema educacional, cada um tem uma maneira de aprender, tempos de aprendizagem completamente diferentes.

É possível a utilização de diversas metodologias de ensino, despertando os sentidos e contemplando as necessidades dos alunos, falo no sentido amplo da inclusão.

Temos que contemplar os nossos alunos com dificuldades de aprendizagens, com distúrbios e os com deficiências, cada um nas suas especificidades, porem todos no mesmo espaço físico e sistema educacional.

Nunca discuto o conhecimento técnico científico do professor, sei da sua capacidade, porem fazer com que aprendizagem aconteça, realmente é outro assunto, pois não temos turmas homogêneas e temos de desenvolver um trabalho com várias estratégias para que a aprendizagem aconteça em todos os níveis e para todos os alunos.

A possibilidade de relacionar a teoria a pratica, ligados a uma aprendizagem significativa, muito direcionada ao cotidiano para despertar o interesse dos alunos, deixando a escola muito mais interessante e acessível para todos.

Temos que trabalhar os temas de grande relevância social, as mazelas do cotidiano, desenvolver a reflexão e deixar claro que eles são o futuro do nosso país,

cada escolha vai levar a uma consequência, portanto a educação e o conhecimento é o poder e transforma.

A escola tem um papel muito além de conteúdos, a socialização, as diferenças, as relações humanas, a liberdade de expressão, a escuta ativa sobre as experiências de cada um, essa é uma troca muito rica e acrescenta a todos, esse tipo de aprendizagem só encontramos no espaço escolar, a sistematização de teoria e prática direcionada, aprendemos com as vivências porém de forma diferente e cada um adquire experiência, nosso sistema capitalista é conteudista e classista, portanto temos que explorar todas as oportunidades de conhecimento.

Quanto mais anos de escolarização maiores serão as oportunidades e possibilidades de sucesso, inclusão social e acessibilidade.

Encontramos uma definição de experiência em que soam muito bem essa exposição, essa aprendizagem significativa:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

A supremacia do conhecimento, fragmentado de acordo com as disciplinas, impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade e seu conjunto. A globalização possibilitou o acesso a informação, porém o conhecimento é preciso ser direcionado, o que a população faz com tantas informações, algumas não são do interesse e outras não são processadas ou não faz nenhum sentido para quem recebe, portanto não gera conhecimento.

Quem faz a mediação de informação para conhecimento são os professores através de estratégias adequadas para as necessidades dos seus alunos, é preciso planejamento e uma prática muito reflexiva sobre os objetivos propostos. Como seria nossa educação se fosse colocada em prática os quatro pilares da educação do futuro

conforme Edgar Morin cite em seus livros “Os sete saberes necessários à educação do Futuro” e “A Cabeça-Feita”.

Antun (2013, p.43) também aponta para uma reflexão que tem envolvido as questões da educação inclusiva na perspectiva crítica de sua construção, qual seja, torna-se necessário compreender que, enquanto pessoas somos moldados para pensar e agir de uma certa maneira, ou seja, naturalizando as desigualdades sociais, econômicas, culturais e os perversos mecanismos de exclusão disseminados em nossas vidas cotidianas, nesse sentido afirma: “Somos parte dessa sociedade e culturas sustentadas por valores discriminatórios e excludentes e, conseqüentemente, somos influenciados por eles, mesmo que não os percebamos.”

Deste modo, mais do que os marcos históricos internacionais e nacionais da edificação do ideário da educação inclusiva, mais do que as políticas públicas delas emanadas, que não se tenciona aqui, reduzir o seu valor, está a necessidade da reflexão crítica sobre essa estruturação teórica, política e econômica da inclusão proposta, no sentido dos encaminhamentos necessários à sua efetiva consolidação, que não pode por isso, ser acrítica e nem equivocada.

Neste sentido, Tomazi (2013, p. 49) corrobora com a análise anterior quando diz ser necessário ao educador “não ser refém de regulações institucionais (...)” além de, “abandonar os métodos tradicionais e a ideia que devemos aprender somente o que a sociedade e o seu mercado exigem e rever o papel do currículo escolar (...) observa que as reivindicações de professores e gestores, quanto à necessidade de “atualização e mudanças na educação por meio de estudo sobre as relações e o comportamento dos alunos deste novo século”, acaba por tornar esquecida a constatação de que “os alunos, em qualquer tempo, e desde sempre, trazem as novidades para a escola”, alertando os educadores para a necessidade de atitudes investigativas sobre “o entendimento alunos a respeito de como seria a melhor escola para sua formação como pessoa e cidadão em uma dada sociedade”, o que nos leva a compreender que os mecanismos de combate à exclusão devem ser encontrados coletivamente, portanto, não se pode fazer uma educação inclusiva sem a premissa da inclusão de todos no processo de decisão e de construção do projeto educativo de cada comunidade escolar.

Enfim, consolidar um ideário de educação inclusiva em escolas, situadas em sociedades formalmente democráticas, exige dos educadores a compreensão das contradições existentes na função social da escola que, ao mesmo tempo, buscando atender as demandas do Estado, formando para a participação social e política dos indivíduos, forma também, para a inserção no mercado de trabalho, que para grande maioria dos alunos de escolas públicas, significa a submissão do sujeito à lógica do mercado, onde todos são mercadoria, anulando-se sua frágil formação cidadã.

A busca de uma educação inclusiva não diz apenas à educação ao aluno com deficiência, mas a todos os alunos independente de suas condições econômicas, sociais, **culturais** e, exige dos educadores uma reflexão crítica sobre as práticas docentes e a realidade educacional e visa não apenas a apropriação de conhecimentos técnicos, mas principalmente, a consolidação de um projeto educativo emancipador, que valorize os sujeitos e suas potencialidades encorajando-os a serem protagonistas de suas histórias.

### **2.3 CENÁRIO INTERNACIONAL E NOVAS DIRETRIZES DO MEC**

Em 2001 a Declaração Internacional de Montreal sobre Inclusão teve forte apelo de Direitos inerentes à pessoa humana, estabelece que o acesso igualitário a todos os espaços da vida é um pré-requisito para os direitos humanos universais e liberdades fundamentais das pessoas, considerando que o esforço rumo a uma sociedade inclusiva para todos é a essência do desenvolvimento social sustentável.

No mesmo ano é o decreto 3.956/2001 promulga a Convenção Interamericana da Guatemala para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas com Deficiência, na qual, os Estados Partes reafirmaram que "as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o de não ser submetido à discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano". Define como discriminação com base na deficiência, toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. De uma forma geral a Convenção trata do combate à discriminação contra pessoas com deficiência, apresentando objetivos que tentam promover a igualdade entre portadores de deficiência e demais pessoas,

mas também sugere que os Estados Partes trabalhem na prevenção de todas as formas de deficiência passíveis de se prevenir.

Entre as ações na qual o Brasil se comprometeu no ato da assinatura, tem destaque o trabalho “prioritário” nas seguintes áreas:

- prevenção de todas as formas de deficiência;
- detecção e intervenção precoce, tratamento, reabilitação, educação, formação ocupacional e prestação de serviços completos para garantir o melhor nível de independência e qualidade de vida para as pessoas portadoras de deficiência

- sensibilização da população, por meio de campanhas de educação, destinadas a eliminar preconceitos, estereótipos e outras atitudes que atentam contra o direito das pessoas a serem iguais, permitindo desta forma o respeito e a convivência com as pessoas portadoras de deficiência.

As declarações intergovernamentais fizeram coro para unificar, em parceria, governos, trabalhadores e sociedade civil a fim de desenvolverem políticas e práticas inclusivas. Visando adequar-se o MEC, no mesmo ano implementa importantes resoluções das quais passo a apontar:

- Resolução CNE/CEB 02/2001- Acompanhou o processo de mudança, das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, nos artigo 2º e 3º, determinam que:

*Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (...)*

*Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001, s/p).*

As Diretrizes ampliam o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializam a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino, prevista no seu artigo 2º.

O Plano Nacional de Educação de 2001, implementado por meio da Lei nº 10.172/2001: destaca que *“o grande avanço que a educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”*. Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para alunos com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado. Entre os objetivos e metas para a educação das pessoas com necessidades educacionais especiais estabelecidos, destacam-se os que tratam:

- do desenvolvimento de programas educacionais em todos os municípios, e em parceria com as áreas de saúde e assistência social, visando à ampliação da oferta de atendimento da educação infantil;
- dos padrões mínimos de infraestrutura das escolas para atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais;
- da formação inicial e continuada dos professores para atendimento às necessidades dos alunos;
- da disponibilização de recursos didáticos especializados de apoio à aprendizagem nas áreas visual e auditiva;
- da articulação das ações de educação especial com a política de educação para o trabalho;
- do incentivo à realização de estudos e pesquisas nas diversas áreas relacionadas com as necessidades educacionais dos alunos;
- do sistema de informações sobre a população a ser atendida pela educação especial.

Os avanços continuam no ano de 2002 quando a Lei 10.436 reconhece LIBRAS (língua brasileira de sinais), como língua oficial no País juntamente com o

Português, e o MEC traz mais uma resolução e uma portaria de suma importância, conforme à seguir se verifica:

-Resolução CNE/CP 01/2002: Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidade educacionais especiais;

-Portaria MEC 2.678/2002: Aprova diretrizes e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do Sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo território nacional.

Em 2004, a Lei 10.845 institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência (PAED), com objetivos principais de garantir a universalização do atendimento especializado de educandos portadores de deficiência, cuja situação não permita a integração em classes comuns de ensino regular e garantir, progressivamente, a inserção dos educandos portadores de deficiência nas classes comuns de ensino regular. A complementação é realizada através da transferência de recursos financeiros pelo Governo Federal diretamente à unidade executora constituída na forma de entidade privada sem fins lucrativos, que preste serviços gratuitos na modalidade de educação especial.

Em 2005, o Decreto 5.626 regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, definindo que a formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Em 2007, foi lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação regulamentado pelo decreto 6.097, reafirmado pela Agenda Social, tendo como eixos a formação de professores para a educação especial, a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares,



acesso e a permanência das pessoas com deficiência na educação superior e o monitoramento do acesso à escola dos favorecidos pelo Benefício de Prestação Continuada – BPC, reafirmando a visão que busca superar a oposição entre educação regular e educação especial.

No ano de 2009, a Resolução CNE/CEB 04/2009 institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial e Apresenta o AEE – Atendimento Educacional Especializado como um “serviço” da Educação Especial assegurado na legislação brasileira através da Constituição de 1988.

Diante da análise, recorrente aos documentos Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e da Resolução CNE/CEB n. 04/2009, podemos perceber que ambos condizem em relação às ideias referentes ao AEE.

Os referidos documentos concebem o AEE como uma modalidade da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, com o intuito de eliminar as barreiras que se interpõem à plena participação, no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, como um serviço que perpassa todos os níveis e etapas, assim como todas as modalidades da educação básica e superior, ocorrendo, preferencialmente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola na qual o aluno encontra-se matriculado ou outra escola do ensino regular, podendo ser realizado, também, em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.(art. 5º CNE/CEB nº 04).

Foi a partir do artigo 1º desta Resolução que brotaram as primeiras divergências ideológicas acerca da Educação Especial, pois a determinação é de que os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O decreto 7611/2011 publicado em 18 de novembro de 2011, institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite, possui a finalidade de promover, por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações, o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência, nos termos da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, aprovados por meio do Decreto Legislativo no 186, de 9 de julho de 2008, com status de emenda constitucional, e promulgados pelo Decreto 6.949/2009

Possui como um de seus eixos principais o acesso à educação, e prevê a garantia de que os equipamentos públicos de educação sejam acessíveis para as pessoas com deficiência, inclusive por meio de transporte adequado e revoga na íntegra o Decreto 6571/2008 e causou controvérsias na interpretação de seus artigos por “supostamente” recuar em políticas que já vinham se solidificando na garantia do direito de alunos com deficiência. Um dos artigos controversos é o 1º e seu inciso III, cuja transcrição prevê:

*“Art. 1o O dever do Estado com a educação das pessoas público alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes: III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;”*

<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/conheca-o-historico-da-educacao-especial>  
<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/conheca-o-historico-da-legislacao-sobre-educacao-inclusiva/legislacao-sobre-educacao-inclusiva/>

Previsão esta que destoa da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, que em seu artigo 59, inciso II, determina a terminalidade específica **àqueles** que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências.

A polêmica continua quando se trata de repasse de verbas, pois o Decreto 6571/08 também garantia a dupla matrícula no âmbito do FUNDEB desses alunos matriculados no AEE no período oposto ao da escolarização. Ou seja, além de o aluno estar na sala regular, garante a oferta do AEE no turno oposto em Salas de Recursos Multifuncionais na própria escola ou em outra escola da rede de ensino, em centro de atendimento educacional especializado ou por instituições filantrópicas. Militantes da causa da educação especial, professores e profissionais apontam um

retrocesso no artigo 14 do Decreto 7611/2011 e seu parágrafo 1º, cuja transcrição prevê:

*Art.. 14. Admitir-se-á, para efeito da distribuição dos recursos do FUNDEB, o cômputo das matrículas efetivadas na educação especial oferecida por instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, com atuação exclusiva na educação especial, conveniadas com o Poder Executivo competente.*

*§ 1o Serão consideradas, para a educação especial, as matrículas na rede regular de ensino, em classes comuns ou em classes especiais de escolas regulares, e em escolas especiais ou especializadas. (BRASIL, 2011, s/p).*

O conflito está no termo “educação especial”, onde deveria ler-se “atendimento educacional especializado”, visto que as instituições filantrópicas não possuem autorização para escolarizar como a escola regular”. Segundo a interpretação de alguns, este artigo do novo decreto permite que escolas especiais ofereçam a Educação, ou seja, que espaços considerados segregados de escolarização sejam regulamentados por lei.

Meta quatro do Novo Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020) documento que servirá como diretriz para todas as políticas educacionais do País para a próxima década, é composto por 12 artigos e um anexo com 20 metas para a Educação, e tem como foco a valorização do magistério e a qualidade da Educação. Sua formulação foi realizada através de um documento base elaborado pelo Ministério da Educação e adequado exhaustivamente por representantes da educação de todo o país, através da realização de Conferências Municipais e Estaduais de Educação. Após esse processo, a Conferência Nacional de Educação (CONAE), ocorrida em 2010, finalizou o documento que seria enviado à Câmara dos Deputados para aprovação e demais trâmites legais. O texto original proposto pelos delegados da CONAE apresentava a seguinte redação: *“Meta quatro: Universalizar, para a população de 4 a 17 anos, o atendimento escolar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na rede regular de ensino”*.

Após inúmeras intervenções, que não consideraram a construção coletiva como havia sido feito anteriormente, em 2012, o Deputado Angelo Vanhoni apresenta nova redação, acusada de ser inconstitucional uma vez que contraria a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que tem status de emenda constitucional no Brasil, *in verbis*:

*Meta quatro: Universalizar, para a população de quatro a dezessete anos, o atendimento escolar aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente, na rede regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou comunitários, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível sua integração nas classes comuns. (BRASIL, 2012, s/p)*

Para os defensores da inclusão plena em escolas regulares da rede pública de ensino, tal redação legitima a exclusão da população com deficiência do sistema comum de ensino, permite a triagem de alunos para o ingresso na escola e traz de volta a segregação em escolas e classes especiais. Permite que se determine se uma criança ou um jovem deve ou não estar numa escola comum, ação essa que pelo histórico legislativo do país, não foi nenhuma inovação, visto que ao longo dos anos as regulamentações sempre oscilaram entre a escola regular e as instituições especializadas, havendo movimento pró escola regular num lapso temporal de aproximadamente quatro anos até os dias de hoje.

O Decreto 10.502 de 01-12-2020, a partir de argumentos sobre a sua inconstitucionalidade, portanto este decreto não está em vigor atualmente, por ser discriminatório, pois tem como norte a hierarquização do ser humano em razão de suas aptidões ou habilidades.

O parecer jurídico resultante da análise também registra inconstitucionalidade e violação de valores, éticos e morais da população brasileira.

Passamos por um momento político difícil, onde foram feitos muitos cortes de repasses de verbas para a educação pública, as famílias se manifestaram contra esse retrocesso com a política de educação inclusiva e conseguiram revogar, este decreto que não seria favorável para as pessoas com deficiência.

O MEC resolveu defender a educação especial, afirmando que ela amplia a inclusão, não sabemos baseado no que estão emitindo esta opinião, pois a política de inclusão com a perspectiva inclusiva, contempla a maioria dos nossos alunos.

Fica conhecido como o decreto da exclusão, pois a medida, na prática, tira a obrigatoriedade da escola comum em realizar a matrícula de estudantes com deficiência e permite a volta do ensino regular em escolas especializadas, o que é

visto por entidades como um retrocesso à educação inclusiva no país, além de violar a Constituição ao segregar alunos.

Sem uma consulta pública ou embasamento técnico, o decreto distorce o próprio conceito de inclusão, permitindo classes especializadas dentro de escolas inclusivas. Além disso, ao dar a opção para que famílias escolham por matricular os filhos em escolas regulares ou especiais, abre-se um precedente para a negação de matrículas.

### **3- POLÍTICAS DE INCLUSÃO E O PROCESSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A escola regular se caracteriza como inclusiva quando reconhece e valoriza as diferenças de características de seu alunado e quando luta contra práticas discriminatórias, segregacionistas e contra processos sociais excludentes, garantindo a todos o direito de aprender a aprender.

Esse acesso deverá ser acompanhado de qualidade, permanência com êxito, mudança comportamental da comunidade escolar e o reconhecimento do aluno deficiente como sujeito de direito igual a todos, capaz de traçar sua própria trajetória, caso contrário será a exclusão dentro da inclusão. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de

2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), em seu CAPÍTULO IV onde dispõe sobre o Direito à Educação, em seu art. 27, *in verbis*:

*A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.*

*Parágrafo único.* É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015, s/p).

As escolas de educação regular, pública e privada, devem assegurar as condições necessárias para o pleno acesso, participação e aprendizagem dos estudantes com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento, em todas as atividades desenvolvidas no contexto escolar, para que haja contexto e justificativa da presença do aluno naquele ambiente, para não nos pautamos em práticas que apenas permitem ao deficiente estar na escola, em qualquer ambiente, fazendo qualquer coisa, menos as atividades inerentes às práticas escolares, ou seja, sem efetivamente integrar-se à escola.

Segundo A Declaração de Salamanca (1994) deixa claro que o princípio da educação inclusiva é baseado nesta premissa: todas as crianças devem aprender juntas, independentemente de suas diferenças ou limitações:

*Cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem, cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias, os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades, as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades, as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo (SALAMANCA, 1994, p. 8-9).*

Dentre os serviços da educação especial que os sistemas de ensino devem prover, estão os profissionais de apoio, tais como aqueles necessários para promoção da acessibilidade e para atendimento a necessidades específicas dos estudantes no âmbito da acessibilidade às comunicações e da atenção aos cuidados pessoais de alimentação, higiene e locomoção.

A educação inclusiva requer uma redefinição conceitual e organizacional das políticas educacionais e culturais, esse era o pensamento de Stainback:

O ensino inclusivo faz sentido e é um direito básico, não é algo que alguém tenha que conquistar. Quando as escolas incluem todos os alunos, a igualdade é respeitada e promovida como um valor na sociedade, com os resultados visíveis da paz social e da cooperação (...) A educação acontece no contato com os outros, e as potencialidades e as falibilidades das pessoas moldam a extensão e a textura do crescimento de cada um de nós. O ensino oferece mais recursos para a educação na medida em que adultos e alunos colaboram para construir uma comunidade consciente, que sustente o trabalho da escola, embora isso signifique crescer diante do mito do completo controle da infância (STAINBACK, 2001, p.27 e 65).

Nesta perspectiva, o financiamento dos serviços de apoio aos alunos, público-alvo da educação especial, devem integrar os custos gerais com o desenvolvimento do ensino, sendo disponibilizados em qualquer nível, etapa ou modalidade de ensino, no âmbito da educação pública ou privada.

Ressalta-se que os estabelecimentos de ensino deverão ofertar os recursos específicos necessários para garantir a igualdade de condições no processo educacional, cabendo-lhes a responsabilidade pelo provimento dos profissionais de apoio.

Portanto esta obrigação não deverá ser transferida às famílias dos estudantes de escolas públicas ou privadas, alvo da educação especial, por meio da cobrança de taxas ou qualquer outra forma de repasse desta atribuição, e ao Ministério Público caberá a definição de entendimentos positivados pela interpretação das normas em vigor, no sentido de promover a garantia dos direitos de crianças e adolescentes em circunstâncias que não firam sua dignidade humana. A esse respeito, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, em seu artigo 59, ressalta que:

*Art. 59 - Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996, s/p).*

Estamos em um processo de adaptações e mudanças acontecendo na Educação do Brasil, sobre as políticas de inclusão e acessibilidade, os números de alunos de inclusão matriculados em todos os níveis de ensino, Educação Infantil, Ensino Regular, Educação de Jovens e adultos é crescente e para surpresa das instituições, os que chegaram ao Ensino Superior.

### **3.1 PROGRAMA ESCOLA ACESSÍVEL PROMOVE CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE A ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Promover condições de acessibilidade ao ambiente físico, aos recursos didáticos e pedagógicos e à comunicação e informação nas escolas públicas de ensino regular. Esse é o objetivo do Programa Escola Acessível, implementado pelo Ministério da Educação (MEC), no âmbito do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), sob a responsabilidade da Secretaria de Modalidades Especializadas (Semesp), em parceria com o FNDE.

Constituindo uma medida estruturante para a consolidação de um sistema educativo inclusivo, o Programa Escola Acessível disponibiliza recursos às escolas contempladas pelo Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais e/ou que possuam estudantes da educação especial matriculado, pelo qual são financiáveis a adequação arquitetônica – rampas, sanitários, vias de acesso, instalação de corrimão e de sinalização visual, tátil e sonora – e a aquisição de cadeiras de rodas, recursos de tecnologia assistiva, bebedouros e mobiliários acessíveis.

Após alterações nos critérios de priorização do Programa, são contempladas, prioritariamente, as escolas com maior número de matrículas de estudantes público da educação especial, declarados no Censo Escolar do ano anterior. Antes da



mudança, o Programa contemplava escolas com Salas de Recursos (Atendimento Educacional Especializado) mas sofreu alterações, pois já havia alcançado 100% dessas escolas.

Para acessar o Programa Escola Acessível, a Secretaria de Educação e as escolas público-alvo do Programa deverão se cadastrar junto ao SIMEC, o portal operacional e de gestão do MEC.

As Unidades Executoras das escolas (associações de pais e mestres, caixas escolares e similares) precisam elaborar e enviar os Planos de Atendimento, também pelo PDDE interativo, condição necessária para que as unidades de ensino recebam os recursos financeiros.

Elaborada pela Semesp, a lista de escolas previamente selecionadas para receber os recursos está disponível no portal eletrônico do FNDE. Os valores dos repasses são de R\$ 20 mil a R\$ 45 mil, dependendo do número de estudantes de cada unidade de ensino. Os recursos podem ser utilizados na aquisição de itens e materiais pedagógicos; cadeiras de rodas; bebedouros acessíveis; produtos de tecnologia assistiva; e equipamentos e materiais para o atendimento educacional especializado.

As escolas cujos planos de atendimento sejam aprovados pela Semesp formarão uma lista que será encaminhada ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), responsável pelos repasses do PDDE, para a realização das transferências financeiras às Unidades Executoras.

Todos os dias é necessário argumentar para que os direitos dos alunos de inclusão sejam respeitados iniciando da Equipe gestora aos funcionários da unidade, movimento desgastante e ao mesmo tempo, é o que motiva a minha atuação profissional e satisfação pessoa por cada progresso, cada conquista e por todas as famílias acolhidas.

A adesão ao Programa Escola Acessível é realizada pela Seduc, quando as escolas contempladas com a verba de acessibilidade são informadas sobre prazos para utilização da mesma, geralmente é um momento de resistência e lamentação, pois utilizar a verba dá trabalho e será utilizada somente para os alunos de inclusão.

Geralmente a gestão pede sugestões de como utilizar a verba, tenta negociar se pode abrir mão da utilização da mesma e diante da negativa e argumentações sobre a importância e possibilidades da utilização de maneira inteligente, e todos os

benefícios para suprir as necessidades específicas dos alunos atendidos pela Rede Municipal. Fico chocada com essa falta de pudor e sensibilidade quando discutimos maneiras de acesso de pessoas com deficiências no espaço escolar.

Esse pensamento está tão enraizado no imaginário social, a implantação da proposta da educação inclusiva requer mudanças nos processos de gestão, a forma que é abordado o assunto pelos gestores ainda é inadequada como se o aluno não tivesse importância ou suas necessidades primárias dispensam planejamento de como supri-las. Não se vê presente o pensamento que a inclusão beneficia a todos, considerando as atitudes positivas, desenvolvidas mutuamente, com aprendizagens significativas relações sociais, acadêmicas e de preparação para cidadania plena dos nossos alunos.

O artigo 28 da Lei Brasileira de Inclusão deixa clara a incumbência ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar todas as ações referentes ao processo de inclusão e aplicação da lei no Brasil, nesse sentido:

Ao encarar os professores como intelectuais, podemos elucidar a importante ideia de que toda a atividade humana envolve alguma forma de pensamento. Nenhuma atividade, independente do quão rotinizada possa se tornar, pode ser abstraída do funcionamento da mente em algum nível. Este ponto é crucial, pois ao argumentarmos que o uso da mente é uma parte geral de toda atividade humana, nós dignificamos a capacidade humana de integrar o pensamento e a prática, e assim destacamos a essência do que significa encarar os professores como profissionais reflexivos (GIROUX, 1997, p. 161).

O sistema educacional inclusivo está fundamentado na Constituição Federal/88, que garante a educação como um direito de todos, e no Decreto N<sup>o</sup>.

6.949/2009, que ratifica a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU/2006), assegurando o direito de pleno acesso à educação em igualdade de condições com as demais pessoas.

O Decreto N.6571/2008 que dispõe sobre a oferta e o financiamento do Atendimento Educacional Especializado -AEE; e a Resolução CNE/CEBN.4/2009 que estabelece Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na qual o atendimento que é ofertado no contra turno com o professor especialista em Educação Especial, será trabalhado no individual ou grupos funcionais para indivíduos com dificuldade de interação social e comunicação verbal.

O Brasil nos últimos anos está avançando com a educação inclusiva que é a política adotada em nosso país, porém muito precisamos conquistar para que a lei saia do papel e seja colocada em prática de forma espontânea e com naturalidade, pois todos somos cidadãos com os mesmos direitos cada um com suas especificidades.

Estamos sensibilizando os profissionais para aceitação desses alunos ditos diferentes, que realmente é um grande desafio desenvolver um trabalho, pois o mesmo precisa ser diferenciado e personalizado de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos e muitos professores não estão preparados. Segundo Carvalho:

*“A conceituação da diferença como experiência também nos leva a pensar, criticamente, nas práticas discursivas de muitos “entendidos” que se expressam e opinam sobre as deficiências (dos outros), porque se consideram especialistas, propondo uma série de providências, talvez cabíveis no politicamente correto ou no teoricamente desejável e nem sempre em consonância com que os próprios deficientes sentem e esperam. Sem a escuta das próprias pessoas que tem uma história concreta, real e única, pessoas que experimentam, no contexto em que vivem, as limitações impostas pelas deficiências de que são portadoras, corremos o risco de nos enredar se em pensamentos essencialistas que examinam a deficiência em si mesma, numa espécie de abstração teórica, distante do sujeito (...) Os movimentos sociais inspirados nas conquistas dos direitos humanos, com ênfase para os grupos de excluídos, tem gerado ideias e ideais de educação de boa qualidade para todos, com todos e por toda a vida, compondo as agendas de discussão sobre política públicas de educação, entendidas como prática social democrática.” Carvalho, Rosita Edler – Escola Inclusiva pág.16 e 46*

Temos uma lacuna na formação acadêmica, principalmente dos profissionais que são os especialistas, pois a inclusão é uma disciplina que não faz parte da licenciatura e a maioria não faz cursos de pós-graduação e atualização com este tema e vão aprendendo na prática.

Os diagnósticos são realizados cada vez mais cedo e as crianças matriculadas na Educação Infantil com orientação para estimulação precoce, os profissionais de saúde apostam na plasticidade cerebral e aproveitamento da poda neural para desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança.

A acessibilidade na escola é concebida como uma premissa para o pleno acesso dos alunos com deficiência, compreendendo desde a acessibilidade arquitetônica e na comunicação, passando pela produção de materiais didáticos

acessíveis e o uso de recursos de tecnologia assistiva na escola e formação continuada dos professores para acolhimento e vínculo com o aluno independente do diagnóstico e das diferenças. Segundo Mantoan:

*“Incluir é necessário, sobretudo, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para levar a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos que pagar seja bem alto, afinal, ele nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos.” MANTOAN, Maria Teresa Eglér Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? — São Paulo : Moderna , 2003 p. 59*

A Educação Inclusiva não tem foco na deficiência, mas sim nos alunos, primeiro vamos acolher e fazer vínculos depois descobrir quais as necessidades para que aprendizagem aconteça, a política de educação inclusiva tem papel fundamental na construção do caráter cidadão não apenas, dos deficientes atendidos, mas dos demais estudantes e o contato entre alunos cria uma relação mútua de desenvolvimento.

Enquanto os alunos aprendem a conviver com a diversidade, os alunos com deficiência se socializam, tornando-se menos infantilizados, aprendem mais. A educação caminha a passos lentos, é preciso ainda flexibilizar o currículo escolar e criar novos métodos de avaliação, também se faz necessário adequar os mecanismos de avaliação que serão utilizados, não podemos avaliar da mesma forma pessoas com diferentes deficiências, nem aquelas que não têm deficiência, cada pessoa é única e fazer uma só forma de avaliar, é uma forma contraditória a política inclusiva.

Temos que valorizar não só o aprendizado acadêmico, pois eles ganham mais independência, socializam melhor e superam seus limites, resgatam a autoestima, esse processo mostra a importância da inclusão desses alunos e o combate ao preconceito, este ideal já era defendido por Carvalho:

*“Apesar dos esforços, inclusive das próprias pessoas em situação de deficiência, não é nada fácil desemaranhar os efeitos das práticas discursivas que apresentam suas diferenças como desqualificação, porque elas não se enquadram num processo de identificação com o padrão aceito e valorizado como ideal (...) “Sob a influência do modelo*

*social espera-se que as políticas públicas criem condições cada vez mais favoráveis à melhoria de vida das pessoas, pois isso é mais importante do que estabelecer diretrizes para que elas se tornem independentes, a partir de tratamentos ou de educação compensatória, segundo orientação clínica." Carvalho, Rosita Edler – Escola Inclusiva, pág. 21 e 37*

Essa interação entre os alunos faz com que aprendam a lidar com as diferenças, eles se envolvem tanto que acabam protegendo umas aos outros respeitando as diferenças e praticando a solidariedade e cidadania.

A educação tem a missão de ampliar e aperfeiçoar cada vez mais essa prática, o aluno desenvolve as habilidades e competências vivenciando-as no ambiente escolar com os seus pares e leva para vida.

As políticas vão sendo criadas a partir das demandas sociais de um país democrático, e não podem deixar nenhum cidadão excluído, então surge a inclusão social começando pela educação, o aluno incluído desde a educação infantil vai ter muito mais condições de seguir na escola e manter sua trajetória educacional e ter autonomia. E a educação segue fazendo parcerias, utilizando estratégias para incluir as minorias e reduzir essa gritante diferença social que temos no Brasil.

O Bolsa Família, é outra política para outro grupo vulnerável que recebe atenção especial do MEC, sendo a frequência escolar uma das condicionalidades para que as famílias de 16,2 milhões de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos tenham direito a receber o benefício. As matrículas desses estudantes representam mais de 40% de todas as matrículas na educação básica nessa faixa etária. Nesse sentido diz Argelina Maria Cheibub Figueiredo:

“Cabe ainda ressaltar que esses resultados não são excludentes quando considerarmos a natureza do impacto que a política implementada pode causar. Uma mesma política pode causar impactos objetivos, gerando mudanças quantitativas nas condições da população-alvo, pode ainda gerar impactos subjetivos alterando o "estado de espírito" da população, e, finalmente, pode causar um impacto substantivo mudando qualitativamente as condições de vida da população”. Argelina Maria Cheibub Figueiredo Avaliação Política e Avaliação de Políticas p 116

O MEC também faz o acompanhamento da trajetória escolar desses estudantes. Os dados são informados ao Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA) para liberação do Bolsa Família e também auxiliam na formulação de ações educacionais para esse público.

A Educação Escolar Quilombola é dirigida às comunidades de forma a privilegiar os valores étnico-raciais na escola. O ensino segue as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola, que observa os valores históricos e culturais dos alunos e professores das comunidades remanescentes de quilombos.

Já o Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas (Prolind) é destinado a apoiar a realização de cursos específicos para a formação de professores indígenas, com respeito ao ensino da língua materna, bem como gestão e sustentabilidade das terras e culturas indígenas. Um dos principais objetivos é fazer com que toda a educação básica seja ampliada nas próprias aldeias, evitando que essas populações necessitem sair de suas comunidades para estudar.

### **3.1.1 FAMÍLIA E O PROCESSO DE INCLUSÃO**

É fundamental a participação da família neste processo educacional para o desenvolvimento do aluno, tendo em vista que a família e a escola compartilham funções relacionadas à educação e as funções sociais e políticas.

Desta forma, contribuem e também podem influenciar na formação do sujeito, são elas responsáveis pela introdução de valores e conhecimentos de mundo e letramento.

Temos um conflito de emoções e sentimentos, diferentes posturas das famílias, algumas superprotetoras e que não deixam os filhos ter autonomia, é o fator emocional que fala mais alto e os pais acabam fazendo por eles e não para eles de forma direcionada, como somos profissionais fica mais simples, direcionar o que será ensinado, as atividades de vida prática e vamos aguardar que eles mesmo fazem, pois todo ser humano aprende, cada um no seu tempo e de diferentes formas.

Muitos avanços e Políticas Públicas foram conquistadas pela militância das mães, pois o processo de inclusão é muito complexo e tem suas especificidades e todos precisam ser escutados, em prol do bem estar dos alunos de inclusão e suas necessidades. Segundo Mantoan:

*“A inclusão implica uma mudança da perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucessos na corrente educativa geral (...) Incluir é necessário, sobretudo, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para levar a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos que pagar seja bem alto, afinal, ele nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos.” (MANTOAN, Maria Tereza Elger Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? /. — São Paulo : Moderna , 2003 p, 28 e 59).*

Nos deparamos com famílias que têm dificuldades de aceitar a deficiência ou limitação do filho, outros já exigem demais ou não aceitam as adaptações necessárias para que a aprendizagem aconteça.

São indicados encontros periódicos, nos quais o professor explica em que se baseiam as adaptações nos conteúdos e nos materiais, feitas para atender às necessidades do aluno.

É importante explicar à família que a adaptação do currículo não é definida pela deficiência, mas pelo repertório e pelos conhecimentos do estudante.

Outros não acreditam no potencial de aprendizagem do filho e não demonstram interesse nas atividades realizadas pelo mesmo, sem incentivo ou rotina escolar, não temos colaboração, quando é um trabalho solitário, geralmente não se tem resultados significativos.

O ideal é que seja feita uma parceria, aprendizagem significativa para o aluno, com continuidade e rotina de estudo, em casa também. A escola deve estar aberta à participação dos pais, para que esteja claro aos pais a seriedade da proposta pedagógica específica para seu filho, e também para que se possam oferecer recursos necessários para que seja possível realizar atividades em casa. Assim, Oliveira nos coloca:

*“O professor tem um papel de conhecedor da criança, de consultor, apoiador dos pais, um especialista que não compete com o papel deles. Ele deve possuir habilidade para lidar com as ansiedades da família e partilhar decisões e ações com ela”. (OLIVEIRA, 1993, p.181)*

Para tanto, haverá a inserção da família em todos os processos de desenvolvimento da unidade escolar, efetivando a educação através do exercício do respeito, da ética e de valores pré e pós-concebidos, de modo a formarmos verdadeiros cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres, tornando-os agentes transformadores de suas próprias realidades.

As famílias demonstram sinais de desgaste por conta de vários atendimentos semanais necessários para auxiliar o desenvolvimento biopsicossocial do mesmo, é necessário uma força tarefa para dar conta da complexidade e especificidades presentes em cada fase do desenvolvimento desse aluno, as políticas publicas precisam estar presentes.

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) BPC Loas tem um papel de grande relevância pois muitas vezes é a única fonte de renda desta família, geralmente são mães abandonadas e sem conseguir trabalhar, pois são as cuidadoras e sem rede de apoio familiar, o que por vezes leva ao esgotamento e adoecimento dessas famílias, deve ser seguido por saúde e educação, que precisam estar bem afinados, todos trabalhando por um bem comum.

Sendo o Benefício De Prestação Continuada (BPC) uma garantia de renda mensal, no valor de 1 (um) salário mínimo; e conforme o site do Senado

Destina-se a pessoas com deficiência e a pessoas idosas, com 65 anos ou mais, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família;

É um benefício individual, não vitalício e intransferível, que integra a Proteção Social Básica no âmbito do Sistema Único de Assistência Social – SUAS;

O BPC não é uma aposentadoria e não é concedido para manter as pessoas com deficiência fora da escola e do mercado de trabalho. O benefício tem o objetivo de garantir uma renda mínima para permitir que as pessoas com deficiência se desenvolvam e melhorem sua condição de vida;

Esse benefício não impede que as pessoas com deficiência tenham acesso aos demais direitos garantidos por lei para todos brasileiros e brasileiras. Pelo contrário, esse benefício é justamente para que essas pessoas possam ter as mesmas oportunidades que as outras.



Seria ideal poder ofertar as famílias, “o cuidar de quem cuida”, os resultados dos acompanhamentos não vêm na velocidade que a família espera, alguns atendimentos não dão resultados significativos, temos que comemorar pequenos avanços. Complementam esta discussão as afirmações de Pimenta (2012, p. 14) quando aponta que:

*“É nesse contexto complexo que se faz necessário ressignificar a identidade do professor. O ensino, atividade característica dele, é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige posturas éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos.”*

Temos a maioria das famílias, o filho sendo cuidado pela Mãe, Avó e bem poucos a participação do pai. Essa mulher que abre mão da sua profissão, estuda e recomeça sua vida pessoal, em nome de um objetivo maior seu filho, por vezes está sobrecarregada com uma rotina desgastante diariamente, e muitas vezes pede ajuda por não saber lidar com a situação.

A Mãe que pode contar com uma rede de apoio, Avós, Tios, irmãos, pai ou mesmo um cuidador profissional, pode e deve reservar um momento para se refazer da sua rotina desgastante física e emocional. A família, inicia o processo de socialização, proteção e desenvolvimento no plano afetivo, social e cognitivo e a escola, assegura o processo de ensino-aprendizagem, cujos objetos de conhecimentos auxiliam na construção de habilidades e competências.

Temos que fomentar as políticas públicas para suporte em conjunto com a família escola e saúde, podem e devem trabalhar de forma conjunta com os melhores resultados por conta dessa interação, todos por um objetivo comum, o sucesso e bem estar do aluno de inclusão.

Atualmente temos a necessidade de estar em contato direto, família e escola, pensando em conjunto para solucionar as dificuldades que surgem nesta trajetória, ambas dependem uma da outra, possibilitando um futuro melhor para os alunos e também exercendo sua cidadania. Mantendo boa interação entre família, escola e

profissionais proporciona uma maior compreensão das necessidades, interesses, habilidades e potencialidades da criança com deficiência.

Embora seja de extrema relevância esta parceria, existe alguns obstáculos a serem enfrentados, por parte da família em relação aos profissionais, muitas conquistas para o deficiente, foi por luta da família e após a mesma sinalizar a demandas, políticas de inclusão e acessibilidade foram pensadas para equidade neste processo tão complexo e com tantas especificidades, partindo do princípio que a educação inclusiva é um trabalho social e pedagógico, são considerados como público alvo deste ensino pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação, ou seja, educandos que possuem limitações ou ausências cognitivas e podem estar inseridos na rede regular de ensino, como qualquer outro aluno. Quanto a isso, Pimenta (2012, p. 128) ressalta que:

*“[...] a sociedade é, além do mais, um grande agrupamento social, que comporta inúmeros subgrupos (família, escola, etc). Aprender a conviver em grupos é uma forma de preparar-se para a vida social, a importância do grupo está também em propiciar a aprendizagem de papéis sociais diferentes e complementares na organização social como um todo. Assim, viver democraticamente na escola, expressar opiniões, aprender a ouvir respeitar a opinião alheia, identificar as verdadeiras lideranças, organizar-se em torno delas, são as virtudes democráticas que, aprendidas na escola, serão transportadas para a vida social. Percebemos, assim, que a escola deve mediar o cotidiano do(a) aluno(a) e sua prática social, para que a educação transformadora possa ocorrer.”*

O envolvimento e a participação da família no ambiente escolar são considerados componente importante para o sucesso escolar das crianças, a Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 13.257/2016) rezam que as escolas têm a obrigação de se articular com as famílias e os pais, o direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais. A legislação vincula, dessa forma, não só a obrigatoriedade estatal e social, mas também invoca a família como núcleo primeiro na formação do cidadão e, como tal, indispensável e insubstituível na missão determinada nas prerrogativas da Carta Magna do País.

No entanto, ainda existe um distanciamento entre a família e a escola nos processos educativos, em muitas escolas, os discursos dos educadores abordam a

falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos, alguns até atribuem o baixo desempenho dos alunos a esse fator; contudo, não se mostram satisfeitos quando algum membro familiar mais crítico e esclarecido exige qualidade no ensino ou questiona a proposta pedagógica da escola. Segundo Giroux (1997, p.163):

“Os intelectuais transformadores precisam desenvolver um discurso que una a linguagem da crítica e a linguagem da possibilidade, de forma que os educadores sociais reconheçam que podem promover mudanças. Desta maneira, eles devem se manifestar contra as injustiças econômicas, políticas e sociais dentro e fora das escolas. Ao mesmo tempo, eles devem trabalhar para criar condições que deem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos que tenham o conhecimento e coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável. Apesar de parecer uma tarefa difícil para os educadores, esta é uma luta que vale a pena travar. Proceder de outra maneira é negar aos educadores a chance de assumirem o papel de intelectuais transformadores.”

Alguns gestores percebem a participação da família na escola como interferência e tentativa de comprometer a autoridade deles, porém a maioria dos pais, por sua vez, não participa da vida escolar dos filhos, uns por não conhecerem seus direitos e deveres, outros porque não sabem como fazer isso, por não serem alfabetizados ou possuírem níveis de escolaridade insuficientes. E ainda há os que até buscaram uma postura mais ativa diante da escolarização dos filhos, mas se enclausuraram, pois nas poucas vezes que tentaram não foram bem acolhidos e se retraíram. Paro (2000, p 4 e 120) ressalta a importância da participação dos pais na escola, mas que fossem estabelecidos os motivos dessa participação.

*“Entretanto, não se trata, nem dos pais prestarem uma ajuda unilateral à escola, nem de a escola repassar parte do seu trabalho para os pais. O que se pretende é uma extensão da função educativa (mas não doutrinária) da escola para os pais e adultos responsáveis pelos estudantes. É claro que a realização desse trabalho deverá implicar a ida dos pais à escola e seu envolvimento em atividades com as quais ele não está costumeiramente comprometido. (...) Uma dimensão importante da participação dos pais na escola, seja integrando o conselho de escola ou a APM, seja tomando parte de outras atividades, como o grupo de formação de pais, é da atenção que se deveria ter para com os motivos dessa participação, procurando saber qual o ponto de vista dos usuários a respeito”.*

Partindo desse contexto, compreendemos necessário que cada uma dessas instituições assuma as responsabilidades que lhe cabem, no sentido de garantir que a aprendizagem das crianças aconteça numa educação voltada para o exercício ético

da democracia e da cidadania, sendo fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e direção em relação aos objetivos que desejam atingir, pois, caso contrário, as oportunidades irão se fechando, transformando a falta de uma educação de qualidade em uma grande barreira para a ascensão social.

Ainda que tenham objetivos em comum, escola e família possuem responsabilidades específicas e precisam fazer sua parte, para que juntas, atinjam o objetivo principal, que é educar crianças, garantindo condições para que tenham um futuro melhor. Segundo Freire:

*“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominar a realidade. Vai humanizá-la. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizar os espaços geográficos. Faz cultura.”*  
(FREIRE, 1994, p. 43)

É papel da família escolher a escola que a criança vai estudar, com base em critérios que lhe garantam a confiança de que o filho, terá condições para aprender; dialogar com a criança ou o jovem para se manter a par dos conteúdos que estão sendo trabalhados na escola; cumprir e orientar para que o estudante também cumpra as regras estabelecidas pela escola, temos as regras de convivência, que os pais assinam na matrícula, portanto de forma consciente e espontânea; participar das reuniões e da entrega de resultados, informando-se das dificuldades apresentadas pelo/a seu/sua filho/a, bem como seu desempenho; acompanhar e orientar as atividades de casa, entre outras. Segundo Perez:

*“É comum ouvirmos que o grupo familiar, está em crise e, até mesmo, se extinguindo. Na verdade, o que vem ocorrendo são mudanças nos papéis dos membros da família, em decorrência das alterações sociais que, por sua vez, acabam colaborando para a existência de diversas formas de constituição e modalidades de educação familiar.”*  
(PEREZ, 2007, p.10)

A escola tem como responsabilidades: cumprir a proposta pedagógica apresentada para a família, sendo coerente nos procedimentos e nas atitudes do dia a dia; propiciar ao aluno liberdade para se manifestar na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo; receber os pais com prazer em reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e, principalmente, exercendo o papel de orientadora diante de possíveis situações que

possam vir a necessitar de ajuda, de forma a oferecer uma educação de qualidade para seus alunos; entre outras atividades externas, o aluno como protagonista de sua aprendizagem.

O fato é que o acompanhamento familiar sobressai-se como fortalecedor da vida escolar do aluno no seu cotidiano. Assim, a escola tem um papel decisivo no cumprimento das ações do projeto pedagógico, pois deve promover a aproximação da comunidade por meio de encontros, reuniões coletivas e individuais, sendo capaz de orientar as famílias na otimização da rotina escolar, bem como da relação familiar, tornando-a mais social e afetiva.

Se família e escola objetivam uma educação de qualidade, o ideal é que trabalhem juntas, apesar de ser de grande complexidade, com boa vontade e bom senso é possível, que planejem a educação escolar de forma simultânea, propiciando às crianças segurança na aprendizagem, favorecendo a formação de cidadãos críticos e como competências para enfrentar a complexidade de situações que surgem na escola e no cotidiano.

Essa articulação amplia as possibilidades das crianças serem assistidas em suas necessidades educativas, usufruindo da proteção necessária à sua condição de infante cidadão com direitos e deveres garantidos constitucionalmente. Assim é necessário assegurar a participação da família no espaço da escola, interagindo com o gestor, com o corpo docente, com a parte administrativa e demais serviços. *Família e escola, responsabilidades compartilhadas na garantia de uma educação de qualidade.*

A escola tradicional tinha educação centrada no professor, com responsabilidade acadêmica e conteúdos, seu declínio começa já no movimento renascentista, mas ela ainda sobrevive nos dias atuais, cabia ao professor vigiar, aconselhar, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, ficando a cargo dos alunos prestarem atenção e realizar exercícios repetitivos para gravar e reproduzir a matéria e relacionar ou não com a vida prática.

Preparar para o mercado de trabalho com cursos técnicos, os alunos eram mais interessados tudo isso parece estar muito claro, por muito tempo assim eram definidos os papéis de duas das mais importantes instituições da sociedade, estamos passando por mudanças significativas na nossa sociedade e a escola está ficando sobrecarregada e tem assumido mais funções na educação, iniciando na pré-escola.

Hoje temos uma proposta de educação para todos, lógico que estamos em transição com muitos profissionais saudosos daquele tempo, onde a educação era para alguns, eles alegam que era alunos realmente interessados em aprender.

Hoje a escola é inclusiva, a educação é centrada no aluno, precisamos estimular o protagonismo, essa nova geração é questionadora, estão em busca de direcionamento social, resultados rápidos, eles têm noções das desigualdades sociais, essa consciência gera revolta e desilusão. Porém falta maturidade para um movimento, ou lutar por mudanças, falta consciência de classe, posicionamento político e entendimento que só é possível a mudança através da educação e do conhecimento.

O traço mais original da educação desse século é o deslocamento do enfoque do individual para o social, para o político e para o ideológico. A pedagogia institucional é um exemplo disso, a educação, no século XX, tornou-se permanente e social. É verdade, existem ainda muitos desníveis entre regiões do nosso país, entre o Norte e o Sul. Entretanto, há ideias universais, de que não há idade para se educar, de que a educação se estende pela vida e que ela não é neutra pois ela sempre vai influenciar a nossa sociedade.

Quando os jovens entenderem que eles têm o poder nas mãos, que são a maioria e através de uma luta de classes, por políticas públicas e direitos, conseguiriam uma sociedade mais justa, igualitária e com qualidade de vida para todos.

A mudança não vai ocorrer de forma passiva, ela é fruto de muito trabalho e desgastes diários, nas lutas por direitos que nos são negados, em uma sociedade capitalista, onde não é valorizada a formação acadêmica e todos os esforços para que o conhecimento e cultura façam parte da vida de todas as famílias. As crianças de hoje possuem facilidades e habilidades para buscar e processar informações. A geração atual é a primeira que ensina seus pais a usar um fórum, um telefone celular e a consultar sua conta bancária eletronicamente, entre outros serviços, é a primeira vez que observamos ocorrer uma “educação invertida”, fenômeno nunca visto antes.

A história não pode se repetir, e geralmente filhos de pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar, habitualmente não dão continuidade aos estudos, com

grande evasão no Ensino Médio, onde a maioria começa a trabalhar, não conseguindo conciliar a educação, o cansaço e a escola.

Falta de conhecimento que o saber é poder, pois a pessoa letrada dificilmente será enganada e não lutara pelos seus direitos, falta de valorização da educação por parte da nossa sociedade.

Não podemos generalizar e estamos estimulando os nossos alunos a continuidade dos estudos, a ter sonhos por uma profissão que garanta qualidade de vida, e que os tire da vulnerabilidade social.

Apesar de que a escolaridade não é garantia de um bom emprego, porém aumentam muito as chances e possibilidades de encontrar ocupação profissional, fora o crescimento pessoal. Muitas vezes em famílias numerosas, tem um que consegue concluir a graduação e vira referência para toda família.

Porém, com tamanhas mudanças nas relações sociais sofridas nos últimos anos e com as novas dinâmicas de composição e de funcionamento das famílias, a carência social, a falta de habitação, alimentos, saúde, cultura e lazer, leva muitas mulheres a ficar longe dos filhos, lutando pela sobrevivência e as ruas não é um lugar adequado para o desenvolvimento educacional de valores, fica cada vez mais difícil estabelecer os limites que permeiam esta relação, principalmente quando a ética e os valores morais estão no cerne do debate e da preocupação dos brasileiros.

A Mãe que sempre ocupou um papel super importante no desenvolvimento educacional dos filhos, fazendo o acompanhamento diário e incentivando a realização das tarefas escolares, hoje saiu de casa para trabalhar e está sobrecarregada com a vida profissional e tarefas domésticas, acabando deixando de acompanhar diariamente a vida acadêmica dos filhos.

Muitos lares segundo as estatísticas do último Censo 2010, dos 57,3 milhões de domicílios particulares permanentes em 2010, 38,7% tinham mulheres como responsáveis, conforme pesquisa do IBGE são sustentados por mulheres, elas estão dominando o mercado de trabalho, apesar de ter um salário inferior aos dos homens, ocupando os bancos das universidades e cuidados com os filhos, temos uma mudança significativa na nossa sociedade.

O professor tem um papel importante, consegue despertar sonhos, mostrar possibilidades, apresentar novos caminhos através do conhecimento e por vezes encantar alguns alunos sendo referência, de resistência e luta por uma sociedade melhor, mais justa e com espaços para todos.

O trabalho com valores na educação vai influenciar a formação cidadã dos nossos alunos e se inicia na Pré-Escola, cooperação, ética, sustentabilidade, responsabilidade social, cidadania. Estamos trabalhando para o desenvolvimento pleno social e intelectual de cada aluno, que passa na Educação Básica, que possa colocar em prática todo conhecimento, que seja crítico, reflexivo e faça a diferença na sua comunidade, que tenha discernimento para argumentar pelos seus direitos.

O tema valores é muito complexo, pois indicam as expectativas, as aspirações que caracterizam o homem em seu esforço de transcender-se a si mesmo e a sua situação histórica, como tal, marcam aquilo que deve ser contraposto aquilo que é. A valoração é o próprio esforço do homem em transformar o que é, naquilo que deve ser. De acordo com Durkheim (1978):

*“A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial que a criança particularmente se destine”. (p, 41)*

Embora seja um tema polêmico, pais e educadores concordam em um ponto, a escola e a família devem ser parceiras na missão de formar cidadãos de maneira integral, alinhando expectativas e unindo esforços para que o aluno seja o maior beneficiado.

Mas, como trabalhar essa responsabilidade dentro da escola de forma que ela atue como agente ativo no processo, mas sem se sobrecarregar de incumbências que não estão no âmbito da educação escolar.

Toda e qualquer escola de educação Infantil e Básica tem como um de seus principais objetivos o dever de preparar seus alunos para vida, como cidadãos de bem, mas a escola não faz o papel da família e nem esta faz o papel da escola, é necessário que haja parceria mútua entre as partes.

Essa divisão de papéis não cabe mais no mundo de hoje, o aluno precisa ser visto como um ser humano integral e todos os que estão envolvidos com ele contribuem com sua formação. Por vezes a família não tem noção da influência do



educador na vida do filho e não valorizam a educação formal, nesse pensamento Mantoan:

*“A inclusão implica uma mudança da perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucessos na corrente educativa geral.” MANTOAN, 2003, p.28.*

A partir do momento que a criança entra na escola, a escola se torna responsável por inserir a criança no coletivo, a noção de respeito e valores se constrói tanto em casa quanto na escola, apesar de serem relações e instituições diferentes, uma vai complementar a outra, não há como viver em sociedade se não trabalhar a questão dos valores, entretanto, é importante entender que, muito embora a escola tenha o papel de exercitar os valores construídos pelas famílias, isso não significa que ela determine o que é certo ou errado, mas sim, que trabalhe questões que desenvolvam os valores ético, empatia, solidariedade, os levando a refletir sobre a sociedade que esses alunos estão inseridos.

Trabalhar valores na educação significa abrir espaço para debater sobre sentimentos e buscar um comportamento empático não só entre alunos, mas também entre todos os que comunidade escolar, contribuindo fortemente para a formação social dos alunos e também para o aperfeiçoamento de sua identidade e autoestima, todos ganham com a inclusão, aprender a conviver com a diversidade e as diferenças.

Mas, é preciso deixar claro que a proposta da escola ser uma parceira não significa que os pais têm o direito de terceirizar suas responsabilidades, os pais precisam acompanhar de perto a educação dos filhos, não se eximindo do papel central que tem na construção do caráter dos filhos. Para evitar conflitos e maus entendidos neste sentido, uma comunicação direta e franca é o melhor caminho.

Falar em parceria significa que tanto escola quanto família tem interesse em comum, que é o aluno, todo trabalhando por um mesmo objetivo, que o aluno se desenvolva como ser integral, tanto nas questões acadêmicas, quanto nos valores de convivência, quando percebemos um desajuste nesse ponto, buscamos o diálogo para levar ao entendimento e à conscientização sobre qual é a responsabilidade de cada uma das partes nesse processo de educação global, pois quando um desses pilares enfraquece, há reflexos diretos no resultado esperado para o nosso alunado.

A família representa o alicerce para que o indivíduo construa uma boa estrutura social, pois é dentro do espaço familiar que a criança determina os primeiros relacionamentos, que depois abrangerá a escola e por fim a sociedade. Por isso, a participação da família na vida da criança é de suma importância, é ela que servirá de modelo de relacionamentos para que, mais tarde, ela se relacione com outras pessoas.

O ser humano sofre influência do meio no qual está inserido, e que está em constante interação, permitindo-lhe tornar-se um adulto consciente, capaz de ser um cidadão exemplar.

A escola através do seu Projeto Político Pedagógico, deve romper com os paradigmas enraizados na cultura escolar sobre a família padrão ou ideal, vamos trabalhar com a família real, sem os rótulos, trabalhar com a pluralidade familiar presente na nossa sociedade atual, desde que pautada no cuidar, no amor e busca do conhecimento para construir uma sociedade cidadã.

O ser humano aprende o tempo todo, o papel da família é fundamental, pois é ela quem decide, desde cedo, o quê seus filhos precisam aprender, quais as instituições que devem frequentar, o que é necessário saberem para tomarem as melhores decisões no futuro.

Estamos vivendo um verdadeiro impasse sobre a educação e a inclusão escolar, uma grande dificuldade em saber o que realmente é relevante para educação e o que esperamos dela, conhecimentos acadêmicos, preparar para o mundo do trabalho, socialização respeitando as limitações e o tempo para sua aprendizagem. Segundo Mantoan:

*“A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazendo.”*

## **CAPÍTULO 3.2 OS DESAFIOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Destacarei neste capítulo os desafios sobre a formação continuada do docente, mobilizando a questão fundamental pela perspectiva da diversidade implicada na proposta da Educação Inclusiva, que exige do professor o conhecimento indispensável para fazer frente à complexidade que envolve esta realidade.

A educação inclusiva requer uma redefinição conceitual e organizacional das políticas educacionais e culturais. Nesta perspectiva, o financiamento dos serviços de apoio aos alunos público alvo da educação especial devem integrar os custos gerais com o desenvolvimento do ensino, sendo disponibilizados em qualquer nível, etapa ou modalidade de ensino, no âmbito da educação pública ou privada.

Ressalta-se que os estabelecimentos de ensino deverão ofertar os recursos específicos necessários para garantir a igualdade de condições no processo educacional, cabendo-lhes a responsabilidade pelo provimento dos profissionais de apoio. Temos um grande desafio pensar as capacitações necessárias para atualizar o professor do Século XXI, suprimindo as demandas apresentadas pelos alunos, sinalizando a necessidade de mudanças na forma de ensinar.

O momento é de transição, mas é fato que estamos caminhando inegavelmente para a mudança. A cultura escolar ainda está enraizada no modelo antigo, como instrumentalizar o professor para que ele esteja apto e preparado para formar o aluno do futuro, é o desafio a ser vencido?

Trata-se de alterar a visão do educador em relação ao aluno, fornecendo subsídios e ampliando seu repertório de ações para que ele possa empoderar o jovem e prepará-lo para os desafios existentes na sociedade contemporânea, como a agilidade da informação, a volatilidade dos conceitos, as rápidas transformações e a globalização crescente.

Devido a importância e extensão da ação docente, os professores ocupam espaço estratégico e de fundamental importância no interior das relações complexas que compõem as sociedades contemporâneas a partir dos saberes que elas produzem e mobilizam para diversos fins.

Para exercer a docência, é um consenso entre diversos autores, Pimenta (2000), Tardif (2008), Freire (1994), Nóvoa (2009) de que o professor necessita construir um conjunto de saberes e de conhecimentos específicos para desempenhar sua função como profissional da educação. Para Tardif, o saber dos professores é profundamente social, sendo, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o possuem e o incorporam à sua prática profissional para a ela adaptá-lo e para transformá-lo. Assim, “a prática do deles, ou seja, seu trabalho cotidiano, não é somente não um lugar de aplicação de conhecimentos produzidos por outros, mas também um espaço de produção, de transformação e de mobilização que lhes são próprios” (Tardif, 2008, p.237). Os saberes pedagógicos, segundo Pimenta (2000), são aqueles que o professor constrói no cotidiano do seu trabalho e que fundamentam sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da instituição educativa onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão desse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento.

Para Freire (1994), ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Nóvoa (2009) destaca que o “bom” professor necessita possuir cinco “disposições”, ou seja, deve conquistar cinco competências que são básicas para exercer a docência: conhecimento; cultura profissional; tato pedagógico; trabalho em equipe e compromisso social. Tardif (2008), atuar num espaço pedagógico exige conviver com o fenômeno educativo em constante transformação. Os saberes específicos Tardif (2008), atuar num espaço pedagógico exige conviver com o fenômeno educativo em constante transformação. Para o autor, saberes específicos da área de atuação mudam, os conhecimentos pedagógicos necessitam ser revistos e modificados em função da dinâmica social e histórica. Na visão apresentada pelos autores, o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer.

Tardif (2008), confirma essa perspectiva quando destaca que o desenvolvimento quantitativo e qualitativo dos saberes seja concebível com o incremento correspondente dos recursos educativos e que depende de corpos docentes capazes de assumir, dentro dos sistemas de educação, os processos de aprendizagem individuais e coletivos que constituem a base cultural, intelectual e científica da sociedade. Para o autor, depende dos professores, apropriarem-se dos

saberes no contexto educacional e empenharem-se e assumirem e individualmente, uma formação voltada ao seu próprio saber profissional. O professor deve ter em mente que esse saber não é um conjunto de conteúdos cognitivos definitivos, prontos e acabados e sim um processo em construção ao longo de uma carreira profissional em que o professor aprende a entender as demandas de uma sociedade em constante mudança e com isso, aprende a lidar com as exigências ao mesmo tempo em que se insere em novos contextos de aprendizagem, o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática.

Esse saber é adquirido em um contexto de formação inicial e formação continuada, onde é incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira.

Destacarei nesta discussão sobre a formação continuada do docente, mobilizando a questão fundante pela perspectiva da diversidade implicada na proposta da Educação Inclusiva, que exige do professor o conhecimento indispensável para fazer frente à complexidade que envolve esta realidade.

O exercício da docência é um trabalho complexo, pois é realizado com e sobre pessoas, com finalidades, intencionalidades, formas de engajamento, prescrições e programas. Por ser uma ação baseada em vínculos, a formação para este trabalho também é complexa. Por isso, formar professores envolve uma lógica socioprofissional, didática e psicológica e essa formação deve propiciar a construção de mudanças conceituais e práticas (GATTI, 2019).

Para a efetivação de fato dos princípios da educação inclusiva, é importante repensarmos a formação de professores, visto que para a melhoria do ensino e especialmente na perspectiva da inclusão, é preciso ressignificar a compreensão sobre as diferenças, e compor o processo de formação continuada dos professores com reflexões acerca do Direitos Humanos, os princípios de Educação para Todos, com a intenção de modificar do olhar do professor sobre a exclusão e conseqüentemente a iniciativa de construção de saberes que permitirão que individualmente cada professor tenha disponibilidade para assumir um ensino intencional frente à diversidade presente em sala de aula, de maneira a estabelecer objetivos e estratégias educacionais que contemplem as especificidades de cada aluno, a partir de seu desenvolvimento real, para traçar expectativas claras de novos conhecimentos, de acordo com suas potencialidades. Atuar como professor na escola

de hoje constitui-se, portanto, numa atividade complexa que requer que esse profissional esteja preparado para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos tanto para os alunos considerados especiais quanto para os demais integrantes de sua turma.

A formação do professor segue tendências e quem as dita é o Ministério da Educação, por diferentes caminhos, teceram novos focos de interesse, especialmente pelo que evidenciou sobre as buscas dos mesmos em relação a sua formação, a relevância que assume nesse processo o acesso ao reconhecimento e possibilidade de aprender mais e melhor, que possibilita ampliar a discussão sobre a construção da identidade profissional do professor, sempre muito comentado em nossa sociedade, neste momento de mudanças e implantação da Base Nacional Comum Curricular, precisamos nos apropriarmos dessas mudanças que estão sendo implantadas em todo Brasil e construirmos nosso currículo valorizando a nossa cultura regional.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de Formação de Professores é um documento normativo norteador das formações docentes ainda em construção. A base para a formação de professores será um documento que servirá de referencial para as licenciaturas nas universidades brasileiras, que são os cursos que capacitam os estudantes do ensino superior a darem aulas nas escolas de ensino básico. A versão preliminar divulgada, segundo o MEC, serve para iniciar uma discussão sobre "as diferentes formas de habilitação para a docência nas etapas e modalidades da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio".

O documento estipula três tipos de formação continuada, promovidos dentro da própria escola do professor, dentro da rede estadual ou municipal, por meio de cursos, eventos e atividades de trocas de experiências e ações formativas, e também no ambiente externo, como o incentivo à participação em congressos e outros eventos acadêmicos, além de cursos de pós-graduação em instituições de ensino.

A formação continuada também deve ser um critério para ascensão do professor na carreira, defende o MEC. O documento propõe que os planos de carreira, que são regulamentados pelos estados e municípios, "façam uso da matriz de competência para avaliar o desempenho dos professores, por que "a matriz de competências permite que as avaliações dos professores sejam mais objetivas, pois pautar-se-á em habilidades e competências comprovadas ao longo da carreira".

Está sendo discutido sobre quais são os direitos de aprendizagem, as competências e as habilidades essenciais para os alunos na educação básica. Agora, é preciso que o professor trabalhe com as competências e habilidades necessárias para aquisição do conhecimento, especialmente com foco na prática pedagógica, numa visão mais próxima da sala de aula.

As formações as dez competências gerais e apontar que a formação inicial e continuada deve ser baseada em três dimensões: conhecimento, prática e engajamento. A dimensão do conhecimento está relacionada ao domínio dos conteúdos. A prática refere-se a saber criar e gerir ambientes de aprendizagem. A terceira dimensão, engajamento, diz respeito ao comprometimento do professor com a aprendizagem e com a interação com os colegas de trabalho, as famílias e a comunidade escolar. Para cada dimensão, estão previstas quatro competências específicas.

A formação inicial deverá superar, as dicotomias entre teoria e prática, entre as escolas e a universidade, entre outras, a superação da fragmentação curricular que divide a formação do professor, temos urgência de mudança curricular e entendimento conceitual da formação docente.

Neste sentido, o MEC solicita a colaboração e a participação da Undime e do Consed, tem como principal objetivo diminuir as evidentes disparidades observadas no país que são resultantes de inúmeros elementos e fatores relacionados ao entorno social de cada localidade e escola, quanto também tornar a escola e a educação efetivas, por meio de seus processos e ações, na valorização daquilo que é local aproximando e formando os estudantes num mundo globalizado, onde as informações precisam ser transformadas em conhecimentos. Irá implicar em novos procedimentos, práticas e saberes a serem consolidados que, por sua vez, exigirão educadores com formação diferente daquela que até o presente momento é oferecida nas universidades brasileiras nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. O processo formativo deverá contemplar os princípios definidos na Base Curricular, tanto na formação inicial, assim como na formação continuada dos docentes professor. As competências gerais da base, de acordo com o proposto pelo MEC, de acordo com o site do MEC, são:

*“1-Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem dos alunos e na sua própria aprendizagem*

*colaborando para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.*

*2-Pesquisar, investigar, refletir, realizar a análise crítica, usar a criatividade e as tecnologias, para selecionar, organizar com clareza e planejar práticas pedagógicas coerentes, desafiadoras e significativas.*

*3-Valorizar e incentivar as diversas manifestações culturais das locais, as mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artística cultural para que o aluno possa ampliar seu repertório cultural.*

*4-Utilizar diferentes linguagens verbal, cultural, visual, sonora e digital para se expressar e fazer com que o aluno se expresse para partilhar informações, experiência, ideias e sentimentos em diferentes contextos produzindo sentidos que levem ao entendimento mútuo.*

*5-Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens.*

*6-valorizar a formação permanente para o exercício profissional, estar sempre atualizado na sua área de atuação e nas áreas afins, apropriar-se de novos conhecimentos e experiências que lhe possibilitem ser um profissional eficaz e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidades.*

*7-Buscar desenvolver argumentos com base em fatos, dados e informações confiáveis para formular ,negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.*

*8-Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autoconhecimento e autocuidado dos alunos.*

*9-Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro*



*e aos direitos humanos, com saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos ambientes de aprendizagem.*

*10-Agir e incentivar pessoal e coletivamente, com autonomia e responsabilidades, flexibilidade, resiliência e determinação tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários para que o ambiente de aprendizagem possa refletir esses valores.”*

A concepção de competências e habilidades não poderá ser aprendida pelos educadores apenas com o intuito de conhecimento do conceito, precisando a partir de agora, tornar-se cultura presente, realizável, concretizável no cotidiano da escola, juntamente aos alunos.

O uso das novas tecnologias e das metodologias ativas, igualmente, há que se tornar parte dos currículos de formação de professores para que seja possível alinhar as ações dos docentes as expectativas e demandas de toda uma geração de educandos já nascidos na era digital, conectados à internet, usuários regulares das tecnologias móveis.

Os caminhos da formação docente são complexos, e a forma como é feita até hoje, gera muitos questionamentos por parte dos docentes, quando são abordadas questões culturais, sociais, direitos humanos, inclusão entre outras temáticas que lidam interdisciplinarmente e que exige novo olhar para os conteúdos de ensino e para a produção de conhecimentos. A dificuldade dos professores pode estar relacionada ao modelo de formação inicial que ainda é disciplinar, um legado do positivismo, onde tudo é dividido em partes, e muitas vezes impossibilita o docente de ver o todo.

Os processos de formação inicial e continuada precisam ter foco na visão complexa social e educação para a vida, superando o ensino conservador, descontextualizado, fragmentado, e que contribui com a fragmentação do conhecimento e de formação. Para o modelo de formação conservador e fragmentário, o aluno é uma abstração, e por isso, não importa conhecer o que o

aluno já sabe, que seus os conhecimentos prévios, todos receberão os mesmos conteúdos do mesmo modo e no mesmo tempo.

Para que o docente faça reflexão sobre sua prática para repensar sua atuação a formação continuada deve oferecer condições para que os professores sejam capazes de pensar de forma crítica autônoma, ética e solidária, que trabalhem pautados na educação de valores e conhecimentos científicos em busca de uma educação e sociedade mais justa, inclusiva, que tenha como objetivo a redução e das desigualdades. Freire fala sobre a fundamentalidade da educação e de seu papel transformador:

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarna-la diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.” Paulo Freire ( 1994.p. 67)

A formação continuada nos permite momentos de reflexão sobre as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos, e a busca por conhecimentos pedagógicos, pois a contemporaneidade tem exigido dos profissionais um constante aprimoramento da aprendizagem para atuação em sala de aula no contexto educacional.

### **3.3- EDUCAÇÃO BÁSICA: A FORMAÇÃO CONTINUADA E AS DIFERENÇAS DAS CATEGORIAS DOCENTES**

A educação básica está organizada a partir da educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio. Entender a organização dos diversos segmentos do processo educacional é tarefa simples. Mas, entender os processos de maior ou menor prestígio docente a partir do segmento que o professor atua, é inaceitável.

O professor de educação infantil parece ser mais desvalorizado socialmente e por seus pares, fato observado por mim, nos encontros coletivos destinados à formação continuada, ao menos nas escolas que atendo. Percebo que há uma

percepção equivocada em relação ao trabalho desenvolvido com crianças em fase pré escolar no imaginário social, é menos importante talvez por não ser considerado pedagógico. A carga horária dos professores também é diferenciada, de quatro a seis horas com alunos. Parece que o pouco prestígio está relacionado à visão assistencialista de tempo das creches, em que a tarefa da professora era cuidar e alimentar, parece que a associação do papel de mãe ao das professoras produz uma visão distorcida dessa profissional. A complexidade do trabalho docente neste nível de ensino é de inestimável importância. A professora recebe a criança pequena, ainda em desenvolvimento da linguagem, num processo de desenvolvimento psicológico em construção de seu mundo interno e sem ainda conseguir externar sentimentos, medos, juízos e sem entender situações ameaçadoras. É o nível da educação em que a criança apresenta maior fragilidade física e emocional. Desta forma a importância do papel, é um profissional que precisa ter uma formação que lhes deem condições de conhecer o desenvolvimento humano em seus pormenores e saber fazer as intervenções necessárias para que o processo de desenvolvimento humano aconteça de modo adequado que é o que garantirá a integralidade do melhor do ser humano, que são suas capacidades afetivas, criativas, espirituais, sociais e cognitivas.

Esse profissional tem sua formação acadêmica em Pedagogia, exigência mínima para atuação. Além da formação, é necessário muita energia e criatividade para desenvolver um trabalho na, pois corpo e movimento são segmentos muito utilizados para desenvolver o trabalho pedagógico nesse nível de ensino. A maioria dos profissionais buscam aprimorar suas estratégias de trabalho através de pós graduação em Educação Infantil, Contação de histórias, Alfabetização e letramento, Psicomotricidade e outras.

### Ensino Fundamental I

Observo, nos encontros de formação que as professoras de Ensino Fundamental I, são socialmente mais valorizadas pelos colegas. Trabalham com os alunos na fase de alfabetização do 1º ao 5º, ficam um período maior com seus alunos, cerca de quatro horas diárias, A formação acadêmica exigida é Pedagogia para esse nível de ensino.

Esses professores trabalham com salas numerosas aproximadamente 30 (trinta) a 35 (trinta e cinco) alunos, alunos de inclusão. Alguns alunos de inclusão são acompanhados por profissional contratado pela Seduc com a denominação de Atendente de Educação para os alunos que necessitam de apoio, são disponibilizados Atendente de Educação para os que não tem autonomia para alimentação, locomoção e higiene, esse profissional não elabora atividades pedagógicas, porém pode orientar e motivar o aluno na realização das mesmas, alguns alunos de inclusão acompanham o conteúdo da sala, porém necessitam de orientações individualizadas para realização de suas atividades pedagógicas.

Para os alunos de inclusão após realização de um documento “Ficha de identificação do Aluno, um roteiro de perguntas realizadas pelo professor para conhecimento prévio sobre o aluno, utilizada para acolhimento dos alunos e seus familiares, e após é realizado o Plano Educacional Individual do aluno(PEI), que conta com a participação da professora do Atendimento Educacional Especializado, pensando em estratégias para todas as dificuldades apresentadas pelo aluno.

Temos trabalhos maravilhosos e exitosos desenvolvidos com alunos de inclusão, muitas trocas de ideias sobre o planejamento e desafios, pois não existe planejamentos prontos ou estratégias permanentes, temos que trabalhar de acordo com as necessidades apresentadas pelo aluno, são feitas adaptações, material concreto ou utilizado material de alfabetização compatível com sua fase de desenvolvimento e não Ano/serie.

É de grande importância conseguir fazer vínculo afetivo com os alunos e ter contato com as famílias, podendo solicitar apoio para vida escolar dos seus alunos, pois nesta fase eles ainda não têm autonomia para rotina de estudos.

Todos esses desafios diários por vezes deixam os professores inseguros, pensam não estar preparados para trabalhar com os alunos de inclusão, como vou fazer com o aluno com paralisia cerebral, Transtorno Espectro Autista, surdo, cego, deficiente físico, toda diversidade em um mesmo espaço, a maioria procura uma pós graduação em psicopedagogia, educação inclusiva, alfabetização, letramento e outras.

A grande maioria desenvolve um trabalho diferente e adaptado para seu aluno, com direito a acerto e erros, sempre é possível repensar as estratégias e personalizar

as atividades. Essas experiências são muito ricas e por vezes nos surpreendemos com os resultados.

Temos várias capacitações ofertadas pelo Ministério da Educação como por exemplo o Pacto pela Alfabetização na idade certa, onde só poderiam participar os professores do Ensino Fundamental, ocorreu uma mudança significativa no final do ano 2017 onde os professores de Educação Infantil, foram incluídos nesta capacitação. E o que é o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), é um compromisso formal assumido pelos governos Federal, Estadual e Municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até oito anos de idade, ao final do terceiro ano do Ensino Fundamental.

A Secretaria do Estado, garante a formação dos professores alfabetizadores do Município que aderiu ao Pacto, e o acompanhamento e avaliação, além de distribuição de materiais pedagógicos para os professores e estudantes das escolas da rede Municipal e Estadual.

O Ministério da Educação percebeu que a educação se inicia na Educação infantil, essa mudança precisa acontecer em todos os níveis de Gestão, PNAIC uma capacitação do Mec, que pode ofertar pela primeira vez aos professores da Educação Infantil e Fundamental I, causou surpresa e grande procura, não descarto essa mudança por conta da implantação da BNCC e os campos de experiências que precisam ser trabalhados desde a educação infantil, e foi uma valorização desta categoria, que também precisa de capacitação para uma melhor atuação no seu cotidiano, e ser reconhecida como parte importante na educação básica.

O professor especialista ou PIII são os professores do Ensino Fundamental II que lecionam para alunos do 6º ao 9º Ano e passam por várias salas, geralmente de dez a dezoito turmas diferentes, dependendo da sua carga horária e geralmente dois ou três períodos.

Cada um especialista do seu conteúdo e trabalhando de forma isolada, a Interdisciplinaridade não está presente de forma significativa dentro das escolas, ainda temos dificuldade de desenvolver um trabalho com os pares e cada um tem domínio do seu conteúdo e geralmente as áreas de conhecimento são preparadas o mesmo para todas as salas, mesmo com as turmas totalmente heterogêneas, as observações das dificuldades vão surgindo durante o percurso. Temos dificuldades

de aceitação dos alunos de inclusão na sala, por não serem acadêmicos, portanto é necessário adaptar as atividades, a orientação é que as atividades fossem contextualizadas com a matéria do especialista, para que o aluno sintasse participando do tema estudado por todos os alunos da sala, porém simplificado de maneira que ele possa entender e adquirir conhecimento.

A argumentação dos professores é que as salas são numerosas de 35 a 40 alunos, impossível preparar atividades individualizadas, eles dão aulas em 10 salas diferentes, portanto pouco contato com o aluno, eles não têm formação para isso, são especialistas em Letras, Matemática, História etc, não se sentem preparados para realizar uma adaptação para esse aluno com deficiência.

Às vezes são trabalhados alguns projetos e os professores conseguem desenvolver um trabalho interdisciplinar, cada um dando sua contribuição para um objetivo comum, levando a resolução dos problemas de forma integrada, entendendo que o mundo é heterogêneo, diversificado.

Alguns alunos de inclusão acompanham o conteúdo da sala, porém necessitam de orientações individualizadas, estão com aquele grupo que tem dificuldades de aprendizagem, esses são melhores aceitos na sala de aula.

Os que têm Atendimento de Educação e não estão alfabetizados, a resistência pela permanência no Ensino Regular por parte do corpo docente é muito grande, pelo trabalho que precisa ser diferenciado, o planejamento das atividades.

Faço um trabalho de sensibilização sobre o direito à permanência no Ensino Regular, não acredito só na ideia legalista, sim ele tem o direito, como qualquer outro aluno de estar, porém todos ganhamos com essa convivência com as diferenças, os alunos, os profissionais e a nossa sociedade. Muitas vezes somos surpreendidos com os resultados apresentados por eles, o reconhecimento das famílias. Esses alunos não se encaixam no ensino tradicional, a educação em massa, atividades e avaliações prontas e para todos, conheço as críticas da burocracia presente no sistema educacional, porém a educação ainda é a melhor forma para tornar a nossa sociedade melhor e precisamos respeitar as diferenças.

A formação acadêmica tem responsabilidade em alimentar essa divisão do conhecimento e cada professor fica com um fragmento do saber, dificultando a aprendizagem, pois a aprendizagem e o conhecimento ficam descontextualizados e perdem oportunidades de obter resultados significativos.

Para cada turma é necessário pensar uma estratégia para que a aprendizagem aconteça, as áreas de conhecimento são comuns, porém as turmas são heterogêneas e devemos buscar a maneira de mediar o conhecimento.

E apesar de todas essas dificuldades apresentadas com os alunos de Ensino Fundamental e os resultados insatisfatórios, apresentando pelo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino, e muitos casos de evasão escolar.

Dentro do Município de Praia Grande das 77 (setenta e sete) escolas, temos várias com Ideb de 7,0 portanto motivo de questionamentos e desejos que todas as unidades tenham o mesmo Ideb no Município. Pois dos nove municípios da Região Metropolitana da Baixada, somos o primeiro dentro dessa avaliação, porém sempre refletindo, esse resultado são frutos de muito trabalho e dedicação de todos os profissionais envolvidos, principalmente os professores, é muito bom ter uma referência para analisar as estratégias didáticas usadas e pensarmos como aprimorar, escutando as opiniões e sugestões dos nossos professores, acredito que esse envolvimento possibilita chegar a esses resultados.

Temos a consciência que ainda temos muito a melhorar para contemplar todos os alunos da rede pública de ensino, que o ensino seja inclusivo no sentido amplo para os alunos com dificuldades de aprendizagem ou com deficiência.

O professor que trabalha com a Educação Infantil PI, tem um salário menor que o professor especialista PIII, percebo que mesmo após implantação dos Planos de Carreira do Magistério essa discrepância não foi corrigida, alimentando além da desvalorização social, também a financeira, essa diferença está presente em outros Municípios da Baixada Santista.

Esta separação também é percebida na sala dos professores e alguns comentários como por exemplo, não posso colaborar com a escola pois tenho muitos alunos, não tem comparação com o professor que tem uma “turminha”, esse tem mais tempo. Não fortalece a educação essa separação de categorias, pois trabalhamos com o mesmo objetivo, uma educação pública de qualidade e que venha a beneficiar toda nossa sociedade, inclusive os alunos que não são brilhantes pedagogicamente,

porém podem ter sucesso na vida e realizar os seus sonhos, dentro da cidadania plena.

Essas diferenças alimentadas pelo sistema, fomentam vários preconceitos e afirmativas de senso comum, pois imaginar que um professor tem menor valor por trabalhar na educação infantil, onde tudo começa e este profissional está de forma lúdica preparando o seu aluno para quando chegar a fase da alfabetização, ele está pronto para os novos conhecimentos e valorizando a educação que recebeu até aquele momento, pois para mudar de fase, é preciso percorrer um enorme caminho e cada fase do conhecimento tem o seu papel de relevância na educação formal e social.

Todas as fases contamos com profissionais de nível superior, porém cada um escolheu a fase que mais se identifica para trabalhar, apesar de serem todos professores temos que levar em conta as fases do desenvolvimento e a complexidade para se trabalhar em cada uma delas, muitas vezes os professores vão experienciando as fases e onde se identificam com o processo de aprendizagem e sabendo lidar com crianças, adolescentes ou adultos.

É preciso acolher as diversidades, e as necessidades e interesses de aprendizagens dos alunos e qual contexto social está inserido despertando o prazer e curiosidade por aprender e transformar todo seu entorno e realidade. Diz Isabel Alarcão:

*“No Brasil, se faz sentir neste momento relativamente a essa abordagem de formação. Reafirma-se a necessidade da reflexão crítica, pelos professores, acentua-se a sua dimensão coletiva e não meramente individual, e apresenta-se um conjunto de estratégias de formação propiciadoras de desenvolvimento de educadores reflexivos”.*

Transformar informação em conhecimento através de habilidades trabalhadas em um curto espaço de tempo na escola, cabe ao professor fazer a mediação do conhecimento, respeitando o conhecimento sócio cultural do mesmo, pois partindo da sua realidade, será possível despertar o interesse em um conteúdo que possa agregar conhecimento e transformar a sua realidade. O professor também levanta vários questionamentos sobre as metas, as avaliações bimestrais e de larga escala, pois o fracasso do aluno também é do professor e da instituição de ensino. Esse é o entendimento de Isabel Alarcão:



*“Para intervir, é preciso compreender. A educação, como muitos outros setores da vida em sociedade, está em crise. Importante analisar os contornos da crise, perceber os fatores que estão na sua gênese, congregar esforços e intervir sistematicamente e coerentemente (...) Para que os cidadãos possam assumir este papel de atores críticos, situados, tem de desenvolver a grande competência da compreensão que assenta na capacidade de escutar, de observar e de pensar, mas também a na capacidade de utilizar as várias linguagens de interação que permitem ao ser humano estabelecer com os outros e com o mundo mecanismos de interação e intercompreensão. (...) Colocando-se a ênfase no sujeito que aprende, pergunta-se então qual o papel dos professores. Criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a autoconfiança nas capacidades individuais para aprender são competências que o professor de hoje tem de desenvolver.”.*

Quando alguns alunos se destacam, porém a maioria não tem o rendimento esperado, leva o professor a pensar que estratégias precisa desenvolver para desenvolver nos alunos habilidades e competências e obter resultados satisfatórios do conjunto, a aprendizagem não acontece de forma homogênea e sempre temos a necessidade de diversificar como ensinar. Assim é o pensamento de Francisco Imbernón:

*“A formação deve levar em conta a formação individual e coletiva para ajudar, o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores no âmbito laboral e de melhoria das aprendizagens profissionais e para ajudar a analisar os sentimentos e as representações pelos quais os sujeitos se singularizam (...) Considerar o desenvolvimento profissional, pessoal e institucional, mais além das práticas de formação e uni-los a fatores não formadores, mais sim laborais, supõe uma reconceituação importante, já que não se analisa a formação apenas com o domínio da disciplina e nem se centra nas características pessoais do professor”.*”

Vamos explorar todos os potenciais e de diferentes formas, os professores mais criativos e irreverentes estão se destacando e pensando em aulas mais dinâmicas com teatro, seminários, debates, utilizando tecnologias como aliadas da educação e do professor, pois nossos alunos nativos digitais demonstram grande interesse e facilidade com tema e as Tecnologias Informação e Comunicação agiliza a chegada das informações e nossos alunos cada vez mais imediatista e sem um pingão de paciência, precisam de motivação constante para participar das aulas.

Por vezes encontramos resistência de professores mais tradicionais, por desconhecimento de como utilizar, reconhecer que os alunos têm domínio das ferramentas tecnológicas, temos resultados positivos dos que resolveram agregar conhecimento e realizar a troca com os alunos. As queixas da desvalorização do professor pela nossa sociedade e da falta de apoio familiar, é um trabalho muito solitário e provavelmente reflete nos resultados.

Os questionamentos da mídia e da sociedade sobre os resultados da educação, todos pensam que entendem sobre a educação e sua dinâmica e colocam a responsabilidade dos professores, que não sabem ensinar, não conseguem perceber, que é um trabalho conjunto e as famílias precisam participar da vida escolar dos filhos, motivando a que realizem e reforçando a importância da educação ou seja escolarização para a vida prática.

Outras profissões que também não tem bons resultados, a população não desenvolvem teses sobre ou traçam estratégias para resolução dos problemas, como é feito na educação, é assustador escutar a opinião pública e as estratégias traçadas para solucionar, a problemática da educação brasileira, várias pessoas que nunca tiveram contato com a realidade de uma sala de aula, em uma escola pública e a complexidade de desenvolver um trabalho com crianças e adolescentes despertando o interesse pela aprendizagem. Diz Francisco Imbernón, 2009 P. 80 :“O domínio da formação deverá fazer parte da profissão, se os professores quiserem ser os protagonistas de sua formação e desenvolvimento profissional”. Professores sujeitos de sua formação e com identidade docente.

O conhecimento é uma produção histórica, uma busca pela curiosidade, a procura do novo e da mudança, faz parte do educador essa busca pelo conhecimento, assim como por uma ação que traga resultados. É preciso alinhar corretamente a formação dos professores com as novas expectativas, certamente, nenhum deles aprendeu na universidade. As mudanças que percebemos serem urgentes e necessárias na educação implicam decisões, rupturas, opções e riscos, por isso temos resistências, porém uma reflexão crítica sobre os resultados apresentados e a sociedade que estamos formando, em que a educação está contribuindo com a sociedade.

São muitos questionamentos sobre o processo de conhecimento, formação política, capacitação técnica científica, como relacionar o saber e a prática, para que

a aprendizagem aconteça. Precisamos ser mais atrativos e que a escola seja um espaço acolhedor e que os alunos sintam prazer em estar, um local de construção de conhecimento e transformação sócio cultural, precisamos buscar maneiras de mudar com engajamento crítico e reflexivo. Diz Isabel Alarcão:

“Essa alteração dos processos de aprendizagem implica também uma nova organização da escola, com tempos e lugares diferenciados, não só para estar em aulas de grandes grupos, mas também para trabalhar em pequenos grupos, mas também para trabalhar em pequenos grupos ou isoladamente, com acesso facilitado tanto a livros e revistas quanto a computadores e bases de dados e aos serviços da internet, com tempos e espaços para a realização de tarefas concretas, interpelativas da teoria e concretizadoras desta, pois é na interação entre o saber dos outros e sua aplicação por cada um a uma situação concreta que cada um desenvolve o seu saber.”(Tavares e Alarcão,2001 107-108 Professores sujeitos de sua formação e com identidade docente)

Temos preocupações com os limites da prática educativa e o significado do conhecimento, que possibilita domínio de habilidades e competências. É necessário repensar métodos, técnicas de ensino, processos, elaboração de materiais didáticos, sendo necessário ter foco e objetivos bem delineados e de acordo com o público alvo que pretendemos alcançar.

São várias interrogações apresentadas no dia a dia com alunos reconhecendo que eles têm a capacidade de decidir, optar e ressignificar de forma crítica, uma explicação dentro dessa possibilidade de mudança. Pensar em como motivar os professores para realizarem a formação também é um grande desafio para o gestor, pois muitos trabalham dupla jornada e alguns ainda período noturno, esse é um fator que precisa ser levado em conta e o outro , são os temas a serem ofertados aos professores, Segundo Morin:

*“É preciso dizer ainda que se exista a possibilidade de um novo caminho, uma nova esperança, é evidente que as crises significam possibilidade de regressão, mas também possibilidade de imaginação, de criação de algo novo e significativo”.*

Cada professor tem interesse em temas dentro da sua formação e apresentam dificuldade em ter um olhar do aluno como um ser integral e não partes, a interdisciplinaridade com certeza agregaria o desenvolvimento do trabalho e construção do conhecimento, ainda vai levar um tempo para o pensamento integral.

Muitos professores especialistas fazem pós-graduação dentro da área de formação e cursos EaD ou Ensino Híbrido, isso foi relato de muitos professores, pois utilizam os cursos para progressão funcional, no Plano de Carreira e conseguem realizar esses cursos aos sábados e a distância. Alguns professores conseguem realizar cursos sem custos, financiados pelas editoras, isso é um grande atrativo para realização dos mesmos, porém muitas vezes o tema disponibilizado, não é de interesse, apesar que atualização nunca é perdida, pois conhecimento é possível agregar e transformar a nossa prática. Como diz Freire Paulo:

*“O que importa na formação, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que ao ser educado, vai gerando coragem”.* Paulo FREIRE, *Pedagogia da Autonomia 1994.p.50*

É necessário oferecermos conteúdos relacionados à atuação profissional de cada professor relacionando as áreas de conhecimento criando um ambiente favorável à reflexão em torno da prática e à continuidade. Obviamente, temos como meta fazer com que a formação possa desencadear a reflexão sobre a prática em sala, e como está acontecendo a mediação do conhecimento por parte dos professores e aceitação dos alunos.

Pois a indisciplina é uma queixa constante dos professores e interfere na apropriação do conhecimento por parte dos alunos e desgastando muito os professores, até que consiga despertar o interesse dos mesmos e iniciar sua aula planejada.

Vamos observar o interesse e a evolução nesse aspecto durante a formação. No início, os professores costumam identificar coisas muito básicas, onde aplicar o novo conhecimento, essas coisas com o passar do tempo, as observações e as relações se aprimoram e elas refinam o olhar e sua atuação.

Refletimos sobre como funcionam as estruturas. No caso da formação didática dos professores, o objetivo é que eles aprimorem sua capacidade pedagógica de mediar o conhecimento dos alunos e relacionar aos novos conceitos aprendidos. E também crie condições para que elas assumam posturas e comportamento de leitores regulares, interagindo naturalmente com os novos conceitos e ampliando suas experiências sócio culturais relacionando com o espaço onde estão inseridos,

destacando o professor em sua formação, desenvolvimento profissional e pessoal, bem como os processos de aprendizagem que ocorrem na escola. Temos que iniciar isso na formação acadêmica, uma mudança na construção e formação do professor do século XXI.

Para pensarmos sobre, que professores queremos formar? no século XXI, temos uma série de questionamentos que vão interferir nos resultados e em torno dessa pergunta, de partida vários outros questionamentos surgiram que imagem têm os professores sobre sua profissão? Que razões motivaram para essa escolha? Qual a forma de ingresso desses docentes na educação? A que formação inicial e continuada estes professores tiveram acesso? Quais valores, práticas pedagógicas e experiências profissionais caracterizam a docência desses professores? Em que condições de trabalho exercem a docência? Vocês acreditam na educação e onde ela pode levá-los?

A formação do professor segue tendências e quem dita é o Ministério da Educação, por diferentes caminhos, teceram novos focos de interesse, especialmente pelo que evidenciou sobre as buscas dos mesmos em relação a sua formação, a relevância que assume nesse processo o acesso ao reconhecimento e possibilidade de aprender mais e melhor, que possibilita ampliar a discussão sobre a construção da identidade profissional do professor, sempre muito comentado em nossa sociedade, neste momento de mudanças e implantação da Base Nacional Comum Curricular, precisamos nos apropriarmos dessas mudanças que estão sendo implantadas em todo Brasil e construirmos nosso currículo valorizando a nossa cultura regional.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de Formação de Professores é um documento normativo norteador das formações docentes ainda em construção e será um documento que servirá de referencial para as licenciaturas nas universidades brasileiras, que são os cursos que capacitam os estudantes do ensino superior a darem aulas nas escolas de ensino básico. A versão preliminar divulgada, segundo o MEC, serve para iniciar uma discussão sobre "as diferentes formas de habilitação para a docência nas etapas e modalidades da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio".

O documento estipula três tipos de formação continuada, promovidos dentro da própria escola do professor, dentro da rede estadual ou municipal, por meio de

cursos, eventos e atividades de trocas de experiências e ações formativas, e também no ambiente externo, como o incentivo à participação em congressos e outros eventos acadêmicos, além de cursos de pós-graduação em instituições de ensino.

A formação continuada também deve ser um critério para ascensão do professor na carreira, defende o MEC. O documento propõe que os planos de carreira, que são regulamentados pelos estados e municípios, "façam uso da matriz de competência para avaliar o desempenho dos professores, por que "a matriz de competências permite que as avaliações sejam mais objetivas, pois pautar-se-á em habilidades e competências comprovadas ao longo da carreira".

Está sendo discutido sobre quais são os direitos de aprendizagem, as competências e as habilidades essenciais para os nossos alunos na educação básica. Agora, precisamos que o professor trabalhe com as competências e habilidades necessárias para aquisição do conhecimento, especialmente com foco na prática pedagógica, numa visão mais próxima da sala de aula.

As formações onde será discutido as dez competências gerais e apontar que a formação inicial e continuada deve ser baseada em três dimensões: conhecimento, prática e engajamento. A dimensão do conhecimento está relacionada ao domínio dos conteúdos. A prática refere-se a saber criar e gerir ambientes de aprendizagem. A terceira dimensão, engajamento, diz respeito ao comprometimento do professor com a aprendizagem e com a interação com os colegas de trabalho, as famílias e a comunidade escolar. Para cada dimensão, estão previstas quatro competências específicas.

A formação inicial deverá superar, as dicotomias entre teoria e prática, entre as escolas e a universidade, entre outras, a superação da fragmentação curricular que divide a formação do professor, temos urgência de mudança curricular e entendimento conceitual da formação docente.

Neste sentido, o MEC solicita a colaboração e a participação da Undime e do Consed, tem como principal objetivo diminuir as evidentes disparidades observadas no país que são resultantes de inúmeros elementos e fatores relacionados ao entorno social de cada localidade e escola, quanto também tornar a escola e a educação efetivas, por meio de seus processos e ações, na valorização daquilo que é local aproximando e formando os estudantes num mundo globalizado, onde as informações precisam ser transformadas em conhecimentos. Irá implicar em novos

procedimentos, práticas e saberes a serem consolidados que, por sua vez, exigirão educadores com formação diferente daquela que até o presente momento é oferecida nas universidades brasileiras nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas.

A concepção de competências e habilidades não poderá ser aprendida pelos educadores apenas com o intuito de conhecimento do conceito, precisando a partir de agora, tornar-se cultura presente, realizável, concretizável no cotidiano da escola, juntamente aos alunos.

O uso das novas tecnologias e das metodologias ativas, igualmente, há que se tornar parte dos currículos de formação de professores para que seja possível alinhar as ações dos docentes as expectativas e demandas de toda uma geração de educandos já nascidos na era digital, conectados à internet, usuários regulares das tecnologias móveis.

### **3.4. O USO DE TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

O consenso da necessidade da integração das TIC nas escolas em diversos países, assim como no Brasil, tem resultado no investimento na infraestrutura e no acesso à internet para consequente utilização nos processos pedagógicos nos diversos países e também em nosso país. Mesmo havendo o reconhecimento da necessidade da incorporação das TIC no processo de ensino, não se nota tanto na formação inicial quanto contínua dos professores, propostas de discussões críticas e de efetiva qualidade que permitam aos professores a apropriação com autonomia e proficiência das ferramentas tecnológicas disponíveis. Nos encontros formativos nos deparamos com docentes com dificuldades em integrar as TICs em suas práticas pedagógicas que promovam a junção de aspectos didáticos, tecnológicos e pedagógicos.

No município de Praia Grande, contamos que lousas digitais em todas as salas de aula das escolas da Rede Pública Municipal, e laboratório de informática que os professores podem utilizar com agendamento prévio, onde é disponibilizada banda larga. Notamos que há ainda um demasiado enfoque tradicional, onde se considera que a presença de computadores nas escolas não são uma garantia de

uma melhor qualidade pedagógica. Muitos professores não utilizam a lousa digital, insistem em escreverem no quadro branco e dão suas aulas de maneira tradicional, seja por falta de domínio ou interesse.

Não é raro escutarmos nos grupos formativos a seguinte fala: “Já estou perto da aposentadoria e não quero aprender mais nada. Procuo organizar e disponibilizar uma Hora Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) nas escolas que sou responsável pela formação docente com o tema “Tecnologias Educacionais” e promover trocas de experiências entre os pares. Muitas vezes presenciei a hostilização ou desinteresse dos professores da em relação a professores que demonstram desenvoltura no uso das ferramentas tecnológicas e apresentam dados significativos do envolvimento dos seus alunos e no avanço do processo de aprendizagem destes, uma vez que os alunos que pertencem à cultura digital sabem explorar os recursos tecnológicos disponíveis. Percebo que em função das resistências dos grupos, os professores que utilizam as TICs como ferramenta pedagógica, deixam de participar dos momentos de formação. Embora ao longo dos anos as políticas educacionais tenham avançado no aparelhamento de escolas e na difusão das TIC no ambiente escolar, ainda existem professores resistentes a sua utilização como ferramenta pedagógica. Percebo nos grupos de professores forte sentimento de insegurança ou resistência ao novo, em alterar a prática de ensino, não se sentem preparados. Ele é desafiado a rever e ampliar seus conhecimentos, sair da sua zona de conforto para enfrentar situações que não fazem parte da sua rotina, e algumas vezes os alunos sabem mais que o mestre.

Segundo propõem alguns Organismos Internacionais (OIs), a democratização do acesso à educação é entendida como o meio para a promoção da cidadania e do desenvolvimento, sobretudo dos países mais pobres. Para tanto, recomendam a adoção de práticas educacionais mais flexíveis, principalmente com o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Nessa perspectiva, temos mobilizado esforços para oferecer formação docente para o uso das TICs buscando conscientizar o docente de seu papel para o atingimento dos objetivos da educação pensada como meio de transformação social, e então, formar um homem crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a trabalhar em grupo de forma colaborativa e coletiva. Para tanto, segundo (Tardif,2017, p.280) é preciso tornar as escolas, lugares mais favoráveis para o



trabalho e a aprendizagens dos professores, organizando de modo mais orgânico os tempos escolares, para que os professores possam identificar e desenvolver seus saberes, inovar e implantar novos métodos de ensino. Ainda segundo Tardif, é preciso desburocratizar as escolas e garantir a autonomia dos professores na gestão de formulação de projetos pedagógicos que levem em conta a realidade local.

Pensamos em construir possibilidades a partir dos processos formativos, a partir das prioridades dos professores, numa perspectiva de formação continuada, em serviço, que valorize os saberes docentes, que os auxilie na mobilização de recursos para as ações e projetos a serem desenvolvidos nas escolas, reconhecendo a singularidade de cada espaço escolar e conforme defende (Malavasi,2006) instaurando uma comunidade de trabalho no interior da escola, que fomente um olhar atento e sensível às mudanças da sociedade, com uma visão interdisciplinar e com capacidade de constante aprimoramento e depuração de ideias e ações. Tal atitude será fruto de um processo educacional cujo objetivo é a criação de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno e os professores vivenciem e desenvolvam seus conhecimentos em ambientes de aprendizagem nos quais o conhecimento não é passível de ser transmitido, mas construído e desenvolvido no coletivo.

Enquanto formadores, vivenciamos conflitos e resistências, Os órgãos oficiais encaminham todas as normas, conteúdos a serem seguidos, tudo vêm pronto do Ministério da Educação, e de outros órgãos oficiais. Os educadores são convocados para tomarem ciência das mudanças que deverão guiar suas práticas. Essa política educacional não leva em conta a pluralidade regional e a diversidade da comunidade educacional. É preciso observar e nos adequar às realidades e as dificuldades de aprendizagem dos alunos e organizar as intervenções pedagógicas a partir desses indicadores que devem ser balizadores de toda proposta pedagógica da escola. Assim também, como todo projeto de formação docente em serviço, deve ser pautado também nos indicadores da escola especificamente. A partir daí, os professores poderão buscar implementar propostas de intervenção pedagógicas, assim como projetos coletivos para desenvolver um trabalho de qualidade a partir da realidade daquela escola em particular.

A presença das ferramentas tecnológicas nesse novo tempo na educação, estão apenas reforçando a necessidade antiga de repensarmos o processo de formação docente, que historicamente expropria o professor de sua autonomia através de modelos prontos, verticalizados (Malavasi,2006). Sabemos que qualquer inovação deverá passar necessariamente pela qualidade e pela melhoria na formação dos educadores. Para tanto, processo de formação docente supõe, necessariamente, uma política que considere os saberes, necessidades e contexto desse profissional. Não basta identificar a formação do professor como um problema, é necessário pensar e operacionalizar ações efetivas que solucionem essa questão.

No que se refere ao foco da pesquisa em curso, não podemos esquecer que não são as políticas de inclusão, consideradas de forma isolada, que vão operar as mudanças necessárias para que a escola se torne inclusiva. Embora grande parte dos os professores pesquisados afirmam conhecer as políticas, pouco se percebe nas práticas cotidianas nas escolas envolvimento com os alunos incluídos. Na pesquisa realizada por mim, na percepção dos professores da educação básica , a formação de professores para atuarem na educação inclusiva encontra-se com muitas lacunas como: Falha nos programas de formação com a falta de discussão entre os professores sobre os temas estudados e sobre as formas de adaptação dos currículos, importância das práticas reflexivas e do trabalho colaborativo dos professores da escola comum e os da escola especial que muitas vezes não acontecem, falta de relação entre teoria e prática, necessidade de maior conhecimento na área através de disciplinas voltadas para a inclusão em sua formação inicial, entre outras. As dificuldades formativas dos professores que estão presentes na escola regular refletem de modo mais agudo no trato do aluno com deficiência. Há questões não encaminhadas nos processos de formação que antecede a discussão sobre a inclusão. É preciso pensar o processo formativo como um todo destacando como afirma Nóvoa (1995), a importância da flexibilidade crítica dos professores sobre suas práticas educativas.

#### **4- A PESQUISA**

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento deste estudo. O capítulo contém os objetivos desta pesquisa, aponta os sujeitos participantes do trabalho e o local onde a pesquisa foi desenvolvida, apresenta a escolha metodológica e os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste estudo.

Esse estudo tem como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre os dilemas do cotidiano escolar, as implicações nos processos de inclusão, formação continuada e constituição profissional, problematizando a relação entre formação continuada, inclusão e constituição do professor na relação com o “Outro” no contexto escolar. Entendendo esse “Outro” como o aluno, o gestor, a família/ comunidade, sistema de ensino. O estudo analisará as tensões que se apresentam nas práticas docentes no cotidiano escolar frente aos processos de autoformação, no processo de trabalhar a formação continuada.

Para a realização dessa pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa que é utilizada quando se busca compreender o significado de um problema, recolhendo dados junto aos participantes, e compreende e interpreta os dados da amostragem como pertencentes a uma realidade mais ampla. Minayo (1996a) configura a abordagem qualitativa como “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Para Marconi e Lakatos (2010) a abordagem qualitativa exige uma interpretação mais profunda da complexidade humana, análises detalhadas na investigação, nas atitudes e comportamentos.

A ênfase da pesquisa qualitativa está nos processos e significados. Segundo Gil (1995), a utilização de pesquisa do tipo qualitativa remonta à ideia de compreensão de fenômenos de complexidade importante por parte de quem realiza e executa o estudo. Além disso, essas pesquisas pretendem trazer uma aproximação com o problema alvo da investigação, explicitando-o. Nessas condições, na perspectiva de Gil (1995), a abordagem qualitativa deste estudo atendeu os objetivos delimitados, já que permitiu, por sua natureza, compreender e explicitar o processo de formação continuada docente que atuam na educação básica e recebem alunos de inclusão nas salas de ensino regular que lecionam.

Para Minayo (1996a) a pesquisa qualitativa abriga em si mesma os componentes: significado e intencionalidade. Esses componentes estão ligados às relações e às estruturas sociais humanas, de modo que a subjetividade delinea o sentido da constituição social desse tipo de pesquisa. Dessa forma, foi possível conhecer, a partir da pesquisa qualitativa, da percepção dos professores sobre seus processos de formação nesse sentido, o cerne da investigação é o próprio significado atribuído aos elementos de experienciación humana, e o atributo investigativo do pesquisador é o de buscar compreender a realidade humana sob a perspectiva social, aprofundando-se nos significados das ações e das relações humanas (MINAYO, 1996b).

A escolha da pesquisa qualitativa para o desenvolvimento deste estudo, portanto, atende adequadamente à proposta investigativa, já que evidencia as características e subjetividades dos sujeitos e do campo de estudo, além de reforçar e qualificar o processo de levantamento e tratamento dos dados. Nesse estudo, a escolha dessa abordagem permite a intenção objetiva em investigar, conhecer, compreender e analisar os aspectos que compõem o processo de formação continuada dos professores da educação básica formação continuada docente que atuam na educação básica e recebem alunos de inclusão nas salas de ensino regular que lecionam, no âmbito de suas ações de trabalho para a escolarização do aluno, na perspectiva da Educação Inclusiva, e as subjetividades que daí emergem, buscando, esclarecer e aproximar os objetivos deste estudo da realidade cotidiana dos sujeitos, assumindo-se o foco nos sujeitos e nas relações que estabelecem.

Como responsável pelo processo formativo das professoras, realizei observações no decorrer da pesquisa que muito contribuíram para a compreensão desse estudo. Acerca da utilização da observação espontânea, é possível destacar que esta permite ao pesquisador ser um espectador, deixando em segundo plano a conotação de ator para este sujeito. Diante disso, o procedimento de observação se dá de modo notadamente espontâneo, ou seja, sem o compromisso de ação por parte do pesquisador em relação aos fatos observados (GIL, 2009). Nesse contexto, [...] a observação espontânea é adequada aos estudos sobre a participação dos professores das diversas escolas nos encontros formativos. É de grande importância para promover a aproximação do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Com base nessas observações, ele poderá obter uma compreensão mais precisa do

problema e também construir hipóteses (GIL, 2009, p. 72). Em relação ao aspecto científico deste tipo de observação, temos que a observação espontânea se amplia e percorre caminhos que superam a constatação de fatos e acontecimentos, e ocorre em acordo com a análise e a interpretação de fatos observáveis, de maneira que é controlada e verificada, permitindo também a construção de hipóteses (GIL, 2009). A escolha por observações espontâneas para esta pesquisa se deu porque essas não assumem o compromisso primário de intervenções participativas ao longo dos momentos de observação por parte do pesquisador, seja em relação aos sujeitos e às práticas desenvolvidas com ele em seu cotidiano, ao local onde ocorre a pesquisa ou em relação à produção e ao tratamento dos dados, o que permite, de acordo com Gil (2009), uma aproximação calculada do pesquisador em relação aos fenômenos estudados.

A escolha da pesquisa qualitativa para o desenvolvimento deste estudo, portanto, atende adequadamente à proposta investigativa, já que evidencia as características e subjetividades dos sujeitos e do campo de estudo, além de reforçar e qualificar o processo de levantamento e tratamento dos dados. Diante disso, lançar mão de entrevistas em uma pesquisa facilita tanto a coleta como o tratamento dos dados, pois as entrevistas, e aqui particularizamos as entrevistas do tipo semiestruturadas, viabilizam este tipo de processo investigativo por causa de sua natureza flexível e seu roteiro facilmente adaptável às necessidades de desenvolvimento da pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). É possível compreender a natureza de ação das entrevistas semiestruturadas a partir de uma perspectiva de análise na qual determinados [...] questionamentos básicos [...] que interessam à pesquisa [...] oferecem amplo campo de interrogativas, fruto das novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do. Dessa maneira, a escolha pela utilização de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados se justifica pelo fato de que as mesmas potencializam o processo de produção dos dados, já que permitem que um roteiro semiestruturado norteie o procedimento de interlocução entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa.

## **Procedimentos**

A pesquisa foi apresentada à direção da escola que autorizou, que a mesma ocorresse, com os docentes das escolas. Os professores foram informados sobre os objetivos da pesquisa, e os participantes que concordaram em participar da pesquisa assinaram o TECLE ( termo de consentimento livre e esclarecido)

## **Participantes**

Participaram da pesquisa 60 professores da Rede Municipal de Praia Grande, do Ensino Fundamental I realizado por meio de entrevistas sobre sua formação e o processo da educação inclusiva, o método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e educacional, sendo tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013).

### **4.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES**

#### 1-Questão - Qual sua faixa etária

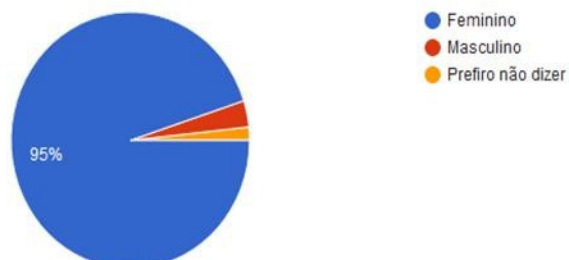
A grande maioria são mulheres, estamos em um universo feminino, tanto da parte Gestora quanto os professores da Rede Municipal, 95% dos entrevistados conforme figura 1, são 55% na faixa etária de 40 (quarenta) a 49 (quarenta e nove) anos; 21,7% entre 50 (cinquenta) a 59 (cinquenta e nove) anos e, por fim, 18,3%, com idade entre 30 (trinta) a 39 (trinta e nove) anos, portanto pessoas adultas e com experiência profissional.

#### 2-Questão - Qual sexo

#### **Gráfico 1- Sexo dos participantes**

Qual seu sexo?

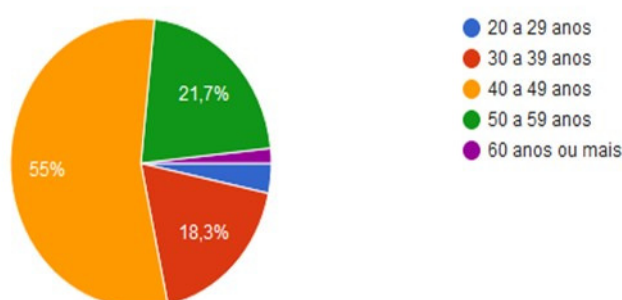
60 respostas



## Gráfico 2- Faixa Etária dos participantes.

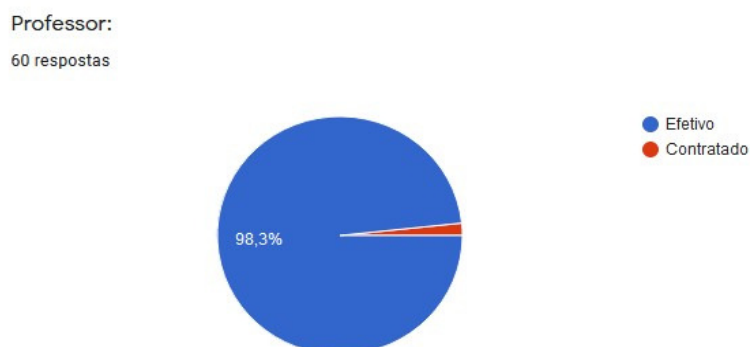
Qual sua faixa etária?

60 respostas



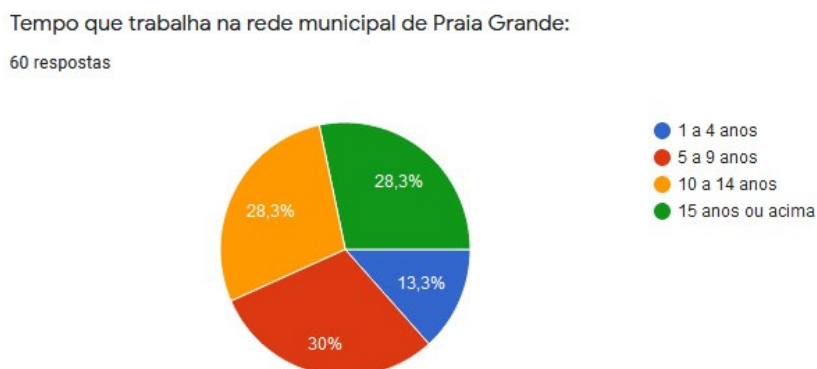
## Gráfico 3 - Forma de contratação do professor

Ingressaram na carreira através de concurso público no Município de Praia Grande no cargo de professor I, estamos com uma grande faixa etária acima dos 30 anos e diante da aposentaria especial, a maioria se aposenta aos 50 ou 55 anos de idade, por esse motivo um pequeno grupo de professores com 60 anos, como efetivos, 98.3%, apenas um pequeno número de professores são contratado, como se observa no gráfico 3, logo adiante:



**Gráfico 3 - Forma de contratação do professor**

O tempo de trabalho dos entrevistados na Rede Municipal, é 28,3% acima de 15 (quinze) anos e entre 10 (dez) a 14 (quatorze) anos; de 30,0% de 5 a 9 anos, e 13,3% de 1 (um) a 4 (quatro) anos, são os ingressantes na Rede, efetivos, pois finalizaram o período probatório, como demonstrado no gráfico 4, que se segue:



**Gráfico 4- Tempo de serviço**

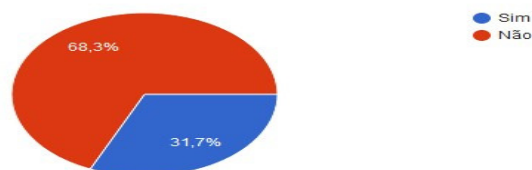
Quanto à formação acadêmica dos nossos entrevistados, 83,3% são formadas em Pedagogia, que é uma exigência do Município para o cargo de Professor I, já 8,3% tem outra formação em Letras, apesar da formação acadêmica 68,3% dos nossos professores não se acham preparados suficientemente e fundamentados na prática do processo da Educação Inclusiva, e 31,7% já incorporaram o processo inclusivo dos nossos alunos, o que se avalia no **gráfico**

Questão 4 - Formação acadêmica e preparo, a seguir exposto:



Você considera sua formação suficiente para fundamentar sua prática no processo da Educação Inclusiva?

60 respostas



Formação Acadêmica:

60 respostas

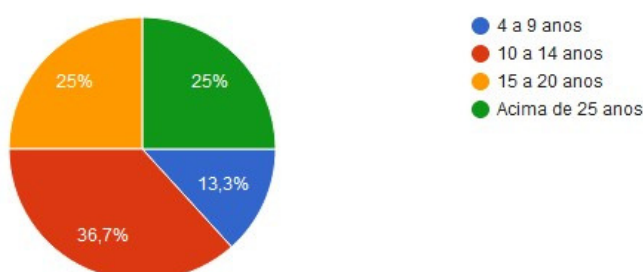


O tempo de atuação no magistério, a vivência em sala de aula e o convívio com as diferentes turmas influenciam essa opinião. 36,7% têm de 10 a 14 anos, 25,0% de 15 a 20 anos, 25,0% acima de 25 anos e 13,3% de 3 a 9 anos de experiência profissional, trabalhamos na Rede Municipal com a grande maioria dos profissionais com longa experiência em sala de aula, em diferentes séries e escolas do município, pois temos diferenças significativas nas comunidades atendidas, essa é a constatação do **gráfico 6 tempo de atuação no magistério**:

Questão 5 e 6 - Quantos anos de magistério, Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática.

Há quantos anos você atua no magistério?

60 respostas



Diante dos desafios dessa profissão e as demandas que surgem no cotidiano, vem a necessidade de cursos de atualização e formação continuada, o Plano de Carreira e seus benefícios mediante a continuidade dos estudos também estimulam a procura por capacitação.

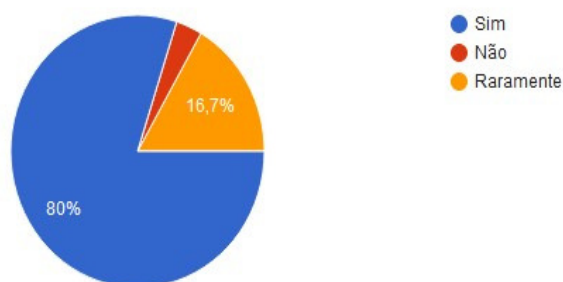
Dos entrevistados 80,0% realizam; 16,0% raramente e 3,3% não fazem. A continuidade na formação surge conforme os desafios da profissão é possível perceber as diferentes áreas de interesse na Pós Graduação, sendo que 20,0% fizeram Alfabetização e Letramento, pois o professor P1 é responsável pelo processo de alfabetização dos alunos; 16,7% Educação Inclusiva; 13,3% realizaram a segunda Pós Graduação; 10,0% Atendimento Educacional Especializado; 10,0% Psicopedagogia; 8,3% Educação Infantil; 8,3% Direito Educacional; 5,0% Gestão Educacional; 4,6% Neuropsicopedagogia e 1,7% Psicomotricidade, assim, **o gráfico 7 demonstra o interesse na formação continuada e as áreas mais buscadas.**

7- Questão - Realiza cursos de atualização e formação continuada?

Dos professores que prestam trabalho para rede Municipal 80% realizam os cursos de atualização por procura espontânea de acordo com as necessidades apresentadas na demanda do trabalho desenvolvido em sala de aula, ou os temas abordados em HTPC selecionados pela Seduc conforme os projetos implantados, 16,7% raramente procuram cursos de atualização e 3,3% não realizam cursos, abrindo não da progressão horizontal do plano de carreira e buscar estratégias para facilitar sua atuação em sala de aula.

Realiza curso de formação continuada e atualização profissional?

60 respostas



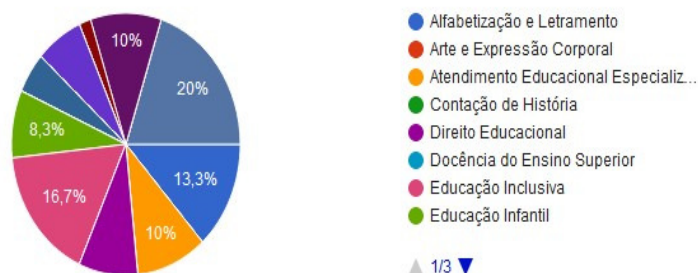
8- Questão – Fez Pós-Graduação ?

Temos vários especialistas na Rede Municipal em diferentes áreas, os professores escolhem de acordo com suas demandas e pagam com recursos próprios, alguns com mais de uma pós graduação, esses cursos também tem aproveitamento no plano de carreira, por serem professores do fundamental I, o Curso

mais procurado foi Alfabetização e Letramento, as metas estabelecidas para alfabetização dos alunos, certamente influenciam a busca por estratégias de alfabetização dos alunos.

Você tem pós-graduação?

60 respostas



9- Questão - Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática. Que temas seriam de grande relevância?

#### 4.2 ASPECTOS FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA

A formação de professores continuada é temática de estudo presentes em muitas pesquisas e no contexto atual, está intimamente ligada à capacidade desse profissional em trabalhar com a diversidade que a escola abriga. A formação continuada docente é temática de muitas pesquisas que confirmam a importância desse processo que perpassa por caminhos formativos onde os professores devem assumir uma postura crítico-reflexiva, que priorize o pensamento e a ação autônoma, com vistas a uma autoformação. Na organização da escola, a formação continuada do professor encontra seu alicerce nas ações e projetos realizados nas escolas construídos coletivamente. Esse movimento pode ser protagonizado nos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) desde que esse espaço de formação do professor deve ter foco exclusivamente nas questões pedagógicas, nas práticas cotidianas da sala de aula. Os encontros pedagógicos coletivos devem priorizar troca e partilha de experiências entre os participantes. A formação continuada nos espaços escolares pode se configurar um local de formação contínua, quando matem o foco das discussões nos desafios cotidianos enfrentados pelos professores, nas questões

a serem resolvidas naquele espaço escolar singular em que modelos prontos não funcionam.

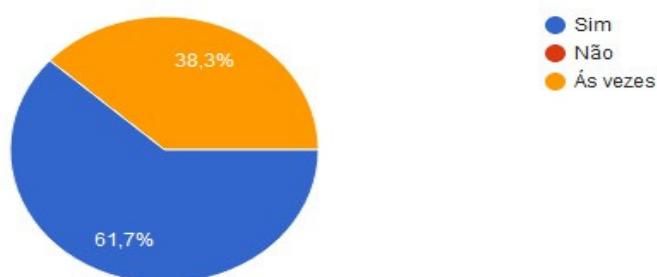
Na pesquisa realizada com os docentes que atuam nas escolas pesquisadas, fica muito latente que os processos formativos desenvolvidos nos HTPCs, não atendem ao propósito formativo que os docentes entrevistados esperam. A pergunta dirigida a eles sobre os processos formativos foi a seguinte: “Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática”. Parte dos docentes responderam que “sim”, sem nenhuma justificativa de sua resposta. Outro grupo de professores respondeu “sim”, acrescentando críticas ao modelo de HTPC que é organizado pelas escolas, como pode ser observado nas falas dessas professoras *“só que as vezes acaba sendo um tempo mal aproveitado, só passando recado e problemas do cotidiano, deveria ser mais dinâmico e muitas trocas de experiências”*. *“sim, porém os htpc’s são divididos em avisos, opiniões sobre como desenvolver determinado trabalho e não formação”*. *“sim, quando ocorre capacitação, pois muitas vezes são só recados e informes sobre problemas da unidade de trabalho”* Outros professores responderam a essa pergunta afirmando que os HTPCS não tratam da formação continuada como pode ser observado nas falas de muitos professores: *“O HTPC deixa muito a desejar, é momento voltado para recados e comunicados e pouca capacitação, dificilmente tem alguma coisa de relevância Para a prática em sala de aula.”* *“Não, acrescentam nada na pratica”* *“Os temas foram mais informativos que reflexivos, não tendo grande relevância sobre a prática educacional”* *“Não. HTPC é um momento valioso e importante, uma conquista dos professores. Porem na maioria das vezes é utilizado para passar recados da Seduc, eu creio que cada professor de forma planejada deveria abordar um assunto relacionado a sua sala(problemáticas ,ou algo surpreendente e interessante).Compartilhar suas praticas e problemáticas ajudam na reflexão e renovação da pratica e atitudes.”*

Como podemos observar nos dados da pesquisa sobre o perfil docente, a maioria dos professores manifestam preocupação com sua autoformação. Indicam que fazem ou fizeram cursos de pós-graduação. Em suas respostas destacam a importância da formação continuada e apontam os caminhos que esse processo deve percorrer. Destacam que esse o percurso formativo não pode estar desvinculado de um projeto escolar e de políticas públicas que potencializem e incentivem esse processo formativo.

Denunciam o modelo adotado para a realização dos “Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo” da escola, deixando patente que o que está sendo viabilizado, não atende às suas expectativas. O atual modelo mobiliza o coletivo de professores da escola para o trato de recados administrativos e recados da Seduc, o que acaba por desestimular e desacreditar do espaço destinado à formação, por esse ser desvirtuado. A pesquisa mostra que os professores estão preocupados com os cotidianos de suas práticas, e que almejam mudanças nos modelos implementados para a formação continuada nas escolas pesquisadas. Segundo Zeichner (1993) a escola precisa estar preparada, por meio de estrutura, de ações e de respaldo de políticas públicas, para acolher as necessidades e iniciativas de formação docente continuada que emergem dos cotidianos de vivências experienciadas pelos sujeitos que participam da ação docente. A pesquisa aponta que é urgente a mudança na compreensão da importância da formação continuada que ocorrem nas escolas. É preciso repensar os modelos em curso e dar o sentido que constitui os processos formativos que compreende as dimensões coletivas, organizacionais e profissionais “tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente. (BRASIL, 2015)

Os temas abordados no HTPC são relevantes para sua prática:

60 respostas



10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

Os professores seguem divididos com as capacitações in line, pois alguns temas são genéricos e acreditam não contemplar a pratica e não tirar as dúvidas que

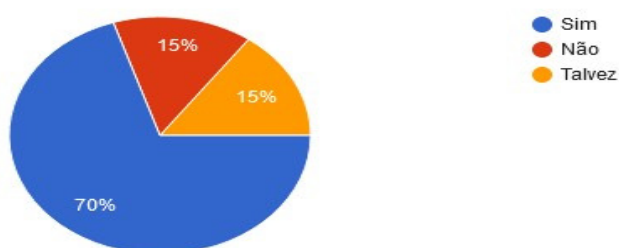
surgem no chão da sala de aula, eles fizeram sugestões de temas que acham importantes e podem acrescentar a sua prática, os htpi são pensados para todos os professores da Rede Municipal, Fundamental I e II , Educação Infantil, Educação especial.

A visão é geral e não fracionada, alguns percebem a impossibilidade de que os temas satisfaçam a todos.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

70% diz ser um motivador da realização dos cursos de atualização, em todas as profissões temos que estar sempre atualizados e no segmento educacional, segue o mesmo princípio, porém a prática reforça a necessidade de estar sempre atualizada, pois temos o retorno financeiro e a educação é muito dinâmica e passa por mudanças de estrutura e conjuntura, nesse cenário globalizado onde as informações chegam em grande velocidade, temos que transformar informação em conhecimento, temos que buscar estratégias para que a aprendizagem aconteça. 15% estão na dúvida se foram influenciados ou apenas buscam soluções para as suas dificuldades e 15% tem certeza que não sofrem influência e não se preocupam com o plano de carreira.

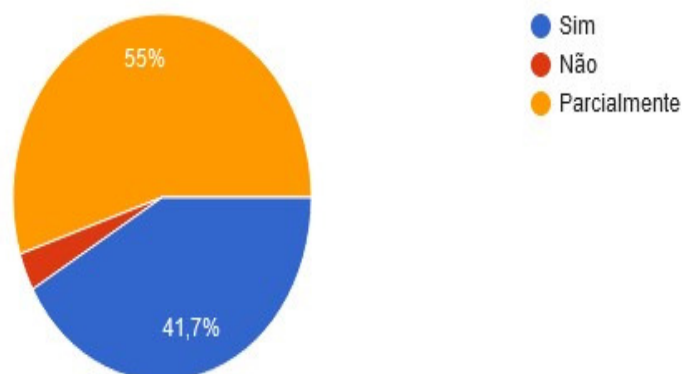
O Plano de Carreira é um motivador para sua atualização profissional?  
60 respostas



12- Questão - Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

## Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

60 respostas

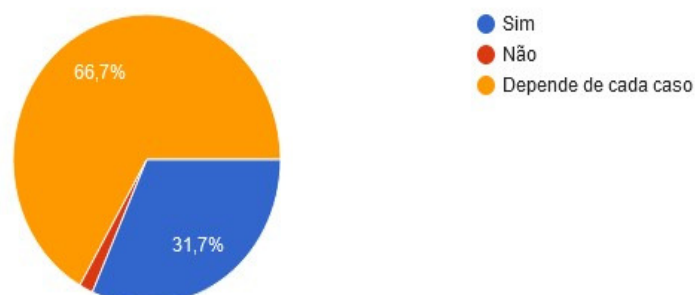


A Lei Brasileira de Inclusão está presente no conteúdo de legislação de todos os cursos públicos para educação e também nas aulas de legislação da graduação, provavelmente a maioria dos professores teve contato em algum momento com a respectiva lei, alguns colocaram conhecer parcialmente a lei e uma pequena quantidade dizem que não conhecem a lei 3,3% dos entrevistados. Deixo meus questionamentos sobre esses professores que dizem não ter conhecimento da lei, porém os alunos de inclusão estão presentes no ambiente escolar e sempre é reforçado o direito as atividades adaptadas e diferentes formas de avaliação e os critérios utilizados para promoção desses alunos, socialização ou acadêmicos.

## 13- Questão - Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

Você concorda que os alunos com deficiência sejam inseridos na sala de aula regular?

60 respostas



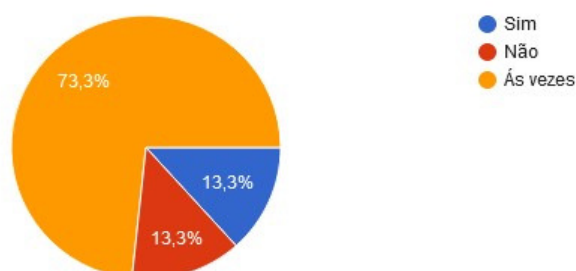
A resposta sobre essa pergunta gera muito desconforto, eu diria que são respostas contraditórias, pois temos um número alto de professores 66,7% que falam ser a favor da inclusão, porém depende da deficiência do aluno, do apoio que ele terá em sala de aula e se as atividades virão prontas, apenas para aplicação em sala de aula, 31,7% são a favor da inclusão e concordam que precisam adaptar as atividades para que o aluno possa aprender, farão de acordo com as necessidades apresentadas por cada aluno e 1,6% são contra a educação inclusiva, a política pública adotada pelo MEC, ferindo a Constituição da República que diz todos tem direito a educação.

Caso o aluno com deficiência esteja na escola com um professor só para ele e separado da turma, teremos apenas integração do mesmo no ambiente escolar, outra sugestão que já escutei várias vezes, seria uma sala só para eles na escola, ou seja a segregação de um grupo no ambiente escolar, acredito ser uma fala preconceituosa e sem embasamento técnico algum, pois não vejo benefícios para o desenvolvimento do aluno. 1,6% são contra os alunos de inclusão serem inseridos no ensino regular, pois não acreditam neste processo, pois eles não são acadêmicos e não acompanham o conteúdo, temos muitos alunos na sala, acham melhor que eles fiquem em escolas de educação especial.

14-Voce tem dificuldades para atender o aluno com deficiência em sala de aula?

Você tem dificuldade para atender o aluno com deficiência em sala de aula?

60 respostas



Temos várias respostas semelhantes sendo possível produzir uma tabela por categorias:

Sim, 73,3%	As Vezes 13,3%	Não, 13,3%
------------	----------------	------------

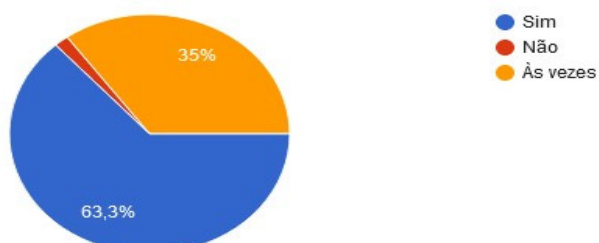


Tem falta de parceria com a equipe gestora.	Dificuldades com as Adaptações e salas numerosas.	Não tem dificuldades, pois as adaptações serão feitas de acordo com as necessidades apresentadas pelo aluno.
Poucas visitas da ATp de inclusão para orientação e fazer as adaptações necessárias.	Dificuldades com os diferentes laudos e necessidade de profissionais de apoio.	Tenho parceria com o profissional do plano de ação do aluno.
Falta de material concreto e adaptado.	Reduzido número de visitas do ATp de Inclusão para as orientações	

15- Questão- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

Você considera que tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com o(s) aluno(s) com deficiência?

60 respostas



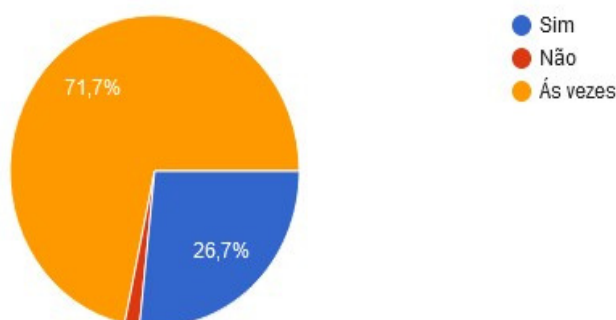
Sim, 63%	As vezes 35%	Não
----------	--------------	-----

Tenho visitas da atp de Inclusão para sugestão de atividades e tirar dúvidas.	Tenho profissional de apoio.	Falta profissionais de apoio.
Trabalho em parceria com a Equipe gestora.	Faço adaptações e material concreto.	Falta material adaptado.
O Plano de ação e profissional de apoio, em parceria faz toda a diferença na minha prática.	Salas numerosas, com 2 ou 3 alunos de inclusão.	Poucas visitas da ATp de inclusão para orientação.

16- Questão- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

A(s) família(s) do(s) aluno(s) com deficiência são participativa(s) na vida escolar dele(s)?

60 respostas



Sim, 26,7%	Às vezes, 71,7%	Não, 1,6%
------------	-----------------	-----------

Acompanham a vida escolar do filho e acreditam na evolução.	Não participam das atividades escolares e não acreditam na aprendizagem dos filhos.	Maus tratos, abandono, sem recursos, rejeição.
Levam nos atendimentos complementares e de saúde.	Depende da saúde pública, com dificuldades nos atendimentos e não leva no Atendimento Educacional Especializado.	
Comemoram as pequenas conquistas e acreditam que aprendizagem aconteça	Super proteção, remorso, culpa e não trabalha a autonomia.	

Questão 17- Você acredita que o atendimento Educacional Especializado contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência?

Nesta resposta temos unanimidade, pois os professores entrevistados acreditam que o trabalho desenvolvido por um especialista em educação especial, faça toda a diferença para o desenvolvimento do aluno e por ser um trabalho individualizado, ofertado no contra turno, venha complementar o trabalho realizado em sala de aula.

Questão 18- Você acredita que os acompanhamentos da área da saúde influenciam no desenvolvimento e resultados obtidos dos alunos com deficiência?

Todos os professores entrevistados tem consciência da necessidade dos acompanhamentos de saúde, pois o profissional de educação por mais boa vontade e desenvolvendo um excelente trabalho pedagógico, não vai obter sucesso sem apoio da família e saúde. A falta desses acompanhamentos muitas vezes prejudica a aprendizagem do aluno.

Questão 19- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

Temos várias estratégias, algumas são comuns para a maioria dos professores, outras são inéditas, vou citar todas:

- Eu acredito que a de maior sucesso é quando trabalho em conjunto com a família, eu preparo a estratégia e a família reforça em casa, fazendo significado prático para o aluno.

- Procuro ver quais são as habilidades e áreas de interesse e passo a explorar de maneira que atraia, para se desenvolverem no pedagógico.
- Não tratar de maneira diferenciada dos demais, apenas adaptações dos conteúdos.
- Fazer com que eles participem de todas as atividades propostas para os alunos da sala de aula.
- Valorizar as principais qualidades do aluno, trabalhar a autoestima e autonomia.
- Parceria com a família e aceitação de limitação, porém mostrar que temos outras possibilidades a serem trabalhadas.
- Acolher, fazer vínculo, escutar a opinião e observar as dificuldades, pedir apoio dos colegas da sala.
- O maior sucesso é quando trabalho em conjunto com a família, eu preparo a estratégia e a família reforça em casa, fazendo significado prático para o aluno.
- As práticas de comunicação alternativa, a Língua de Sinais, o uso de material concreto e imagens.
- A socialização, o acolhimento, afetividade e trabalho individual com o aluno, estratégias de acordo com as necessidades do mesmo.
- Trabalhar artes, material concreto, atividades lúdicas, jogos interativos e tecnologias.
- Coloca-los mais perto do professor para as orientações individualizadas, elaboração de atividades diferenciadas e rotina estruturada.
- Tratar o aluno como sujeito do processo de aprendizagem, garantindo um olhar diferenciado durante todo esse processo é uma premissa de sucesso.
- O aluno de inclusão como qualquer outro, possui desejos, interesses e recusas que devem ser observadas e respeitadas.
- Manter uma rotina de atividades lúdicas, planejamento e avaliação das estratégias utilizadas.
- Atividades práticas, atividades em grupo e lúdicas, gravar vídeos e depois mostrar para todos os amigos.
- Avaliação diferenciada de acordo com as habilidades do aluno buscando incentivar o desenvolvimento e novas habilidades.
- Adequação das atividades ao nível acadêmico do aluno, contextualizando-as na temática da aula, projetos voltados a autoestima e valorização das capacidades individuais.
- Olhar nos olhos, dar valor ao que o aluno progride e realiza com autonomia, motivar os estudos, fazer elogios e orientar a socialização.

- Atividades com temas de interesse e dos alunos, contextualizados com os objetos de aprendizagem.
- Respeito as diferenças e diversidade humana em todos os momentos.
- Ampliar o repertório cultural e vivencial, a fim de contribuir para a fruição e interpretação da arte.
- Realizar experiências com ênfase em abordagens multissensoriais, com todos os alunos, o despertar de sensações, todos os envolvidos ganham.
- Respeitar o tempo e limitações do aluno, em paralelo, não os classificar como “especial” e priva-lo ou beneficia-lo diante os demais alunos da sala de aula regular.
- Análise Comportamento Aplicada (ABA), Ensino Estruturado, Tutoria de Pares são práticas de sucesso na inclusão.
- Estudo de casos que envolvam os alunos com deficiência, para que o grupo docente em conjunto, possam encontrar estratégias para que aconteça aprendizagem.
- O avanço comportamental, social e verbal de inúmeros alunos com deficiência, após serem inseridos no processo inclusivo.
- O desenvolvimento comportamental nos alunos típicos, desencadeando nos mesmos a solidariedade, tolerância as diversidades, paciência as singularidades de cada aluno e respeito as habilidades, potencialidade e limitações de cada sujeito.

A convivência com as diferenças, é uma grande oportunidade para o crescimento pessoal de todos, a família necessita ter um relacionamento franco e interativo com a escola, pois essas parcerias vão determinar o sucesso deste processo tão complexo.

Como a educação é dinâmica, se faz necessário ser reavaliado e planejado todo esse processo, de acordo com as necessidades presentes no ambiente educacional, priorizando o bem-estar e o sucesso do aluno.

As políticas públicas são pensadas de acordo com as demandas, a sociedade precisa se manifestar sobre as necessidades dos alunos de inclusão, para que as autoridades competentes possam ir muito além de uma lei, cumprindo seu papel de garantia de direitos, há todos que dela possam necessitar.

20 QUESTÃO -Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

Sim é a resposta de todos, acreditam ser necessário ter apoio de outro profissional para que a inclusão aconteça. Comente : Quando ele não tem autonomia

, apoio da rotina de estudos pois temos uma quantidade muito grande de alunos em sala.

21- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

#### AS DIFICULDADES E DESAFIOS DA INCLUSÃO

Como os obstáculos e desafios também estão presentes em nossas vidas e na profissão não é diferente, vamos destacar as dificuldades encontradas, que por vezes gera angústia em não saber como agir e se estou no caminho certo.

Reforço aqui as dúvidas são comum e sempre estarão presente, e algumas estratégias escolhidas podem não dar certo com todos os alunos, temos que respeitar as individualidades de cada um.

Devemos analisar, avaliar e buscar uma nova estratégia, até que satisfaça as necessidades dos nossos alunos.

Vou elencar as mais citadas, pois as dúvidas são comum e se repetem, segue as falas dos professores:

-São salas numerosas, pois prejudica o aluno de inclusão que necessita de uma atenção individualizada e a questão da saúde, pois alguns, as famílias não levam nos atendimentos ou o SUS não disponibiliza o atendimento necessário.

-São as famílias, pois geralmente é a escola que percebe a deficiência e pede ajuda para família, dessa maneira já se perdeu muito tempo de estimulação precoce, a saúde também com suas consultadas de 5 minutos não percebem nada e a família tem um período de negação e luto;

-Quando faz o laudo e não que levar nas terapias, pois desejam resultados imediatos ou ficam cansados com os vários atendimentos que a criança necessita fazer, temos um conflito;

-Minhas maiores dificuldades são com os alunos com paralisia cerebral e dificuldades motoras graves, pois muitas atividades planejadas não são possíveis ser aplicadas;

-Certamente é a falta de conhecimento, medo de errar ao lidar com o desconhecido, quando o assunto é o aluno de inclusão, sempre a dúvida de que meios utilizar com o aluno, dentro das suas condições;

-As dificuldades geralmente não são com os alunos e sim com a família que espera resultados que o aluno não tem condições de retribuir;

-Desenvolver trabalhos com alunos com paralisia cerebral, não verbal e sem expressão facial, como saber se estamos no caminho certo, não tinha comunicação com esse aluno, só através do olhar;

-Casos de agressividade, autoagressividade, comportamento inadequado e sexualidade;

-Definir qual as ações necessárias e estratégias a ser utilizadas com os alunos de inclusão, já que minha formação inicial não contemplou, preciso fazer muita pesquisa;

-Sim, pois são muitos alunos na sala e alguns não tem autonomia.

-No momento fazer que o aluno consiga assimilar e entender o que é explicado, pois uma hora depois ela já esqueceu tudo que aprendeu, quando consegue assimilar é minha realização;

-Vencer o pré – conceito de muitos profissionais, de pensar que o aluno não aprende e não permitir conhecer e participar do crescimento do mesmo;

-A falta de um profissional que possa assessorar o aluno, ou professor auxiliar para apoio pedagógico;

-Dar uma atenção individualizada em uma sala numerosa e conseguir chegar nas metas e burocracias exigidas pela rede municipal;

-Na maioria das vezes é a falta de comprometimento dos pais, com a inclusão e aceitação da deficiência do filho, e as atividades diferenciadas;

-Sem dúvidas mostrar aos pais que é necessário que o filho frequente a escola, tenha rotina de estudos e convencer da importância de levar nos atendimentos de saúde;

-Quando eles estão agitados por falta da medicação, fazer com que eles desenvolvam as atividades e que as famílias percebam a dificuldade de aluno sem acompanhamentos de saúde;

-A falta do professor auxiliar, pois eles precisam de orientações individualizadas o tempo todo, e sozinhos dispersam, não realizam as atividades propostas;

-Depende de cada aluno, tem aluno que é a interação com o grupo por causa da agressividade, tempo de concentração e autorregulação;

-A maior dificuldade é a falta de recursos materiais, pois não temos os recursos necessários para atender com qualidade nossos alunos;

-Formação para alinhar o conhecimento com a realidade do aluno, para ter uma postura mais assertiva com a aprendizagem destes estudantes;

-A disponibilidade de tempo para preparar e pesquisar atividades diferenciadas de acordo com o nível e necessidade do aluno.

-Desconhecimento das potencialidades destes alunos, pois isso muitas vezes não é relatado nos relatórios pedagógicos;

-Desconhecer Libras e Braille para ter comunicação com os alunos surdos e cegos;

-Não ter tempo para preparar a comunicação alternativa de acordo com a necessidade do aluno não verbal;

-As escolas são conteudistas e tradicionais, não utilizam métodos que deixem a aprendizagem significativa, o que para os alunos de inclusão é uma grande dificuldade, acompanhar os índices e metas com tempo determinado;

-Não podemos desconsiderar que a diversidade da deficiência que compromete significativamente o desempenho dos alunos na sala de aula comum, porém a prática do professor em desenvolver atividades diferentes para esse aluno tem sido bastante comum, apesar de muitas vezes não saber que estratégia utilizar;

-Quando o aluno de inclusão tem várias comorbidades e a Família e o Estado acreditam que a educação sozinha será a resolução dos problemas;

-As dificuldades da inserção e compreensão no comportamento dos alunos, com agressividade e agitados, com dificuldade de se adequar ao ritmo escolar devido aos aspectos sensoriais e de falta de comunicação verbal, desencadeando uma comunicação própria e singular, não é simples de entender dentro da dinâmica tumultuada da escola;

-A cultura conteudista e tradicional, que persiste enraizado em alguns professores e no nosso sistema educacional, apresentando dificuldade de entender as condições, cognitivas, psicológicas e comportamentais dos educandos inclusivos, não realizando a priori uma intervenções para adaptar os comportamentos e sua inserção no ensino regular, para posteriormente inserir os conteúdos escolares, existe a inversão desses procedimentos, não desencadeando o processo inclusivo, e conseqüentemente mudanças no comportamento e socialização;

Toda a equipe gestora e administrativa das escolas precisam passar por uma sensibilização para entender os desafios da educação inclusiva e entender como as



desordens sensoriais de alguns alunos com TEA (transtornos de espectro autista) e como essas sensações levam tempo para ser assimilado.

Em inúmeras vezes os educadores apresentam dificuldade de entendimento dessas características diferenciadas, onde muitas vezes são interpretadas como comportamento inadequado, realizando intervenções que acentuam no aluno dificuldades de comportamento, sociabilidade e comunicação com seus pares.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS – Construção de uma trajetória Inclusiva**

Esse estudo teve como objetivo conhecer as tensões que estão presentes nas práticas docentes no cotidiano escolar frente aos processos de inclusão, assim como também, a repercussão da formação continuada nas práticas cotidianas docentes.

O estudo permitiu conhecer a perspectiva dos professores em relação a formação continuada docente e o que pensam em relação à inclusão escolar. Ficou evidente que os docentes que participaram da pesquisa consideram que os modelos adotados nos processos de formação continuada, não têm sido suficiente nem pela quantidade, nem pelos conteúdos abordados nos espaços formativos para assegurar a continuidade da formação docente para responder as demandas atuais que os processos educativos exigem seja no enfrentamento ao fracasso escolar e a consequente evasão, e mais ainda no refere à inclusão de alunos com deficiência nas salas de aulas regulares. As escolas têm sido cobradas por respostas educativas de melhor qualidade para qualquer aluno, sem privilégios ou discriminações. Porém, os índices de fracasso escolar continuam inaceitavelmente altos, o sistema educacional continua excludente, o que indica que sistema educacional, diante da democratização do ensino, tem demonstrado muita dificuldade para resolver a complexa relação de garantir escola para todos com qualidade. No que se refere à inclusão, a pesquisa realizada confirma as percepções que os professores têm em relação ao seu papel no que tange à inclusão, principalmente no que se refere a mudança na compreensão do que vem a ser uma escola inclusiva. Para os professores participantes da pesquisa, prevalece a visão de que a inclusão nas salas de aulas regulares deve ser viabilizada para alguns tipos de inclusão, muitos declaram a dificuldade de lidarem com a diversidade em suas salas de aula. Percebemos nas falas dos docentes uma resistência a qualquer mudança em relação ao modelo escolar vigente, com práticas homogeneizadoras, conteudistas, meritocráticas, subordinadoras e em consequência, excludentes. Há predominância de currículos e práticas pedagógicas que não incluem a perspectiva de grupos historicamente excluídos, entre eles, o da pessoa com deficiência. Esses indicadores, denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que vivenciamos em nosso cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia nossa inteligência.

Foi muito presente nas falas dos docentes que participaram da pesquisa que não estão preparados para atuarem com os alunos no processo de inclusão educacional. Porém, há uma enorme contradição nas falas dos docentes em relação ao não preparo para as demandas da inclusão e a resistência que manifestam em relação à formação continuada quando se aborda a temática. É frequente buscarem

outros debates nos processos de formação. Quando as temáticas sobre a inclusão são colocadas para todos os docentes sem que possam escolher não participar, percebe-se o baixo aproveitamento e a não disponibilidade para a reflexão e discussão que o tema exige. Os encontros formativos se tornam desgastante para o formador que sente dificuldade em lidar com as resistências em relação à reflexão sobre o processo de inclusão. Isso, fortalece a necessidade de rompermos com a visão de escola baseada numa organização pedagógico escolar que se destina a alunos ideais, padronizados por uma concepção de normalidade e de eficiência arbitrariamente definida. Sabemos que a mudança da escola regular é um processo lento, e o estudo ratifica que é preciso promover mudanças, cujo movimento crie novas possibilidades para todas as crianças. O despreparo alegado pelos docentes, não podem continuar sendo justificativas dos que querem escapar da inclusão escolar pelos mais diferentes motivos. Sabemos que a inclusão não pode ser ignorada. Para mim, enquanto formadora, penso em como mobilizar os docentes para refletirem e viverem a experiência e o desafio das diferenças em suas salas de aula? Como mobilizá-los para buscarem novas respostas educacionais?

O estudo realizado demonstra que persiste uma perturbadora visão dos docentes participantes da pesquisa alicerçada no modelo tradicional, e que não demonstram condições ou interesse em responder aos desafios da inclusão social e do acolhimento às diferenças. Não se pode admitir que parte da sociedade e parte dos docentes continue a reproduzir uma representação da escola transmissora de conhecimentos fixos e inquestionáveis. Mesmo que esse papel da escola seja defendido, esta não tem conseguido cumprir com esse modelo educacional, pois esse projeto educacional acredita num pressuposto irrealizável, que é exigir que todos os alunos se enquadrem em suas exigências. Isso se observa no crescente quantitativo do fracasso escolar produzidos pelas escolas e que envolve significativo contingente de alunos independente de apresentarem ou não, as denominadas necessidades educacionais especiais. Quando na fala dos professores durante a pesquisa sobre sua opinião em relação a inclusão nas salas de aulas regulares em que muitos afirmaram que os alunos com deficiências devam ser atendidos por outros profissionais de saúde e que talvez a escola regular não seja o melhor lugar para que eles estejam inseridos, percebemos a visão tradicional desses docentes de se pensar a escola e um modelo de inclusão anterior ao da integração, que tinha como

objetivo” ajudar pessoas com deficiência a obter uma existência tão próxima ao normal possível a elas disponibilizando padrões e condições de vida cotidiana próximas às normas e padrões da sociedade” (Mantoan,p.38). A perspectiva defendida por muitos docentes na pesquisa se contrapõe aos princípios da inclusão que defendemos no Município em que a pesquisa se realizou. Defendemos que a o objetivo da inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem. Nessa perspectiva, as limitações dos sujeitos devem ser consideradas apenas como uma informação sobre eles que, não pode ser ignorada na elaboração dos planejamentos de ensino. Deve-se destacar potencialidades, possibilidades para garantir condições favoráveis à sua autonomia escolar e social.

Estamos construindo a história do processo inclusivo na educação. Preciso continuar acreditando que o conhecimento transforma, não perder a esperança em uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, que as agruras do dia-a-dia não tirem a poesia das minhas palavras e atitudes, que eu tenha discernimento e atitudes que possam sensibilizar meus pares sobre a necessidade de acreditar no desenvolvimento do ser humano e na construção de uma sociedade inclusiva, pois será proveitoso no sentido biopsicossocial de toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, pensar numa escola inclusiva, vai muito além da presença física de alunos nas salas de aulas do ensino regular. Pressupõe que cada aluno esteja aprendendo os conteúdos curriculares, sentindo-se motivado e fazendo parte desse universo com seus colegas, professores e com todos os demais participantes do processo educativo. Espero que consiga levar meus pares a reflexão sobre essa perspectiva de inclusão. Espero também, nunca perder a capacidade de emocionarme com as pequenas conquistas pessoais e educacionais, pois preciso de motivação, como todas as pessoas envolvidas nesta árdua tarefa de ensinar, agregar conhecimento e preparar para vida.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. Editora Cortez, 2003.

ALVES, R. **A educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus Editora, 2005 .

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. *Ministério da Educação*. **CARTILHA BPC NAS ESCOLAS- Orientação as Famílias – Brasília, 2012**.

BRASIL. **Decreto 7611/2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm). Acesso em: 12 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica**. 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13583:plano-nacional-de-formacao-dos-professoresdaeducacaobasica&catid=195&Itemid=164](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13583:plano-nacional-de-formacao-dos-professoresdaeducacaobasica&catid=195&Itemid=164)>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Estudos Geografia e Estatística. **Mulheres que sustentavam o lar em 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticiashttps://censo2010.ibge.gov.br/noticiascenso?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidadesocioeconomicapais&view=noticiacenso?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-comohttps://censo2010.ibge.gov.br/noticiascenso?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticiamulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia> Acesso: 12 jul.2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96**. Disponível [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.859**, de 23 de março de 1994 . Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8859.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8859.htm). Acesso em: 05 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**, 2001. Disponível em : <https://www.gov.br/mec/pt-br/publicacoes-secretarias/semesp/diretrizeshttps://www.gov.br/mec/pt-br/publicacoes-secretarias/semesp/diretrizes-nacionais-para-a-educacao-especial-na-educacao-basicanacionais-para-a-educacao-especial-na-educacao-basica>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL. *Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP Nº 8/2012**, p.515- Disponível em <http://portal.mec.gov.br/escola-degestores-da-educacao-basica/323-secretarias/112877938/orgaos-vinculados82187207/17631-2012-pareceres-do-conselho-pleno>. Acesso em: 10 fev. 2022.*

BRASIL. **Plano Nacional de Educação** (PNE 2011-2020) <https://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/plano-nacionalhttps://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/plano-nacional-educacao-pne.htm> Acesso em: 10 jun.2022.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 02/2001-** MEC/SEESP, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em: 10 jun.2022.

CARVALHO, R. E. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.** Editora Mediação, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 15ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GENTILI, P. **Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo:** Brasília, CNTE, 1996.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais.** Ed. Artmed. 1997.

GOMÉZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino.** 4. Ed. Porto Alegre: Artmed.1998.

HEIDEGGER, M. La esencia del habla. In: **De camino al habla.** Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado novas tendências.** ed. Cortez, 2009 by Autor- impresso no Brasil junho de 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** — São Paulo: Moderna , 2003.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à educação do futuro.** Ed. Cortes, 2000.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação.** 2. ed. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1995.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia da educação.** São Paulo: Ática, 1999.

PARO, V. H. **Qualidade do Ensino: A contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.

PEREZ, M. C. A. **Infância, família e escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares.** São Carlos: Suprema, 2007.

PIMENTA, S. G. **O Pedagogo na Escola Pública.** São Paulo: Loyola, 2012.

PRADO, D. **O que é família.** 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: Um guia para educadores,** Ed. Artmed, 1999.

TAVARES; ALARCÃO, **Professores sujeitos de sua formação e com identidade docente,** 2001.

TOMAZI, N. D. **Sociologia da Educação.** Ed. Atual.2013.

TRIVINÖS, A. N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. Ed. Atlas, 1994.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente**. Ed Martins Fontes. 2007.

ZEICHNER, K., M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993





**MESTRADO PROFISSIONAL**

**PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM HTPC: EDUCAÇÃO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

2022

Marta Maria Silva  
CEUBAN - Santos

**APÊNDICE A**



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS – UNIMES  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS  
DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MARTA MARIA SILVA  
ORIENTADORA: Profa. Dra. ABIGAIL MALAVASI**

**PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM HTPC – EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**1ª Edição**

**SANTOS**

**UNIMES  
2022**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

S586f Silva, Marta Maria

FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA ABORDANDO DIFICULDADES DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE / Marta Maria Silva – Santos, 2022.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Abigail Malavasi  
Dissertação (Mestrado Profissional), Universidade Metropolitana de Santos, Práticas Docentes do Ensino Fundamental, 2022.

2. Formação de Professores. 2. Educação Inclusiva. 3. Ensino.  
II. Mestrado

CDD: 371.9

Vanessa Laurentina Maia

Crb8 71/97

Bibliotecária Unimes

## APRESENTAÇÃO

Caro professor,

O presente material intitulado “**Proposta de Formação Continuada em HTPC – Educação Inclusiva no do Ensino Fundamental**” é o produto educacional da pesquisa realizada durante o curso do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos.

A pesquisa realizada no mestrado intitulada “Formação Continuada No Ensino Fundamental: Um Estudo Sobre A Capacitação Docente E A Proposta De Educação Inclusiva Abordando Dificuldades De Práticas Educacionais Inclusivas Em Escolas No Município De Praia Grande “teve como objetivo investigar as percepções dos docentes atuantes na educação inclusiva de escola pública de ensino fundamental I sobre suas práticas e formação inicial e continuada.

É importante frisar que o desenvolvimento desta proposta foi resultado de investigação de pesquisa com 60 professores da Rede Municipal de Praia Grande, do Ensino Fundamental I realizado por meio de entrevistas sobre sua formação e o processo da educação inclusiva, e que foi utilizado o método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e educacional, sendo tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013) três unidades escolares, ao longo do ano de 2019, das necessidades formativas direcionadas ao campo da leitura que foram possíveis de serem percebidas nas etapas da pesquisa.

Este material visa colaborar com o trabalho dos professores que atuam no Ensino Fundamental, sobretudo em relação à formação continuada em tempo de trabalho, otimizando os espaços de discussão já existentes no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo das escolas que, muitas vezes, acabam por não configurar oportunidades reais de formação para os envolvidos.

As discussões que integram a presente proposta formativa foram estruturadas em torno da temática abordada para serem desenvolvidas no tempo dos encontros de HTPC, com espaço para a leitura inicial (metodologicamente selecionada), para a

discussão coletiva e para a reflexão em grupos menores, finalizando com a socialização desses conhecimentos para todo o grupo.

Para que essa proposta formativa pudesse proporcionar aos professores envolvidos embasamento teórico, no final de cada encontro há uma leitura como tarefa, também metodologicamente selecionada, e que visa a ensejar a discussão do próximo encontro.

Espera-se, dessa forma, que o professor da educação básica possa utilizar essa proposta a fim de ampliar a visão do grupo de docentes das unidades escolares onde atuam, mediando as discussões relativas ao tema da Educação Inclusiva, subsidiando esses profissionais com textos previamente selecionados de autores que reconhecidamente se debruçaram e trouxeram contribuições significativas à temática apresentada, além de apresentação de práticas com trocas de experiências.

Por fim, que os conhecimentos gerados a partir dessas formações possam atingir positivamente os estudantes nos objetivos em que foram propostos, auxiliando os professores a criação de um olhar e disponibilidade para compreender as necessidades de seus alunos, tanto dos que apresentam deficiências assim como aqueles que fracassam na escola por não terem tido oportunidades de aprendizagens, fora do padrão homogeneizador adotado pela maioria das escolas públicas.

## 1- INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com deficiência no sistema educacional faz parte do meu cotidiano nestes quatorze anos dedicados ao magistério. Acredito no ser humano e que todas as pessoas aprendem, cada uma no seu tempo e de maneira diferente. É preciso respeitar as diferenças, pois todos saem ganhando e, conviver com a diversidade é um exercício de cidadania.

*“A verdade, resiste-se a inclusão escolar, porque ela nos faz lembrar que temos uma dívida a saldar em relação aos alunos que excluímos, pelos motivos mais banais e inconsistentes, apoiados por uma organização pedagógica escolar que se destina aos alunos ideais padronizados por uma concepção de normalidade e de eficiência arbitrariamente definida (MANTOAN, 2003, p.25).”*

A fala de alguns professores e, às vezes, da equipe gestora, sobre a permanência de alunos com deficiência na escola, causam muito desconforto, vou citar exemplos:

- O que ele está fazendo aqui? Não aprende nada!
- O que eu faço com ele?
- Não sei trabalhar com gente desse tipo, não tenho formação para isso!

Desconheço a existência de vários tipos de gente, penso que cada pessoa é única e todas têm sentimentos, gostam de atenção, respeito e esperam por aceitação e poder conviver em sociedade.

Essa resistência ao direito do aluno de estar na escola independente de sua condição de pessoa com deficiência prejudica o acolhimento e a construção dos vínculos necessários e inviabiliza acreditar nas várias possibilidades existentes de trabalho com esses alunos.

Quanto à formação docente, tanto a inicial como a de continuidade, creio necessitar de conhecimentos teóricos e práticos sólidos na perspectiva da inclusão, não só dos alunos com deficiência, mas de todos os demais que também são excluídos das escolas por suas condições de desigualdades econômicas, sociais e culturais.

Após vários anos de implantação das políticas de educação inclusiva, ainda nos deparamos com inúmeras dificuldades nas escolas públicas, por isso a formação

deve possibilitar novas práticas pedagógicas e uma ressignificação das práxis, ou seja, possibilitar o exercício da reflexão crítica sobre as práticas docentes e a realidade onde elas acontecem visando à construção e consolidação de projetos educativos efetivamente inclusivos.

*“—A inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente no seu apelo às mudanças nas escolas comuns e especiais. Sabemos, contudo, que sem essas mudanças não garantimos a condição de nossas escolas receberem, [...] indistintamente, a todos os alunos, oferecendo-lhes condições de prosseguir em seus estudos, segundo a capacidade de cada um, sem discriminações nem espaços segregados de educação. (MANTOAN, 2003, p. 23).”*

Nessa mesma perspectiva, ou seja, da consolidação de um projeto educativo inclusivo, considero que as estratégias de ensino devem viabilizar a aprendizagem para todos, portanto devem ser pensadas e planejadas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos individualmente, buscando-se atender às demandas individuais de aprendizagem.

*—A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividades psicológicas. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo. (L.S. VYGOTSKY-Formação Social da Mente- pág.86-2003)*

Do mesmo modo, reforçando a necessidade de empenho na formação docente que viabilize a construção de práticas pedagógicas ativas e desafiadoras que possam conduzir o aluno ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores e, portanto, à formação de conceitos, esclarece Goméz:

*Os alunos as aprendem e assimilam teorias, disposições e condutas não apenas como consequência da transmissão e intercâmbio de ideias (sic) e conhecimentos explícitos no currículo oficial, mas também e principalmente como consequência (sic) das interações sociais de todo o tipo que ocorrem na escola ou na aula (GOMÉZ, 1998, p.17).*

Nesse contexto, o objetivo da pesquisa realizada foi identificar quais as dificuldades encontradas nas práticas didático pedagógicas dos docentes que

atuam no Ensino Fundamental I de escolas públicas municipal em Praia Grande no estado de São Paulo, bem como relacionar as possíveis lacunas que ocorrem na formação docente lacunas que ocorrem na formação docente quanto à reflexão teórico crítica e prática da educação inclusiva.

Quanto à metodologia, penso ser pertinente uma breve consideração sobre o enfoque metodológico que sustentou o método, técnicas e procedimentos adotados.

Neste sentido, o fenômeno investigado, ou seja, as percepções dos docentes atuantes na educação inclusiva de escola pública de ensino fundamental I sobre suas práticas e formação inicial e continuada foi desenvolvida a partir de uma pesquisa qualitativa, pois as condições da investigação se adequam às características destas pesquisas, tais como:

- Ter a escola como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento -chave;
- Ser descritiva, isto é, usa como dados ou informações coletadas na realidade investigada;
- Ser o processo de pesquisa relevante, não só os resultados e o seu produto;
- Possibilitar a análise indutiva dos dados;
- Ser a significação a preocupação essencial na abordagem.

Quanto ao enfoque metodológico, insere-se a pesquisa no subjetivismo- compreensivista, isto é:

*“—privilegiam-se os aspectos da consciência, subjetivos dos atores participantes. Importam os conceitos, as representações, as compreensões sobre o contexto cultural, da realidade histórica de relevância dos fenômenos pelos significados que eles têm para o sujeito” Trivinos 1994, p.117*

A pesquisa teve seu desenvolvimento em duas etapas: (I) a pesquisa bibliográfica para levantamento teórico do fenômeno investigado, ou seja, a educação inclusiva no Brasil, suas políticas públicas educacionais, as orientações multilaterais da educação inclusiva e seus impactos no processo da educação inclusiva e, sobretudo, a própria realidade educacional brasileira; (II) pesquisa empírica do



fenômeno investigado, a partir da coleta de dados ou informações por meio de entrevistas aos docentes participantes e atuantes na educação inclusiva em escola de Ensino Fundamental I, no município da Praia Grande, no estado de São Paulo.

O produto a ser apresentado aponta aspectos discutidos teoricamente sobre a Educação Inclusiva especialmente aos que focam a formação docente e aponta alguns fragmentos da pesquisa realizada no ano de 2022, presentes na dissertação sob a temática, a **FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE A CAPACITAÇÃO DOCENTE E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA ABORDANDO DIFICULDADES DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS EM ESCOLAS NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE.**

### **OBJETIVO**

Organizar curso de formação docente sobre o tema da inclusão escolar, a partir das percepções dos docentes atuantes na educação inclusiva de escola pública de ensino fundamental I sobre suas práticas e formação manifestadas na pesquisa realizada

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Espaços para a reflexão, a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e a criticidade envolvendo professores, administradores, funcionários no exercício da docência:

- Discutir o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos;
- Planejar estratégias para que os alunos tenham tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que utilize diferentes estratégias para cada necessidade;
- Aprimorar saberes de professores, administradores, funcionários e alunos;
- Promover um espaço de reflexão sobre a prática de sala de aula, permitindo a (re) construção do fazer docente.

## **2- O PARADIGMA NA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL**

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva define o movimento mundial pela educação inclusiva como sendo —uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. E conceitua que: —A educação inclusiva constitui um paradigma

educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

No Brasil, a educação especial foi organizada de forma paralela à educação do Ensino Regular. A concepção desse modelo era que os alunos com deficiências não tinham condições de se adaptarem ao modelo de escola tradicional do sistema de ensino brasileiro. Esse modelo de educação especial, enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, com práticas em contraposição à sua dimensão pedagógica e com propostas baseadas no modelo de integração. O processo de integração escolar reforça a vigência do paradigma tradicional dos serviços educacionais. Embora os vocábulos integração e inclusão tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de inserção diferentes e fundamentam-se em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes. Segundo Mantoan (2003) a integração escolar seleciona os alunos que estariam aptos à inserção. Para esses casos, são indicados: a individualização dos programas escolares; currículos adaptados; avaliações especiais; redução de objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender. A escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptar às suas exigências. O aluno no processo de integração transita no sistema escolar, da classe regular ao ensino especial (classe especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados.

A partir de 2003, a educação inclusiva se tornou parte da agenda educacional do Brasil. O desenvolvimento de uma abordagem inclusiva para a educação brasileira foi formalizado em 2008 por meio da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. A política abrange orientações pedagógicas, formação de professores, disseminação de tecnologias de apoio e investimentos em acessibilidade, permitindo e fornecendo incentivos para que as escolas públicas efetivamente atendam os estudantes com deficiência. O desenvolvimento de estudos no campo da educação e dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, a legislação, as práticas educacionais e de gestão, indicando a necessidade de se promover uma reestruturação das escolas de ensino regular e da educação especial.

Embora o movimento da educação inclusiva mostra avanços nos processos de transformação que apontam para a superação da concepção tradicional de educação, os desafios persistem na implementação de um sistema educacional efetivamente inclusivo no país. O Brasil tem uma longa história de exclusão educacional de pessoas estigmatizadas pelo seu status de deficiência, raça, etnia, gênero, orientação sexual e condição socioeconômica. Muitos estudantes com deficiência ainda enfrentam barreiras para se matricular em escolas regulares. Outros encontram somente propostas pedagógicas baseadas em modelos de integração em escolas que não operam programas de inclusão de qualidade. No entanto, é importante destacar os compromissos assumidos e os desafios em um país marcado pela desigualdade social e com as grandes dimensões como é o Brasil. De acordo com as Nações Unidas, cerca de 10% da população mundial tem algum tipo de deficiência. Isso faz com que as pessoas com deficiência pertençam à maior minoria populacional no mundo.

Movimentos sociais de pessoas com deficiência, familiares e ativistas da área de direitos humanos e de educação inclusiva têm trabalhado para assegurar que a mobilização em prol da política de educação inclusiva continue no Brasil. Ativistas da causa das pessoas com deficiência têm chamado a atenção para mudanças nas estruturas curriculares, nas práticas de ensino e aprendizagem, e na administração tanto das escolas públicas quanto das escolas privadas. Em 2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146) conciliou a legislação brasileira com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ratificada no Brasil pelo Decreto Legislativo 186/2008 e pelo Decreto Executivo 6949/2009.9.

As reformas nos sistemas educacionais a partir da década de 1990, promoveram a criação de políticas com o compromisso de efetuar mudanças na instituição escolar envolvendo: os currículos, a obrigatoriedade, a acessibilidade, a quantidade de anos do atendimento da educação básica, além de mudanças quanto no que se refere a universalização do acesso, visando atender ao direito fundamental do indivíduo à educação.

## **2.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO**

O direito à educação, reconhecido como um direito social, está expresso na Constituição Federal Brasileira de 1988, define o direito à educação como condição fundamental para o exercício de todos os demais direitos, sejam eles civis, políticos, sociais, econômicos ou de qualquer outra natureza. Tanto os textos constitucionais, assim como o de diversas convenções internacionais, expressam o caráter de fundamentalização do direito à educação e intrinsecamente relacionado ao princípio da dignidade humana.

A garantia de direitos da pessoa com deficiência é um tema que vem sendo discutido a um longo tempo. Um conjunto de dispositivos legais foram instituídos, principalmente nas últimas décadas, com o objetivo de garantir que a educação de pessoas com deficiência seja efetivamente inserida no sistema educacional. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/1961 foi a primeira lei federal que indicou o direito das pessoas com deficiência à educação, de preferência, dentro do sistema regular de ensino: —Art. 88. A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade. Logo após a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional alterada, se deu através da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, mudou a organização do ensino no Brasil e em relação o direito das pessoas com deficiência à educação, essa lei estabelece: Art. 9º OS alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

Durante esse período histórico, é importante ressaltar que na Constituição Federal de 1967, elaborada na vigência da ditadura militar de 1964, não se observam alterações relevantes em relação à educação. No capítulo intitulado —Da Família, da Educação e da Cultura (artigos 167-172), a perspectiva para essa temática apresenta sintonia com o modelo político da época, com as características autoritárias do regime político vigente. Nesse período, a educação de pessoas com deficiência foi mencionada pela primeira vez em um texto normativo na Emenda Constitucional nº 1, de 1969, mas ocorreu tão somente para indicar que caberia à lei especial dispor sobre a educação de —excepcionais, e inclui a temática em artigo destinado à família e sua proteção pelo Estado.

A grande transformação normativa, ocorre após a ditadura militar, no ambiente da redemocratização do país. Houve nesse contexto uma renovação da perspectiva sobre a educação e sobre os direitos da pessoa com deficiência. A Constituição Federal de 1988, restituiu os direitos sociais em seu artigo 6º, incluiu a educação no rol desses direitos, e menciona e estabelece nos artigos 205 a 214, que: Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Foi estabelecido a inclusão como direito à educação no rol dos direitos sociais, e logo, considerado um direito fundamental. A efetividade do direito à educação é condição fundamental e está descrita no Art.3 com a seguinte redação: sem a garantia da educação, não há como pensar a construção de uma sociedade justa, livre e solidária, a garantia do desenvolvimento nacional, a erradicação da pobreza e da marginalização, com a redução das desigualdades sociais e regionais e a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Essas premissas sobre o processo inclusivo brasileiro previstas na Constituição Federal de 1988, ofereceu as bases para que as políticas de igualdade passassem a constar na pauta das políticas públicas, quando prevê, no Capítulo III- Da Educação, da Cultura e do Desporto, em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e, no artigo 206, inciso I, que deve haver igualdade de condições de acesso e permanência na escola, o que na interpretação das normas, há de se entender que todo o tipo de interação pode beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos alunos, em geral (MANTOAN, 2003). Muitas legislações foram elaboradas a partir da dos princípios propostos pela Constituição, como a Lei nº 7.853/89, que determinou a obrigatoriedade de matrícula de alunos com deficiência em estabelecimentos públicos de ensino, reafirmando o direito à educação.

Na década de 1990, fundamentadas na Constituição, publicou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.060, que prioriza a criança e o adolescente, estabelecendo direitos e obrigações do Estado para sua proteção. No que se refere ao direito à educação das crianças e adolescentes com deficiência, o Estatuto estabelece, em seu artigo 53, que —a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da

cidadania e qualificação para o trabalho. Para tanto, em seus incisos, assegura, entre outros direitos, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Quanto aos deveres do Estado, está assegurado no artigo 54 o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência.

Com a publicação da Lei nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – em 1996, a educação brasileira passa a ter uma legislação específica cuja origem foi marcada pela orientação da Constituição Federal de 1988, que regulamenta os direitos declarados na nova Constituição. No que se refere às pessoas com deficiência, a LDB incorpora as orientações constitucionais, nos aspectos de garantia do direito à educação. No capítulo específico para a Educação Especial, fica destacado o princípio do respeito às diferenças. Em seu artigo 58, a LDB definiu educação especial como —a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

O avanço na percepção do efetivo conceito de inclusão surge no Brasil com a Resolução CNE/CEB n. 2/2001, do Conselho Nacional de Educação – CNE (BRASIL, 2001b). Em atendimento ao disposto no Capítulo V da LDB, que trata da Educação Especial, a Resolução estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, esse documento ratifica as proposições nacionais voltadas à educação inclusiva. Em seu artigo 2º, a Resolução regulamenta a inclusão educacional ao estabelecer que —os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

A mudança de paradigma na concepção da educação inclusiva se consolida, quando são instituídas as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), que —vêm representar ao mesmo tempo um avanço na perspectiva da universalização do ensino e um marco fundacional quanto à atenção à diversidade na educação brasileira, aludidas mudanças para a construção da inclusão na área educacional exigem ações inerentes aos âmbitos político, técnico-científico, pedagógico e administrativo.

A obrigatoriedade da matrícula de todos os alunos, não se fazendo qualquer distinção em relação àqueles com deficiência, atende os princípios de educação inclusiva, e caberá às escolas, aos órgãos centrais e intermediários, mobilizarem recursos necessários para o atendimento a alunos com necessidades especiais, mas com objetivo de garantir processo educacional qualificado e não prestação diferenciada de processo educacional parcializado ou inexistente. Nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 2001, p. 20) reconhece-se que a inclusão educacional é parte integrante do processo de construção de uma sociedade inclusiva, fundamental para o desenvolvimento e a manutenção da democracia, estabelecendo-se, portanto, a necessidade de políticas públicas de caráter emancipatório.

A educação especial, é reconhecida pela Resolução CNE nº 2/2001 como modalidade de educação escolar e não mais como categoria distinta de educação. Está prevista, na prestação de serviços educacionais comuns, conforme o proposto no Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. E no artigo 7 a Resolução fixa as formas de atendimento, Art. 7º O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais deve ser realizado em classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica.

Esta Resolução demonstra os princípios da educação inclusiva e define os parâmetros e explicita como deverá ocorrer o atendimento às pessoas com deficiência em seu artigo 8º, quando aponta a necessidade de previsão e provimento desse atendimento às pessoas com deficiência no que se refere à organização das salas comuns, a capacitação de professores, a distribuição dos alunos com necessidades especiais pelas várias classes do ano escolar em que se inserirem, flexibilizações e adaptações curriculares, serviços de apoio



pedagógico especializado, projetos de sustentabilidade da educação inclusiva, temporalidade flexível do ano letivo e atividades que favoreçam o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares aos alunos com altas habilidades/superdotação.

### **3. ASPECTOS FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA**

A formação de professores continuada é temática de estudo presentes em muitas pesquisas e no contexto atual, está intimamente ligada à capacidade desse profissional em trabalhar com a diversidade que a escola abriga. A formação continuada docente é temática de muitas pesquisas que confirmam a importância desse processo que perpassa por caminhos formativos onde os professores devem assumir uma postura crítico-reflexiva, que priorize o pensamento e a ação autônoma,

com vistas a uma autoformação. Na organização da escola, a formação continuada do professor encontra seu alicerce nas ações e projetos realizados nas escolas construídos coletivamente. Esse movimento pode ser protagonizado nos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) desde que esse espaço de formação do professor deve ter foco exclusivamente nas questões pedagógicas, nas práticas cotidianas da sala de aula. Os encontros pedagógicos coletivos devem priorizar troca e partilha de experiências entre os participantes. A formação continuada nos espaços escolares pode se configurar um local de formação contínua, quando matem o foco das discussões nos desafios cotidianos enfrentados pelos professores, nas questões a serem resolvidas naquele espaço escolar singular em que modelos prontos não funcionam.

Na pesquisa realizada com os docentes que atuam nas escolas pesquisadas, fica muito latente que os processos formativos desenvolvidos nos HTPCs, não atendem ao propósito formativo que os docentes entrevistados esperam. A pergunta dirigida a eles sobre os processos formativos foi a seguinte: —Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática. Parte dos docentes responderam que —sim, sem nenhuma justificativa de sua resposta. Outro grupo de professores respondeu —sim, acrescentando críticas ao modelo de HTPC que é organizado pelas escolas, como pode ser observado nas falas dessas professoras —*só que as vezes acaba sendo um tempo mal aproveitado, só passando recado e problemas do cotidiano, deveria ser mais dinâmico e muitas trocas de experiências*. —*sim, porém os htpc's são divididos em avisos, opiniões sobre como desenvolver determinado trabalho e não formação.* —*sim, quando ocorre capacitação, pois muitas vezes são só recados e informes sobre problemas da unidade de trabalho*. Outros professores responderam a essa pergunta afirmando que os HTPCS não tratam da formação continuada como pode ser observado nas falas de muitos professores:—*O HTPC deixa muito a desejar, é momento voltado para recados e comunicados e pouca capacitação, dificilmente tem alguma coisa de relevância Para a prática em sala de aula.* —*Não, acrescentam nada na pratica* —*Os temas foram mais informativos que reflexivos, não tendo grande relevância sobre a prática educacional*—*Não. HTPC é um momento valioso e importante, uma conquista dos professores. Porém na maioria das vezes é utilizado para passar recados da Seduc, eu creio que cada professor de forma planejada deveria abordar um assunto*

*relacionado a sua sala (problemas, ou algo surpreendente e interessante). Compartilhar suas práticas e problemáticas ajudam na reflexão e renovação da prática e atitudes.*

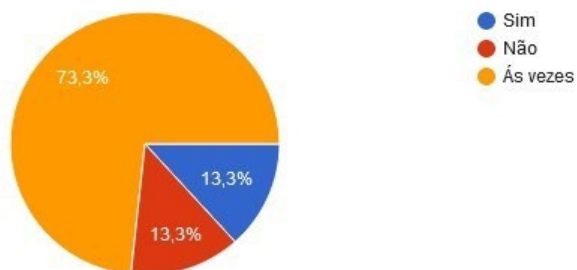
Como podemos observar nos dados da pesquisa sobre o perfil docente, a maioria dos professores manifestam preocupação com sua autoformação. Indicam que fazem ou fizeram cursos de pós-graduação. Em suas respostas destacam a importância da formação continuada e apontam os caminhos que esse processo deve percorrer. Destacam que esse o percurso formativo não pode estar desvinculado de um projeto escolar e de políticas públicas que potencializem e incentivem esse processo formativo.

Denunciam o modelo adotado para a realização dos —Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo da escola, deixando patente que o que está sendo viabilizado, não atende às suas expectativas. O atual modelo mobiliza o coletivo de professores da escola para o trato de recados administrativos e recados da Seduc, o que acaba por desestimular e desacreditar do espaço destinado à formação, por esse ser desvirtuado. A pesquisa mostra que os professores estão preocupados com os cotidianos de suas práticas, e que almejam mudanças nos modelos implementados para a formação continuada nas escolas pesquisadas. Segundo Zeichner (1993) a escola precisa estar preparada, por meio de estrutura, de ações e de respaldo de políticas públicas, para acolher as necessidades e iniciativas de formação docente continuada que emergem dos cotidianos de vivências experienciadas pelos sujeitos que participam da ação docente. A pesquisa aponta que é urgente a mudança na compreensão da importância da formação continuada que ocorrem nas escolas. É preciso repensar os modelos em curso e dar o sentido que constitui os processos formativos que compreende as dimensões coletivas, organizacionais e profissionais —tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente. (BRASIL, 2015).

Você tem dificuldades para atender o aluno com deficiência em sala de aula?

Você tem dificuldade para atender o aluno com deficiência em sala de aula?

60 respostas



Temos várias respostas semelhantes sendo possível produzir uma tabela por categorias:

Sim, 73,3%	As vezes 13,3%	Não, 13,3%
Tem falta de parceria com a equipe gestora.	Dificuldades com as Adaptações e salas numerosas.	Não tem dificuldades, pois as adaptações serão feitas de acordo com as necessidades apresentadas pelo aluno.
Poucas visitas da ATp de inclusão para orientação e fazer as adaptações necessárias.	Dificuldades com os diferentes laudos e necessidade de profissionais de apoio.	Tenho parceria com o profissional do plano de ação do aluno.
Falta de material concreto e adaptado.	Reduzido número de visitas do ATp de Inclusão para as orientações	

As argumentações mais frequentes dos professores, quando resistem à inclusão, é a de não estarem preparados ou não terem a formação para desenvolver esse trabalho. Discutir brevemente essa preparação na formação inicial e em serviço, torna-se relevante na base formativa, prática adquirida ao longo do caminhar na educação, enquanto formadora e atuante no segmento inclusivo, o que permite a reflexão de sugestões teóricas e reformulação de novas práticas voltadas ao processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Do mesmo modo, é evidente a necessidade de empenho e comprometimento, no que tange uma formação docente, que viabilize a construção de práticas pedagógicas ativas e desafiadoras, e que possam conduzir o aluno ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores e, portanto, à formação de conceitos, esclarece Goméz:

*Os alunos as aprendem e assimilam teorias, disposições e condutas não apenas como consequência da transmissão e intercâmbio de idéias (sic) e conhecimentos explícitos no currículo oficial, mas também e principalmente como consequência (sic) das interações sociais de todo o tipo que ocorrem na escola ou na aula (GOMÉZ, 1998, p.17).*

Todavia, sendo a escola o local que permite a interação entre diversos grupos e nessa dinâmica também está o professor - que anseia por compartilhar e se apropriar de saberes, são as relações que se estabelecem nesse ambiente que vão possibilitando a constituição do saber do sujeito, sobretudo o seu desenvolvimento social, pois a apropriação do conhecimento, socialmente construído pela humanidade, efetiva-se na interação entre membros representantes da cultura e no interior de práticas sociais.

E em nossa sociedade, essa apropriação se dá nas esferas do cotidiano e em instituições criadas para este fim, como a escola, vamos pegar todas as informações e transformar em conhecimento, pois é com conhecimento e sabedoria que vamos transformar a nossa sociedade, começando por nossos alunos e toda comunidade escolar, discutindo sobre os direitos das pessoas com deficiência no espaço escolar, com adaptações e acessibilidade em todos os sentidos, além do arquitetônico.

A acessibilidade na escola é concebida como uma premissa para o pleno acesso dos alunos com deficiência, compreendendo desde a acessibilidade arquitetônica e na comunicação, passando pela produção de materiais didáticos acessíveis e o uso de recursos de tecnologia assistiva na escola e formação continuada dos professores para acolhimento e vínculo com o aluno independente do diagnóstico e das diferenças. Segundo Mantoan:

*“Incluir é necessário, sobretudo, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para levar a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos temporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos que pagar seja bem alto, afinal, ele nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos.” MANTOAN, Maria Teresa Eglér Inclusão escolar : O que é? Por quê? Como fazer? — São Paulo : Moderna , 2003 p. 59.*

Este processo não se efetiva somente com a legislação, é necessária sensibilização dos Gestores e do corpo docente, envolvimento de todos para que ocorra um real processo educacional inclusivo. Dentro da perspectiva educacional inclusiva, a formação continuada, entendida como parte do desenvolvimento profissional que acontece ao longo da atuação docente, e está inserida no ambiente escolar, pode possibilitar um novo sentido à prática pedagógica, trazendo novos contextos, permitindo articular novos saberes na construção da docência, dialogando com os envolvidos no processo que abarca a formação (IMBERNÓN, 2010).

Temos a possibilidade de, promover espaços, dentro da escola, para o diálogo e a formação em serviço ou em processo, por meio da prática pedagógica reflexiva, que é aquela marcada pelo desejo de mudanças e pela busca e implementação de novos valores que venham dar uma nova direção à prática social, e fazem com que o profissional se mantenha vivo, energizado, atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade profissional e pessoal de cidadão, responsável por um processo de mudança social.

Sendo assim, após pesquisa realizada, a proposta como contribuição e produto final para a formação dos docentes, será ofertada primeiramente aos docentes das escolas que acompanho como assistente técnico pedagógico e oportunamente pretendo disponibilizar para os professores ingressantes. O produto pretende atender aos interesses e aos problemas comuns a toda comunidade escolar, e deverá acontecer no ambiente da escola, um caminho mais seguro para a transformação da realidade educacional. Segundo Mantoan, as grandes inovações são, muitas vezes, a concretização do óbvio, do simples, do que é possível fazer, mas que precisa ser desvelado, para que possa ser compreendido por todos e aceito sem muitas resistências, senão aquelas que dão brilho e vigor ao debate das novidades. (MANTOAN, 2001, p. 31)

#### **4. ASPECTOS DO PERFIL DOS DOCENTES**

Esse estudo teve como objetivo conhecer as tensões que estão presentes nas práticas docentes no cotidiano escolar frente aos processos de inclusão, assim como também, a repercussão da formação continuada nas práticas cotidianas docentes.

O estudo permitiu conhecer a perspectiva dos professores em relação a formação continuada docente e o que pensam em relação à inclusão escolar. Ficou evidente que os docentes que participaram da pesquisa consideram que os modelos adotados nos processos de formação continuada, não têm sido suficiente nem pela quantidade, nem pelos conteúdos abordados nos espaços formativos para assegurar a continuidade da formação docente para responder as demandas atuais que os processos educativos exigem seja no enfrentamento ao fracasso escolar e a consequente evasão, e mais ainda no refere à inclusão de alunos com deficiência nas salas de aulas regulares. As escolas tem sido cobradas por respostas educativas de melhor qualidade para qualquer aluno, sem privilégios ou discriminações. Porém, os índices de fracasso escolar continuam inaceitavelmente altos, o sistema educacional continua excludente, o que indica que sistema educacional, diante da democratização do ensino, tem demonstrado muita dificuldade para resolver a complexa relação de garantir escola para todos com qualidade. No que se refere à inclusão, a pesquisa realizada confirma as percepções que os professores têm em relação ao seu papel no que tange à inclusão, principalmente no que se refere a mudança na compreensão do que vem a ser uma escola inclusiva. Para os professores participantes da pesquisa, prevalece a visão de que a inclusão nas salas de aulas regulares deve ser viabilizada para alguns tipos de inclusão, muitos declaram a dificuldade de lidarem com a diversidade em suas salas de aula. Percebemos nas falas dos docentes uma resistência a qualquer mudança em relação ao modelo escolar vigente, com práticas homogeneizadoras, conteudistas, meritocráticas, subordinadoras e em consequência, excludentes. Há predominância de currículos e práticas pedagógicas que não incluem a perspectiva de grupos historicamente excluídos, entre eles, o da pessoa com deficiência. Esses indicadores, denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que vivenciamos em nosso cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia nossa inteligência.

Foi muito presente nas falas dos docentes que participaram da pesquisa que não estão preparados para atuarem com os alunos no processo de inclusão educacional. Porém, há uma enorme contradição nas falas dos docentes em relação ao não preparo para as demandas da inclusão e a resistência que manifestam em relação à formação continuada quando se aborda a temática. É frequente buscarem



outros debates nos processos de formação. Quando as temáticas sobre a inclusão são colocadas para todos os docentes sem que possam escolher não participar, percebe-se o baixo aproveitamento e a não disponibilidade para a reflexão e discussão que o tema exige. Os encontros formativos se tornam desgastante para o formador que sente dificuldade em lidar com as resistências em relação à reflexão sobre o processo de inclusão. Isso, fortalece a necessidade de rompermos com a visão de escola baseada numa organização pedagógico escolar que se destina a alunos ideais, padronizados por uma concepção de normalidade e de eficiência arbitrariamente definida. Sabemos que a mudança da escola regular é um processo lento, e o estudo ratifica que é preciso promover mudanças, cujo movimento crie novas possibilidades para todas as crianças. O despreparo alegado pelos docentes, não podem continuar sendo justificativas dos que querem escapar da inclusão escolar pelos mais diferentes motivos. Sabemos que a inclusão não pode ser ignorada. Para mim, enquanto formadora, penso em como mobilizar os docentes para refletirem e viverem a experiência e o desafio das diferenças em suas salas de aula? Como mobiliza-los para buscarem novas respostas educacionais?

O estudo realizado demonstra que persiste uma perturbadora visão dos docentes participantes da pesquisa alicerçada no modelo tradicional, e que não demonstram condições ou interesse em responder aos desafios da inclusão social e do acolhimento às diferenças. Não se pode admitir que parte da sociedade e parte dos docentes continue a reproduzir uma representação da escola transmissora de conhecimentos fixos e inquestionáveis. Mesmo que esse papel da escola seja defendido, esta não tem conseguido cumprir com esse modelo educacional, pois esse projeto educacional acredita num pressuposto irrealizável, que é exigir que todos os alunos se enquadrem em suas exigências. Isso se observa no crescente quantitativo do fracasso escolar produzidos pelas escolas e que envolve significativo contingente de alunos independente de apresentarem ou não, as denominadas necessidades educacionais especiais. Quando na fala dos professores durante a pesquisa sobre sua opinião em relação a inclusão nas salas de aulas regulares em que muitos afirmaram que os alunos com deficiências devam ser atendidos por outros profissionais de saúde e que talvez a escola regular não seja o melhor lugar para que eles estejam inseridos, percebemos a visão tradicional desses docentes de se pensar a escola e um modelo de inclusão anterior ao da integração, que tinha como objetivoll

ajudar pessoas com deficiência a obter uma existência tão próxima ao normal possível a elas disponibilizando padrões e condições de vida cotidiana próximas às normas e padrões da sociedade (Mantoan, p.38). A perspectiva defendida por muitos docentes na pesquisa se contrapõe aos princípios da inclusão que defendemos no Município em que a pesquisa se realizou. Defendemos que o objetivo da inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem. Nessa perspectiva, as limitações dos sujeitos devem ser consideradas apenas como uma informação sobre eles que, não pode ser ignorada na elaboração dos planejamentos de ensino. Deve-se destacar potencialidades, possibilidades para garantir condições favoráveis à sua autonomia escolar e social.

Estamos construindo a história do processo inclusivo na educação. Preciso continuar acreditando que o conhecimento transforma, não perder a esperança em uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, que as agruras do dia-a-dia não tirem a poesia das minhas palavras e atitudes, que eu tenha discernimento e atitudes que possam sensibilizar meus pares sobre a necessidade de acreditar no desenvolvimento do ser humano e na construção de uma sociedade inclusiva, pois será proveitoso no sentido biopsicossocial de toda a comunidade escolar. Nesse sentido, pensar numa escola inclusiva, vai muito além da presença física de alunos nas salas de aulas do ensino regular. Pressupõe que cada aluno esteja aprendendo os conteúdos curriculares, sentindo-se motivado e fazendo parte desse universo com seus colegas, professores e com todos os demais participantes do processo educativo. Espero que consiga levar meus pares a reflexão sobre essa perspectiva de inclusão. Espero também, nunca perder a capacidade de emocionar-me com as pequenas conquistas pessoais e educacionais, pois preciso de motivação, como todas as pessoas envolvidas nesta árdua tarefa de ensinar, agregar conhecimento e preparar para vida.

A escolha da pesquisa qualitativa para o desenvolvimento deste estudo, portanto, atende adequadamente à proposta investigativa, já que evidencia as características e subjetividades dos sujeitos e do campo de estudo, além de reforçar e qualificar o processo de levantamento e tratamento dos dados. Diante disso, lançar mão de entrevistas em uma pesquisa facilita tanto a coleta como o tratamento dos dados, pois as entrevistas, e aqui particularizamos as entrevistas do tipo

semiestruturadas, viabilizam este tipo de processo investigativo por causa de sua natureza flexível e seu roteiro facilmente adaptável às necessidades de desenvolvimento da pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). É possível compreender a natureza de ação das entrevistas semiestruturadas a partir de uma perspectiva de análise na qual determinados [...] questionamentos básicos [...] que interessam à pesquisa [...] oferecem amplo campo de interrogativas, fruto das novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do. Dessa maneira, a escolha pela utilização de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados se justifica pelo fato de que as mesmas potencializam o processo de produção dos dados, já que permitem que um roteiro semiestruturado norteie o procedimento de interlocução entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa.

#### **4.1 APRESENTAÇÃO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

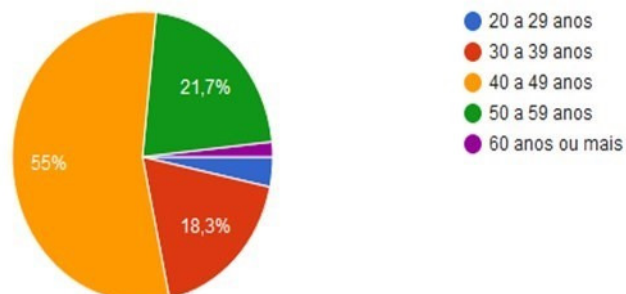
Participaram da pesquisa 60 professores da Rede Municipal de Praia Grande, do Ensino Fundamental I realizado por meio de entrevistas sobre sua formação e o processo da educação inclusiva, o método qualitativo de pesquisa é aqui entendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e educacional, sendo tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013).

##### **Faixa etária**

A grande maioria são mulheres, estamos em um universo feminino, tanto da parte Gestora quanto os professores da Rede Municipal, 95% dos entrevistados conforme figura 1, são 55% na faixa etária de 40 (quarenta) a 49 (quarenta e nove) anos; 21,7% entre 50 (cinquenta) a 59 (cinquenta e nove) anos e, por fim, 18,3%, com idade entre 30 (trinta) a 39 (trinta e nove) anos, portanto pessoas adultas e com experiência profissional.

Qual sua faixa etária?

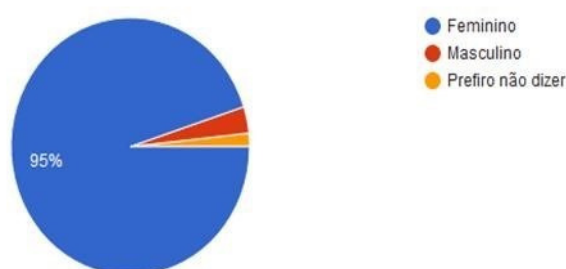
60 respostas



### Gráfico 1- Sexo dos participantes

Qual seu sexo?

60 respostas



### Forma de contratação do professor

Ingressaram na carreira através de concurso público no Município de Praia Grande no cargo de professor I, estamos com uma grande faixa etária acima dos 30 anos e diante da aposentaria especial, a maioria se aposenta aos 50 ou 55 anos de idade, por esse motivo um pequeno grupo de professores com 60 anos, como efetivos, 98.3%, apenas um pequeno número, de professores são contratados, como se observa no gráfico 3, logo adiante:

Professor:

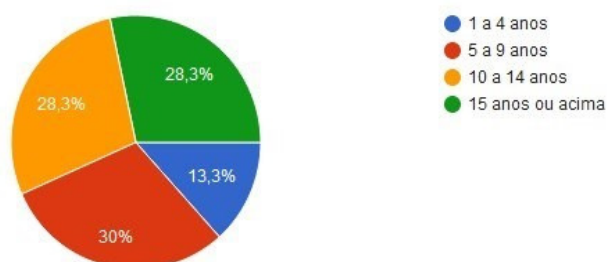
60 respostas



O tempo de trabalho dos entrevistados na Rede Municipal, é 28,3% acima de 15 (quinze) anos e entre 10 (dez) a 14 (quatorze) anos; de 30,0% de 5 a 9 anos, e 13,3% de 1 (um) a 4 (quatro) anos, são os ingressantes na Rede, efetivos, pois finalizaram o período probatório, como demonstrado no gráfico 4, que se segue:

Tempo que trabalha na rede municipal de Praia Grande:

60 respostas



Quanto à formação acadêmica dos nossos entrevistados, 83,3% são formadas em Pedagogia, que é uma exigência do Município para o cargo de Professor I, já 8,3% tem outra formação em Letras, apesar da formação acadêmica 68,3% dos nossos professores não se acham preparados suficientemente e fundamentados na prática do processo da Educação Inclusiva, e 31,7% já incorporaram o processo inclusivo dos nossos alunos, o que se avalia no **gráfico** Questão 4 - Formação acadêmica e preparo, a seguir exposto:

## **5. OS DESAFIOS NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Destacarei os desafios sobre a formação continuada do docente, mobilizando a questão fundamental pela perspectiva da diversidade implicada na proposta da Educação Inclusiva, que exige do professor o conhecimento indispensável para fazer frente à complexidade que envolve esta realidade.

A educação inclusiva requer uma redefinição conceitual e organizacional das políticas educacionais e culturais. Nesta perspectiva, o financiamento dos serviços

de apoio aos alunos público alvo da educação especial devem integrar os custos gerais com o desenvolvimento do ensino, sendo disponibilizados em qualquer nível, etapa ou modalidade de ensino, no âmbito da educação pública ou privada.

Ressalta-se que os estabelecimentos de ensino deverão ofertar os recursos específicos necessários para garantir a igualdade de condições no processo educacional, cabendo-lhes a responsabilidade pelo provimento dos profissionais de apoio. Temos um grande desafio pensar as capacitações necessárias para atualizar o professor do Século XXI, suprimindo as demandas apresentadas pelos alunos, sinalizando a necessidade de mudanças na forma de ensinar.

O momento é de transição, mas é fato que estamos caminhando inegavelmente para a mudança. A cultura escolar ainda está enraizada no modelo antigo, como instrumentalizar o professor para que ele esteja apto e preparado para formar o aluno do futuro, é o desafio a ser vencido?

Trata-se de alterar a visão do educador em relação ao aluno, fornecendo subsídios e ampliando seu repertório de ações para que ele possa empoderar o jovem e prepará-lo para os desafios existentes na sociedade contemporânea, como a agilidade da informação, a volatilidade dos conceitos, as rápidas transformações e a globalização crescente.

Devido a importância e extensão da ação docente, os professores ocupam espaço estratégico e de fundamental importância no interior das relações complexas que compõem as sociedades contemporâneas a partir dos saberes que elas produzem e mobilizam para diversos fins.

Para exercer a docência, é um consenso entre diversos autores, Pimenta (2000), Tardif (2008), Freire (1994), Nóvoa (2009) de que o professor necessita construir um conjunto de saberes e de conhecimentos específicos para desempenhar sua função como profissional da educação. Para Tardif, o saber dos professores é profundamente social, sendo, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o possuem e o incorporam à sua prática profissional para a ela adaptá-lo e para transformá-lo. Assim, —a prática do deles, ou seja, seu trabalho cotidiano, não é somente não um lugar de aplicação de conhecimentos produzidos por outros, mas também um espaço de produção, de transformação e de mobilização que lhes são próprios (Tardif, 2008, p.237). Os saberes pedagógicos, segundo Pimenta (2000), são aqueles que o professor constrói no cotidiano do seu trabalho e

que fundamentam sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da instituição educativa onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão desse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento.

Para Freire (1994), ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Nóvoa (2009) destaca que o —bomll professor necessita possuir cinco —disposiçõesll, ou seja, deve conquistar cinco competências que são básicas para exercer a docência: conhecimento; cultura profissional; tato pedagógico; trabalho em equipe e compromisso social. Tardif (2008), atuar num espaço pedagógico exige conviver com o fenômeno educativo em constante transformação. Os saberes específicos Tardif (2008), atuar num espaço pedagógico exige conviver com o fenômeno educativo em constante transformação. Para o autor, saberes específicos da área de atuação mudam, os conhecimentos pedagógicos necessitam ser revistos e modificados em função da dinâmica social e histórica. Na visão apresentada pelos autores, o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer.

Tardif (2008), confirma essa perspectiva quando destaca que o desenvolvimento quantitativo e qualitativo dos saberes seja concebível com o incremento correspondente dos recursos educativos e que depende de corpos docentes capazes de assumir, dentro dos sistemas de educação, os processos de aprendizagem individuais e coletivos que constituem a base cultural, intelectual e científica da sociedade. Para o autor, depende dos professores, apropriarem-se dos saberes no contexto educacional e empenharem-se e assumirem e individualmente, uma formação voltada ao seu próprio saber profissional. O professor deve ter em mente que esse saber não é um conjunto de conteúdos cognitivos definitivos, prontos e acabados e sim um processo em construção ao longo de uma carreira profissional em que o professor aprende a entender as demandas de uma sociedade em constante mudança e com isso, aprende a lidar com as exigências ao mesmo tempo em que se insere em novos contextos de aprendizagem, o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática.

Esse saber é adquirido em um contexto de formação inicial e formação continuada, onde é incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira.



Destacarei nesta discussão sobre a formação continuada do docente, mobilizando a questão fundante pela perspectiva da diversidade implicada na proposta da Educação Inclusiva, que exige do professor o conhecimento indispensável para fazer frente à complexidade que envolve esta realidade.

O exercício da docência é um trabalho complexo, pois é realizado com e sobre pessoas, com finalidades, intencionalidades, formas de engajamento, prescrições e programas. Por ser uma ação baseada em vínculos, a formação para este trabalho também é complexa. Por isso, formar professores envolve uma lógica socioprofissional, didática e psicológica e essa formação deve propiciar a construção de mudanças conceituais e práticas (GATTI, 2019).

Para a efetivação de fato dos princípios da educação inclusiva, é importante repensarmos a formação de professores, visto que para a melhoria do ensino e especialmente na perspectiva da inclusão, é preciso ressignificar a compreensão sobre as diferenças, e compor o processo de formação continuada dos professores com reflexões acerca do Direitos Humanos, os princípios de Educação para Todos, com a intenção de modificar do olhar do professor sobre a exclusão e conseqüentemente a iniciativa de construção de saberes que permitirão que individualmente cada professor tenha disponibilidade para assumir um ensino intencional frente à diversidade presente em sala de aula, de maneira a estabelecer objetivos e estratégias educacionais que contemplem as especificidades de cada aluno, a partir de seu desenvolvimento real, para traçar expectativas claras de novos conhecimentos, de acordo com suas potencialidades. Atuar como professor na escola de hoje constitui-se, portanto, numa atividade complexa que requer que esse profissional esteja preparado para construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos tanto para os alunos considerados especiais quanto para os demais integrantes de sua turma.

A formação do professor segue tendências e quem as dita é o Ministério da Educação, por diferentes caminhos, teceram novos focos de interesse, especialmente pelo que evidenciou sobre as buscas dos mesmos em relação a sua formação, a relevância que assume nesse processo o acesso ao reconhecimento e possibilidade de aprender mais e melhor, que possibilita ampliar a discussão sobre a construção da identidade profissional do professor, sempre muito comentado em nossa sociedade, neste momento de mudanças e implantação da Base Nacional

Comum Curricular, precisamos nos apropriarmos dessas mudanças que estão sendo implantadas em todo Brasil e construirmos nosso currículo valorizando a nossa cultura regional.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de Formação de Professores é um documento normativo norteador das formações docentes ainda em construção. A base para a formação de professores será um documento que servirá de referencial para as licenciaturas nas universidades brasileiras, que são os cursos que capacitam os estudantes do ensino superior a darem aulas nas escolas de ensino básico. A versão preliminar divulgada, segundo o MEC, serve para iniciar uma discussão sobre "as diferentes formas de habilitação para a docência nas etapas e modalidades da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio".

O documento estipula três tipos de formação continuada, promovidos dentro da própria escola do professor, dentro da rede estadual ou municipal, por meio de cursos, eventos e atividades de trocas de experiências e ações formativas, e também no ambiente externo, como o incentivo à participação em congressos e outros eventos acadêmicos, além de cursos de pós-graduação em instituições de ensino.

A formação continuada também deve ser um critério para ascensão do professor na carreira, defende o MEC. O documento propõe que os planos de carreira, que são regulamentados pelos estados e municípios, "façam uso da matriz de competência para avaliar o desempenho dos professores, por que "a matriz de competências permite que as avaliações dos professores sejam mais objetivas, pois pautar-se-á em habilidades e competências comprovadas ao longo da carreira".

Está sendo discutido sobre quais são os direitos de aprendizagem, as competências e as habilidades essenciais para os alunos na educação básica. Agora, é preciso que o professor trabalhe com as competências e habilidades necessárias para aquisição do conhecimento, especialmente com foco na prática pedagógica, numa visão mais próxima da sala de aula.

As formações as dez competências gerais e apontar que a formação inicial e continuada deve ser baseada em três dimensões: conhecimento, prática e engajamento. A dimensão do conhecimento está relacionada ao domínio dos conteúdos. A prática refere-se a saber criar e gerir ambientes de aprendizagem. A terceira dimensão, engajamento, diz respeito ao comprometimento do professor com

a aprendizagem e com a interação com os colegas de trabalho, as famílias e a comunidade escolar. Para cada dimensão, estão previstas quatro competências específicas.

A formação inicial deverá superar, as dicotomias entre teoria e prática, entre as escolas e a universidade, entre outras, a superação da fragmentação curricular que divide a formação do professor, temos urgência de mudança curricular e entendimento conceitual da formação docente.

Neste sentido, o MEC solicita a colaboração e a participação da Undime e do Consed, tem como principal objetivo diminuir as evidentes disparidades observadas no país que são resultantes de inúmeros elementos e fatores relacionados ao entorno social de cada localidade e escola, quanto também tornar a escola e a educação efetivas, por meio de seus processos e ações, na valorização daquilo que é local aproximando e formando os estudantes num mundo globalizado, onde as informações precisam ser transformadas em conhecimentos. Irá implicar em novos procedimentos, práticas e saberes a serem consolidados que, por sua vez, exigirão educadores com formação diferente daquela que até o presente momento é oferecida nas universidades brasileiras nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. O processo formativo deverá contemplar os princípios definidos na Base Curricular, tanto na formação inicial, assim como na formação continuada dos docentes professor. As competências gerais da base, de acordo com o proposto pelo MEC, de acordo com o site do MEC, são:

*“—1-Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem dos alunos e na sua própria aprendizagem colaborando para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.*

*2-Pesquisar, investigar, refletir, realizar a análise crítica, usar a criatividade e as tecnologias, para selecionar, organizar com clareza e planejar práticas pedagógicas coerentes, desafiadoras e significativas.*

*3-Valorizar e incentivar as diversas manifestações culturais das locais, as mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artística cultural para que o aluno possa ampliar seu repertório cultural.*

*4-Utilizar diferentes linguagens verbal, cultural, visual, sonora e digital para se expressar e fazer com que o aluno se expresse para partilhar informações, experiência, ideias e sentimentos em diferentes contextos produzindo sentidos que levem ao entendimento mútuo.*

*5-Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens.*

*6-valorizar a formação permanente para o exercício profissional, estar sempre atualizado na sua área de atuação e nas áreas afins, apropriar-se de novos conhecimentos e experiências que lhe possibilitem ser um profissional eficaz e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidades.*

*7-Buscar desenvolver argumentos com base em fatos, dados e informações confiáveis para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.*

*8-Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autoconhecimento e autocuidado dos alunos.*

*9-Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos ambientes de aprendizagem.*

*10-Agir e incentivar pessoal e coletivamente, com autonomia e responsabilidades, flexibilidade, resiliência e determinação tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários para que o ambiente de aprendizagem possa refletir esses valores.”*

A concepção de competências e habilidades não poderá ser aprendida pelos educadores apenas com o intuito de conhecimento do conceito, precisando a partir de agora, tornar-se cultura presente, realizável, concretizável no cotidiano da escola, juntamente aos alunos.

O uso das novas tecnologias e das metodologias ativas, igualmente, há que se tornar parte dos currículos de formação de professores para que seja possível alinhar as ações dos docentes as expectativas e demandas de toda uma geração de educandos já nascidos na era digital, conectados à internet, usuários regulares das tecnologias móveis.

Os caminhos da formação docente são complexos, e a forma como é feita até hoje, gera muitos questionamentos por parte dos docentes, quando são abordadas questões culturais, sociais, direitos humanos, inclusão entre outras temáticas que

lidam interdisciplinarmente e que exige novo olhar para os conteúdos de ensino e para a produção de conhecimentos. A dificuldade dos professores pode estar relacionada ao modelo de formação inicial que ainda é disciplinar, um legado do positivismo, onde tudo é dividido em partes, e muitas vezes impossibilita o docente de ver o todo.

Os processos de formação inicial e continuada precisam ter foco na visão complexa social e educação para a vida, superando o ensino conservador, descontextualizado, fragmentado, e que contribui com a fragmentação do conhecimento e de formação. Para o modelo de formação conservador e fragmentário, o aluno é uma abstração, e por isso, não importa conhecer o que o aluno já sabe, que seus os conhecimentos prévios, todos receberão os mesmos conteúdos do mesmo modo e no mesmo tempo.

Para que o docente faça reflexão sobre sua prática para repensar sua atuação a formação continuada deve oferecer condições para que os professores sejam capazes de pensar de forma crítica autônoma, ética e solidária, que trabalhem pautados na educação de valores e conhecimentos científicos em busca de uma educação e sociedade mais justa, inclusiva, que tenha como objetivo a redução e das desigualdades. Freire fala sobre a fundamentalidade da educação e de seu papel transformador:

“—Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarna-la diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.” Paulo Freire (1994.p. 67)

A formação continuada nos permite momentos de reflexão sobre as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos, e a busca por conhecimentos pedagógicos, pois a contemporaneidade tem exigido dos profissionais um constante aprimoramento da aprendizagem para atuação em sala de aula no contexto educacional.

## **5.1 O USO DE TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

O consenso da necessidade da integração das TIC nas escolas em diversos países, assim como no Brasil, tem resultado no investimento na infraestrutura e no acesso à internet para conseqüente utilização nos processos pedagógicos nos diversos países e também em nosso país. Mesmo havendo o reconhecimento da necessidade da incorporação das TIC no processo de ensino, não se nota tanto na formação inicial quanto contínua dos professores, propostas de discussões críticas e de efetiva qualidade que permitam aos professores a apropriação com autonomia e proficiência das ferramentas tecnológicas disponíveis. Nos encontros formativos nos deparamos com docentes com dificuldades em integrar as TICs em suas práticas pedagógicas que promovam a junção de aspectos didáticos, tecnológicos e pedagógicos.

No município de Praia Grande, contamos que lousas digitais em todas as salas de aula das escolas da Rede Pública Municipal, e laboratório de informática que os professores podem utilizar com agendamento prévio, onde é disponibilizada banda larga. Notamos que há ainda um demasiado enfoque tradicional, onde se considera que a presença de computadores nas escolas não são uma garantia de uma melhor qualidade pedagógica. Muitos professores não utilizam a lousa digital, insistem em escreverem no quadro branco e dão suas aulas de maneira tradicional, seja por falta de domínio ou interesse.

Não é raro escutarmos nos grupos formativos a seguinte fala: —Já estou perto da aposentadoria e não quero aprender mais nada. Procuo organizar e disponibilizar uma Hora Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) nas escolas que sou responsável pela formação docente com o tema —Tecnologias EducacionaisII e promover trocas de experiências entre os pares. Muitas vezes presenciei a hostilização ou desinteresse dos professores da em relação a professores que demonstram desenvoltura no uso das ferramentas tecnológicas e apresentam dados significativos do envolvimento dos seus alunos e no avanço do processo de aprendizagem destes, uma vez que os alunos que pertencem à cultura digital sabem explorar os recursos tecnológicos disponíveis. Percebo que em função das resistências dos grupos, os professores que utilizam as TICs como ferramenta pedagógica, deixam de participar dos momentos de formação. Embora ao longo dos anos as políticas educacionais

tenham avançado no aparelhamento de escolas e na difusão das TIC no ambiente escolar, ainda existem professores resistentes a sua utilização como ferramenta pedagógica. Percebo nos grupos de professores forte sentimento de insegurança ou resistência ao novo, em alterar a prática de ensino, não se sentem preparados. Ele é desafiado a rever e ampliar seus conhecimentos, sair da sua zona de conforto para enfrentar situações que não fazem parte da sua rotina, e algumas vezes os alunos sabem mais que o mestre.

Segundo propõem alguns Organismos Internacionais (OIs), a democratização do acesso à educação é entendida como o meio para a promoção da cidadania e do desenvolvimento, sobretudo dos países mais pobres. Para tanto, recomendam a adoção de práticas educacionais mais flexíveis, principalmente com o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Nessa perspectiva, temos mobilizado esforços para oferecer formação docente para o uso das TICs buscando conscientizar o docente de seu papel para o atingimento dos objetivos da educação pensada como meio de transformação social, e então, formar um homem crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a trabalhar em grupo de forma colaborativa e coletiva. Para tanto, segundo (Tardif,2017, p.280) é preciso tornar as escolas, lugares mais favoráveis para o trabalho e a aprendizagens dos professores, organizando de modo mais orgânico os tempos escolares, para que os professores possam identificar e desenvolver seus saberes, inovar e implantar novos métodos de ensino. Ainda segundo Tardif, é preciso desburocratizar as escolas e garantir a autonomia dos professores na gestão de formulação de projetos pedagógicos que levem em conta a realidade local.

Pensamos em construir possibilidades a partir dos processos formativos, a partir das prioridades dos professores, numa perspectiva de formação continuada, em serviço, que valorize os saberes docentes, que os auxilie na mobilização de recursos para as ações e projetos a serem desenvolvidos nas escolas, reconhecendo a singularidade de cada espaço escolar e conforme defende (Malavasi,2006) instaurando uma comunidade de trabalho no interior da escola, que fomente um olhar atento e sensível às mudanças da sociedade, com uma visão interdisciplinar e com capacidade de constante aprimoramento e depuração de ideias e ações. Tal atitude será fruto de um processo educacional cujo objetivo é a criação de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno e os professores vivenciem e desenvolvam seus

conhecimentos em ambientes de aprendizagem nos quais o conhecimento não é passível de ser transmitido, mas construído e desenvolvido no coletivo.

Enquanto formadores, vivenciamos conflitos e resistências, Os órgãos oficiais encaminham todas as normas e conteúdos a serem seguidos, tudo vêm pronto do Ministério da Educação, e de outros órgãos oficiais. Os educadores são convocados para tomarem ciência das mudanças que deverão guiar suas práticas. Essa política educacional não leva em conta a pluralidade regional e a diversidade da comunidade educacional. É preciso observar e nos adequar às realidades e as dificuldades de aprendizagem dos alunos e organizar as intervenções pedagógicas a partir desses indicadores que devem ser balizadores de toda proposta pedagógica da escola. Assim também, como todo projeto de formação docente em serviço, deve ser pautado também nos indicadores da escola especificamente. A partir daí, os professores poderão buscar implementar propostas de intervenção pedagógicas, assim como projetos coletivos para desenvolver um trabalho de qualidade a partir da realidade daquela escola em particular.

A presença das ferramentas tecnológicas nesse novo tempo na educação, estão apenas reforçando a necessidade antiga de repensarmos o processo de formação docente, que historicamente expropria o professor de sua autonomia através de modelos prontos, verticalizados (Malavasi,2006). Sabemos que qualquer inovação deverá passar necessariamente pela qualidade e pela melhoria na formação dos educadores. Para tanto, processo de formação docente supõe, necessariamente, uma política que considere os saberes, necessidades e contexto desse profissional. Não basta identificar a formação do professor como um problema, é necessário pensar e operacionalizar ações efetivas que solucionem essa questão.

No que se refere ao foco da pesquisa, não podemos esquecer que não são as políticas de inclusão, consideradas de forma isolada, que vão operar as mudanças necessárias para que a escola se torne inclusiva. Embora grande parte dos os professores pesquisados afirmam conhecer as políticas, pouco se percebe nas práticas cotidianas nas escolas envolvimento com os alunos incluídos. Na pesquisa realizada por mim, na percepção dos professores da educação básica , a formação de professores para atuarem na educação inclusiva encontra-se com muitas lacunas como: Falha nos programas de formação com a falta de discussão entre os professores sobre os temas estudados e sobre as formas de adaptação dos currículos,



importância das práticas reflexivas e do trabalho colaborativo dos professores da escola comum e os da escola especial que muitas vezes não acontecem, falta de relação entre teoria e prática, necessidade de maior conhecimento na área através de disciplinas voltadas para a inclusão em sua formação inicial, entre outras. As dificuldades formativas dos professores que estão presentes na escola regular refletem de modo mais agudo no trato do aluno com deficiência. Há questões não encaminhadas nos processos de formação que antecede a discussão sobre a inclusão. É preciso pensar o processo formativo como um todo destacando como afirma Nóvoa (1995), a importância da flexibilidade crítica dos professores sobre suas práticas educativas.

## **6. PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM HTPC**

A proposta de Formação Continuada será dividida em encontros, realizados nos horários destinados ao HTPC, em que os professores de todos os componentes curriculares dos anos finais do ensino fundamental da unidade escolar irão participar.

Os encontros formativos abordarão temas que envolvem. Cada tema em pauta será dividido em dois momentos, de modo a propiciar o tempo necessário para o envolvimento e participação do grupo. Todas as discussões serão acompanhadas pelos orientadores de ensino das unidades escolares.

Cada temática será desenvolvida seguindo uma sequência determinada: iniciará por uma leitura compartilhada, com a finalidade de fruição, já indicada nesta proposta (no primeiro momento). Esse texto selecionado para leitura foi pensado de modo a trazer uma reflexão inicial sem adentrar na temática do encontro em si.

Nesta etapa, o professor formador que irá conduzir a formação pode realizar a leitura ou dar a possibilidade para que outro participante leia em voz alta para o grupo. Após a leitura compartilhada, o professor que conduzirá o encontro formativo irá apresentar os objetivos da formação, também já delineados na elaboração de cada

pauta. Para isso, pode fazer uso de equipamento de projeção de imagem disponíveis na escola.

Na sequência, será proposta uma discussão sobre um tema relacionado à formação, em que todos terão a oportunidade de fazer considerações. A discussão partirá de perguntas já formuladas e questionamentos dos participantes. Essa primeira discussão coletiva, embora tenha as perguntas norteadoras como ponto de partida, não necessita de respostas definitivas (até mesmo pela impossibilidade disso).

Após a discussão da temática, será realizada uma outra leitura, também previamente selecionada, dessa vez como suporte para a discussão que seguirá. Nesse ponto, o professor formador pode, com base no tempo previsto para a reunião, indicar que as próximas etapas serão realizadas no próximo encontro e disponibilizar material de pesquisa.

**Público-Alvo:** Professores de componentes curriculares diversificados que atuam no ensino fundamental.

**Número de participantes:** duas turmas, com trinta participantes por sala de Google Classroom.

**Tempo estimado:** três meses para realização

**Carga Horária:** 60 horas com certificado

## 7. CRONOGRAMA

Módulo I	Acolhimento	10 horas
Módulo II	Princípios do Desenho Universal	10 horas
Módulo III	Cinco Princípios da Educação Inclusiva	10 horas
Módulo IV	Quais os Principais desafios da Educação Inclusiva no Brasil	15 horas
Módulo V	Legislação Educacional	15 horas
		Total - 60 horas

A escola deve acompanhar o tempo e o espaço, a história e o desenvolvimento de toda a sociedade. Inserida em um contexto multicultural e diversificado, não cabe mais a utilização de metodologias tradicionais, tanto no que diz respeito a práticas oferecidas aos alunos como aos cursos voltados à formação de professores.

Dessa forma, propõe-se um curso de formação, que privilegie o trabalho cooperativo, reflexivo, respeitando a partilha de responsabilidades, as possibilidades

de intervenção, o comprometimento e o estabelecimento de relações positivas entre todos os participantes do curso, professores pesquisados e pesquisadora.

Portanto, o curso tem como proposta atividades cooperativas que promovam a reflexão dos professores acerca dos procedimentos referentes a tornar as escolas acessíveis, identificando barreiras e obstáculos que os estudantes encontram na tentativa de acesso e oportunidades de educação de qualidade, bem como na eliminação de barreiras atitudinais, conceituais e arquitetônicas eliminando todos os obstáculos que levam à exclusão. Acreditamos que se faz necessário otimizar esses processos formativos, pautando-se no potencial do professor, conforme análise da pesquisa que motiva a construção da formação vigente.

Os encontros formativos serão desenvolvidos nos (HTPCs) Hora Trabalho Pedagógico Coletivo e também em momento híbrido, via Google Classroom, objetivando o aperfeiçoamento individual e coletivo.

O curso será composto de cinco módulos, onde serão abordadas atividades possíveis de serem utilizadas e adaptadas para os professores participantes, privilegiando o tema selecionado entre estudos, reflexões e debates. Paralelo a cada módulo, serão trabalhados os registros individuais e coletivos acerca de estudos de casos.

### **Objetivos**

- ✓ Apresentar a proposta de formação e os objetivos gerais dos encontros;
- ✓ Refletir sobre importância da educação inclusiva no contexto escolar;
- ✓ Compreender o papel de cada professor na promoção da formação de

### **1º - Módulo**



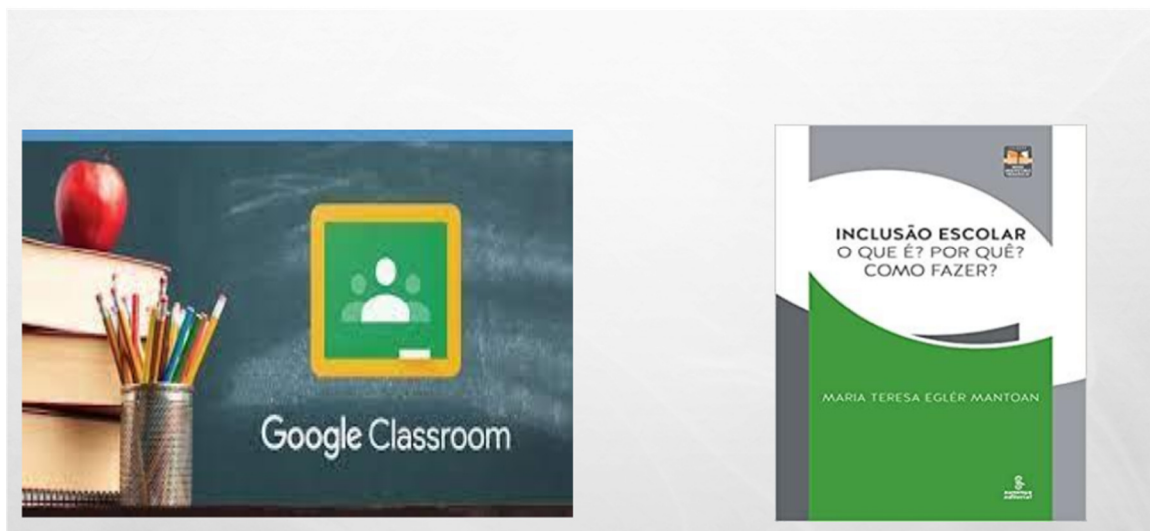
Acolhimento e apresentação do modelo híbrido.

Para Manton (2003), "Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças." Nesta escola inclusiva, professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina, respeitar as diferenças. Portanto, esse é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa.

A autora defende que o atendimento especializado não deve, de forma alguma, substituir o papel da escola na formação da pessoa com deficiência e que a saída seria uma parceria entre essas instituições e as escolas, de maneira a supri-los de um atendimento clínico, quando necessário.

Precisamos entender o real papel da Escola, e formar os estudantes para a tarefa de renovar um mundo que está ainda repleto de situações de exclusão.

Nessa perspectiva, são pressupostos que o processo de aprendizagem de cada pessoa é singular, que todos aprendemos e que todos são importantes para o processo de construção de conhecimento no ambiente escolar. Escrita por uma das maiores especialistas em inclusão escolar no Brasil, esta obra aborda o assunto de maneira clara e didática, livro de bolso com 96 páginas, as quais serão plano de fundo para nosso momento de estudo e importante debate formativo.



## **Módulo I – 10h**

-Acolhimento- 2h

Apresentação pessoal e curto relato da experiência com a inclusão

-Apresentação da proposta de formação – 1h

-Fundamentação Teórica – Maria Teresa E. Mantoan

-Leitura do livro “Inclusão Escolar” o que é ? por que ? como fazer ? 3h

-Debate após leitura, para trocar ideias e contribuir para o esclarecimento sobre o tema. – 2h

Avaliação – 2h

Uma Questão dissertativa sobre como você faria a inclusão de um aluno com deficiência, não alfabetizado em uma sala de terceiro Ano do Ensino Regular? Justifique que estratégias utilizaria com seu aluno.

## 2º - Módulo – 10h



## Módulo II

Leitura do Livro – Acessibilidade e Desenho Universal na Aprendizagem –

3h para leitura - FICHA TÉCNICA: Organizadores: Márcia Denise Pletsch, Izadora Martins da Silva de Souza, Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo, Saionara Corina Pussenti Coelho Moreira e Alexandre Rodrigues de Assis  
 Editora: Encontrografia Editora .

Este livro aborda as questões da aprendizagem, mostrando possibilidades e um trabalho comprometido com os processos inclusivos, retirando essa responsabilidade exclusivamente do aluno, como, ainda, é bastante comum na cultura e nos discursos nas escolas e nas universidades quando se trata de pessoas com deficiências.

-Fórum – Tema- Após leitura do livro, escolha um dos sete princípios universais e comente sobre. Regras é obrigatório a participação de todos com uma postagem e interação em outras duas postagens do grupo - 3h

-Roda de Conversas realizada no HTPC – 2h –Tema Defendendo a ideia de que o Desenho Universal para Aprendizagem pode beneficiar a todos os alunos, mas que a escolha por essa abordagem é determinante para as pessoas com deficiência.

-Avaliação 2h – Uma Questão dissertativa – Quais estratégias para o desenho universal da aprendizagem, você tem utilizando para a inclusão escolar ?

É de extrema relevância, neste módulo, mostrar a relação entre o Desenho Universal e a necessidade de revisão dos currículos. Defender a ideia de que o Desenho Universal para Aprendizagem pode beneficiar a todos os alunos, mas que a escolha por essa abordagem é determinante para as pessoas com deficiência.

Minimizar barreiras metodológicas de aprendizagem, tornando o currículo acessível para todos os alunos, o que possibilita a utilização de diversos meios de representação do conteúdo, de execução e de engajamento na tarefa, universalizando, portanto, a construção do conhecimento.

É preciso para além de garantir a matrícula, garantir a aprendizagem. Não é possível pensar em qualidade na educação sem considerar todos os alunos independentemente de suas questões específicas. Para isso, é necessário, mais do que disponibilizar informações, garantir o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao aprendizado.

Perante a discrepância entre a diversidade de alunos que frequenta atualmente a escola e o currículo “tamanho único” (Katz, 2013, p.34), que caracteriza a intervenção pedagógica em muitos contextos educativos, torna-se pertinente a introdução de uma nova abordagem ao currículo. Nesse sentido, o DUA pode ser uma resposta possível já que “... facilita o acesso ao currículo, a atividades de aprendizagem e à vida social da sala de aula a todos os alunos” (Katz, 2012, p.25).



### 3º- Módulo- 10h



-Sensibilização por meio de um vídeo; Tema: Conscientização IGA29- Inclusão. <https://www.youtube.com/watch?v=Ztqaa-NWYQ8>

-Segue o link e imagem acima sobre o vídeo – Após assistirem faremos uma roda de conversas sobre as percepções das situações vividas por um aluno com deficiência física. 3h

-Fórum Virtual – Que estratégias você utilizaria para incluir este aluno e sensibilizar os outros alunos, sobre o direito da permanência e aprendizagem do mesmo na escola. Regras- Obrigatório a participação de todos individualmente e interação em duas postagens do fórum. 3h

- Utilizando a ferramenta padlet o grupo vai apontar os pontos positivos, negativos e sugestões para que a inclusão escolar aconteça. 2h

-Avaliação – Uma questão dissertativa cite que estratégias você utiliza na sua unidade escolar para acessibilidade e inclusão dos seus alunos. 2h

#### 4- Módulo



- Apresentação de vídeo; iniciando com a exploração do vídeo “Turma da Mônica em Inclusão Social” Segue o link <https://youtu.be/mOgg8jUf0cU> - Após roda de conversas sobre as percepções sobre o tema- 4h
  - Estudos de casos: Dos alunos com deficiência do Quadro de inclusão da unidade escolar, quem são e quais estratégias utilizadas para garantir o sucesso do aluno. 4h
  - Debate em HTPC – Quais os desafios da Educação Inclusiva no Brasil? Construção de estratégias e sugestões. 4h
  - Avaliação. Uma questão dissertativa sobre o que Mauricio de Souza tem feito, sua contribuição para educação inclusiva com seus personagens abordando o tema de forma sensível, levando reflexão para todos que apreciam sua obra. 3h

## 5- Módulo



Vamos discutir o Direito à Educação, reconhecido como um direito social, ou seja, um direito de segunda geração, nascido entre os séculos XIX e XX expresso na Constituição da República Federativa do Brasil do ano de 1988, definido como condição fundamental para o exercício de todos os demais direitos, sejam eles civis, políticos, sociais, econômicos ou de qualquer outra natureza. Tanto os textos constitucionais, quanto o de diversas convenções internacionais, expressam o caráter de fundamentalização do direito à educação e o relaciona intrinsecamente ao princípio da dignidade humana.

Assim, se faz necessário, apresentar a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que define o movimento mundial pela educação inclusiva como sendo “uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação”, importante frisar que as normas definidoras de direitos e garantias fundamentais tem aplicação no contexto educacional.

### Módulo V- 15h

- 1988 -Constituição Federal - Artigo 205
- 1990- Declaração de Jomtien
- 1994- Declaração de Salamanca

Leitura da legislação, segue o link e após roda de conversas para comentários e argumentações sobre a legislação. 5h

1994- Política Nacional de Educação Especial

1996- Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB)

2008- Política nacional na perspectiva da Educação Inclusivo

-Leitura da legislação será disponibilizado o link e após roda de conversas para comentários e argumentações sobre o tema. 5h

-Fórum Virtual – Tema – Qual a sua contribuição para garantir que a legislação seja colocada em pratica? Regras de participação, é obrigatório individual e contribuição em duas postagens do grupo. 3h

-Avaliação – Uma questão dissertativa sobre que mudanças você faria na legislação para efetivar a inclusão escolar. 2h

**1988- Constituição Federal Artigo 205-**  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

**1990- Declaração de Jomtien**

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>

**1994- Declaração de Salamanca**

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>

**1994- Política Nacional de Educação Especial**

<https://inclusaoja.files.wordpress.com/2019/09/polc3adtica-nacional-de-educacao-especial-1994.pdf>

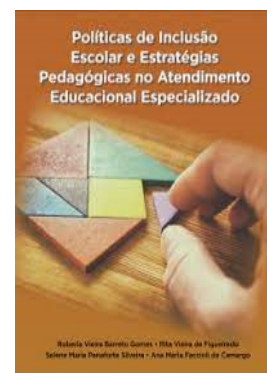
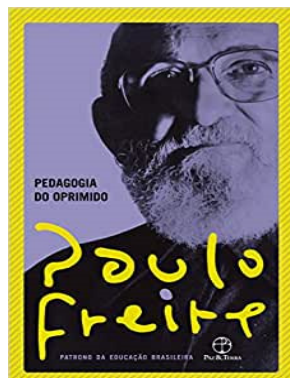
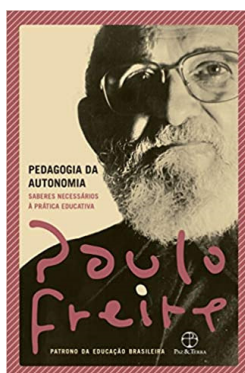
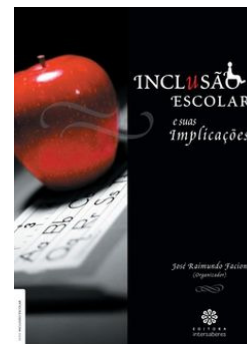
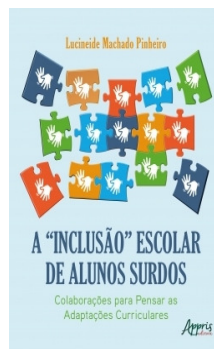
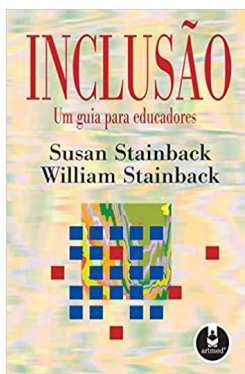
**1996- Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3&isAllowed=y>

**2008- Política nacional na perspectiva da Educação Inclusivo**

2008- <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducaspecial.pdf>

## Sugestões de Leituras Inclusivas:



## REFERENCIAL

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm); acesso em: 24 ago. 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

DESENHO UNIVERSAL [http://www.movimentodown.org.br/Desenho\\_Universalwp-content/uploads/2015/08/bibliografia.pdf](http://www.movimentodown.org.br/Desenho_Universalwp-content/uploads/2015/08/bibliografia.pdf)

FREIRE, Madalena. A Formação Permanente. In: Freire, Paulo: **Trabalho,**

**Comentário, Reflexão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

KRAMER, R. **Alfabetização, leitura e escuta:** formação de professores em curso. São Paulo, 2002.

MANTOAN. M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NÓVOA, A. (Org). **Os professores e a sua formação.** Portugal: Porto, 1999.

PÉREZ GÓMEZ, A.I. **O pensamento prático do professor:** a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SACRISTÁN, J.G. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNESCO. (1990). World declaration on education for all and framework for action to meet basic learning needs. Adopted by World Conference on Education for All Meeting Basic Learning Needs, 5–9 March, Jomtien, Thailand. Consultado a 15 março de 2015 em [http://www.ceses.it/docs/JOMTIE\\_E.pdf](http://www.ceses.it/docs/JOMTIE_E.pdf) .

UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais. Consultado a 10 de março de 2015 em: [http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf) .

UNESCO. (2000). World Education Forum. The Dakar framework for action. Education for all: Meeting our collective commitments. Senegal 26-28 April. Consultado a 18 março de 2015 em <http://resourcecentre.savethechildren.se/sites/default/files/documents/2023.pdf>

UNESCO. (2001). Educação para todos: O compromisso de Dakar (2ª ed.). Brasília. Consultado a 8 de março de 2015 em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf>

UNESCO. (2009). Policy Guidelines in inclusion un education. Consultado a 16 de março de 2015 em <http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001778/177849e.pdf>

Katz, J. (2012, summer). Re-imagining inclusive education (inclusion). CAP Journal. The Canadian Resource for School Based Leadership, 22-25.

Katz, J. (2013, May). The three-block model of universal design for learning Implementation in a high school. Canadian Journal of Educational Administration and Policy, 141.

Katz, J. (2014). Implementing the three block model of universal design for learning: Effects on teacher"s self-efficacy, stress, and job satisfaction in inclusive classroom K-12. International Journal of Inclusive Education, 19(1). DOI: 10.1080/13603116.2014.881569.

King-Sears, M. (2009). Universal Design for Learning: Technology and pedagogy. *Learning Disabilities Quarterly*, 32, 199-201.

King-Sears, P. (2014). Introduction to learning disability quarterly special series on universal design for learning: Part one of two. *Learning Disability Quarterly*, 37(2), 68–70. DOI: 10.1177/0731948714528337 . Giné, C. (2013).



## Roteiro do Questionário de Pesquisa Professores

Início Mês 06/2019

Entrevista- 1

## QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1- Faixa etária

 20 a 30 anos 30 a 40 anos 40 a 50 anos 50 a 60 anos Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino Masculino Outros 

3- Professor

Efetivo Contratado 

4- Formação Acadêmica

Pedagogia Outros  Quais ? Letras

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

 sim  não

Tive que buscar uma pós em Educação Inclusiva, fui buscar capacitação, mesmo assim as dificuldades foram aparecendo, pois após é mais teoria e depois vamos conhecendo as dificuldades na prática da sala de aula.

6 -Quantos anos de magistério

 5 a 10 anos 10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais ? Direito Educacional, Educação Inclusiva e Alfabetização

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

sim  Não

Que temas seriam de grande relevância?

R. O HTPC deixa muito a desejar, é momento voltado para recados e comunicados e pouca capacitação, dificilmente tem alguma coisa de relevância Para a prática em sala de aula.

Temas de relevância seria Alfabetização, avaliação pois os professores não identificam o significado da avaliação e utilização como punição. A indisciplina e família, articulação do Projeto Político Pedagógico.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R.Sim

Não acrescentaram, todo conhecimento é valido, sugestão falar sobre as Síndromes, exemplos práticos, adaptações de conteúdo para o aluno com deficiência , pois os professores tem dificuldade em fazer isso.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

sim

não

Sim é necessário buscar atualização, é valorização profissional

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

- sim  
 não

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

- sim  
 não R. Alguns casos sim, nem todos

Por que motivos? Dependendo do caso não é significativo, algumas vezes os alunos não tira benefícios, pois inclusão é muito mais do que ele estar no ambiente educacional.

- 14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?  
 sim  Não

Porque ? Dificuldades todos temos , o que vai diferenciar é como você lidar com o desafio.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

- sim  não

R. O incentivo é a valorização do profissional, material e atendente de educação quando necessário.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Apoio da família e dos outros alunos para que a inclusão realmente aconteça no ambiente escolar.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

- sim  Não  as vezes  raramente

R. Muito da responsabilidade é delegada a escola e a saúde, não sei se por falta de conhecimento, pois a responsabilidade é da família, como por exemplo fazer rotina, levar nos atendimentos mesmo que os resultados não venha com a rapidez esperada.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. sim, faz toda a diferença pois o trabalho desenvolvido é personalizado e pensado a dificuldade que o aluno apresenta, em cada fase do desenvolvimento infantil, adolescência.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

( x ) sim ( ) não

Quando a família nega a necessidade de tratamentos de psicoterapias e mesmo medicamentosos, fica tudo mais difícil pois a escola não dá conta dessas necessidades, precisa ser uma parceria.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Adaptações de conteúdos, trabalhar a autoestima e autonomia, aceitação da família, acolhimento na unidade escolar e sentimento de pertença.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. sim, Comente: Quando ele não tem autonomia, apoio da rotina de estudos pois temos uma quantidade muito grande de alunos em sala.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. É a sala numerosa, pois prejudica o aluno de inclusão que necessita de uma atenção individualizada e a questão da saúde, pois alguns as famílias não levam nos atendimentos ou o SUS não disponibiliza o atendimento necessário.

## **Entrevista -02**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

- 30 a 40 anos
- 40 a 50 anos
- 50 a 60 anos
- Mais de 60 anos

## 2- Sexo

Feminino  Masculino  Outros

## 3- Professor

Efetivo  Contratado

## 4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

sim  não

R. Estou sempre pesquisando de acordo com a dificuldade apresentada pelo aluno e elaborado material para facilitar a aprendizagem do aluno.

## 6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

## 7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

## 8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais ? Psicomotricidade e Contação de Historias

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

( x ) sim      ( ) Não

Que temas seriam de grande relevância? Mais voltados para prática e de forma continua, são muito superficiais essas capacitações.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Não muita teoria,vários textos e sugestões de leitura

Sugira temas que devem ser abordados.

Atividades práticas e adaptações de conteúdos.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

(x) sim      ( ) não

Todos ficaram mais motivados, é valorização da categoria

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

( x ) sim      ( ) não algumas partes

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. sim, Por que motivos ?Concordo, porém depende do grau da deficiência, dentro de cada escola deveria ter um especialista para dar apoio nas salas de aulas, sobre sugestões e adaptações para o melhor desenvolvimento do aluno.As salas estão com 2 ou 3 alunos de inclusão fora os com dificuldades de aprendizagem, toda sala de inclusão deveria ter o professor de apoio para trabalhar não só a socialização, mais também o pedagógico em parceria com o professor regente, precisa de suporte para que a inclusão aconteça.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. sim, Por que ? As dificuldades são inúmeras, não de aceitação, difícil saber como trabalhar com ele dentro da rotina de salas numerosas, pois são alunos que

necessitam de orientações individualizadas, as adaptações que são necessárias ser realizadas, não podemos deixar nenhuma aluna para trás.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio

R. Pouco apoio, Um apoio muito restrito, a Atendente de Educação, a equipe acrescenta pouco, pois são visitas muito espaçadas da ATP de inclusão, eu mesmo faço as minhas estratégias com erros e acertos.

16-O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

Necessidade de um apoio real dentro da sala, para ajudar na rotina de estudos, motivar o aluno para realizar as atividades ,pensar junto o que fazer para que aprendizagem seja significativa.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

( ) sim ( ) Não (x ) as vezes ( ) raramente

É difícil falar sobre, pois tem famílias que não aceitam a deficiência e quando você trabalha de maneira diferente, a fazer as adaptações eles acham que estão sendo discriminados, não consegue entender que precisamos trabalhar dentro da possibilidade do aluno, um aluno que não consegue ficar sentado, não desenvolveu a escrita e não está alfabetizado, temos que desenvolver as habilidades primarias para futuramente ele avançar.

Também temos famílias participativas, parceiras que busca o melhor para o filho em parceria com a escola.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

(x ) sim ( ) não

Porque ? É uma parceria desse atendimento e a escola, trabalhando as dificuldades apresentadas pelo aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

sim    não

É necessário investir para que futuramente, ele tenha sido estimulado e acompanhado da melhor maneira, pois não é tudo que a educação dá conta.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Acolher, fazer vínculo, escutar a opinião e observar as dificuldades, pedir apoio dos colegas da sala, fazer as adaptações necessárias para que ele consiga fazer as atividades. Aluno PC deixar ele participar no tempo dele, deixar ter autonomia, eles ficam super importantes de fazer e ser igual aos outros alunos da turma. Tudo isso é muito trabalhoso e leva tempo para pequenas conquistas.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

sim    não

Comente: Precisamos de uma professora volto a insistir e não só atendente para higiene, alimentação e locomoção.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão ?

R. São as famílias, pois geralmente é a escola que percebe a deficiência e pede ajuda para família, dessa maneira já se perdeu muito tempo de estimulação precoce, a saúde também com suas consultadas de 5 minutos não percebem nada e a família tem um período de negação e luto. Quando faz o laudo e não que levar nos atendimentos pois desejam resultados imediatos ou ficam cansados com os vários atendimentos que a criança necessita fazer, temos um conflito.

### **Entrevista -03**

1-Faixa etária

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 a 50 anos



50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2-Sexo

Feminino  ( x )

Masculino  ( )

Outros  ( )

3-Professor

Efetivo  ( x )

Contratado  ( )

4-Formação Acadêmica

Pedagogia  ( x )

Outros  ( ) Quais ? Matemática

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

sim  ( x ) não

6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

( x ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

( x ) sim  ( ) não raramente  ( )

Estou sempre buscando atualização, congressos e apoio para minha prática

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim  Não ( )

Quais? Deficiência Intelectual e Psicopedagogia

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

( x ) sim  ( ) Não

Que temas seriam de grande relevância ? Como trabalhar as deficiências e as síndromes.

10- Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula ? sim

Sugira temas que devem ser abordados. Deficiência Visual e Paralisia cerebral

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

( x ) sim ( ) não

É valorização e ganho financeiro, o que proporciona a busca pelo mestrado e doutorado

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

( x ) sim ( ) não

Já estudei essa lei para concurso, ela assegura e promove o direito de igualdade e inclusão para a pessoa com deficiência.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

( x ) sim ( ) não

Por que motivos ? No início era muito presente aquela fala o que esses alunos estão fazendo aqui, agora já percebi o sucesso e o avanço na socialização e mesmo na aprendizagem e autonomia, pois eles têm uma referência e vão avançando no tempo deles.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

( x ) sim ( ) Não

Porque ? A maior dificuldade são com os alunos PC por conta da dificuldade motora , é difícil fazer as adaptações e ter um retorno em uma sala numerosa.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

( x ) sim ( ) não

Tenho visitas da ATP de inclusão que auxilia e tira as dúvidas, material pedagógico

16-O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Fazer as adaptações e um professor de apoio.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Sim, a grande maioria colabora e pede orientação para ajudar no desenvolvimento do seu filho.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, Porque ? Vai trabalhar as dificuldades dos alunos de forma individualizado e no máximo agrupamento produtivo, feito por dois alunos, onde um ajuda o outro, ele vai ajudar o desenvolvimento integral do aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, são fundamentais para o sucesso integral desse aluno, pois só a educação não dá conta de todas as dificuldades apresentadas por elas.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Eu acredito que a de maior sucesso é quando trabalho em conjunto com a família, eu preparo a estratégia e a família reforça em casa, fazendo significado pratico para o aluno.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

( x ) sim ( ) não

Comente: Sim, para os alunos que não tem autonomia e para dar apoio pedagógico para o mesmo , com supervisão do professor.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão ?

R. Minha maior dificuldade são com os alunos com paralisia cerebral e dificuldades motoras graves, pois muitas atividades planejadas não é possível ser aplicada.

#### 4- Entrevista

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

5- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

6- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

7- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

( ) sim ( x ) não

6 -Quantos anos de atuação no magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais? Pós em Educação Infantil

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

sim  Não

R- As vezes, nem sempre contempla pois muitas vezes é discussão de casos individuais da escola e nem sempre o tempo é suficiente para discutirmos as soluções propostas e outras possibilidades de sucesso.

Que temas seriam de grande relevância? Orientações sobre a legislação e regimento escolar e a aplicabilidade desses conhecimentos na rotina escolar, principalmente quando temos alunos de inclusão e educadores resistentes em aceitar e praticar a inclusão na sala de aula.

10- Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

Quando o tema é inclusão sempre acrescenta informações para facilitar a minha pratica em sala de aula, algumas vezes é esclarecedor na solução de problemas da rotina escolar quanto ao comportamento dos alunos com deficiências pouco comuns.

Sugira temas que devem ser abordados.

R. Surdocegueira, Surdo e Autista, Síndrome de Charge e Lei Brasileira de Inclusão.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

( x ) sim ( ) não

Além do meu desejo pessoal, quando há um reconhecimento profissional, sempre fico mais motivada.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

( x ) sim ( ) não

Ela garante e assegura as condições de igualdade para as pessoas com deficiência.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, mesmo sabendo que há casos em que os alunos não conseguem adquirir conhecimentos referentes ao seu ano/serie, porém o convívio social com seus pares, a rotina escolar é super importante para a vida dessas pessoas com deficiência, para desenvolver o sentimento de pertença no ambiente escolar e ser social.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, porem procuro aprofundar na pesquisa quando tenho alunos com deficiências pouco conhecidas para poder ter uma boa relação e compreender como ele vai conseguir adquirir os conhecimentos e poder adaptar as aulas para que ele tenha um melhor aproveitamento dos seus estudos.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. No período da manhã como Interlocutora de Libras na Escola Polo de Deficiência Auditiva realizo e a tarde realizo atendimento pedagógico domiciliar

Posso contar com apoio das ATPs de Inclusão das unidades, que sempre esclarecem minhas duvidas, além de serem muito dedicadas aos alunos.

A equipe técnica está sempre disposta a auxiliar quando necessito de materiais para facilitar a aprendizagem dos alunos durante as aulas e apoio da Seduc.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Cursos e capacitações são formas de sensibilizar o educador para acolher os alunos de inclusão.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Um dos maiores desafios da escola é trazer a família dos alunos de inclusão para participarem da vida escolar dessas crianças e aceita-los como são.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, é muito importante para o desenvolvimento durante o atendimento, pois o atendimento é individualizado ou pequeno grupo, auxiliando na sua dificuldade e essa dedicação exclusiva faz toda a diferença.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, a casos que os acompanhamentos de saúde são necessários e indispensáveis para o aluno.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. As práticas de comunicação alternativa, a Língua de Sinais, o uso de material concreto e imagens.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. sim, pois tem casos que os alunos não tem autonomia para suprir suas necessidades básicas ou manter o auto controle, o plano como suporte para o educando se adequar as rotinas escolares.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Certamente é a falta de conhecimento, medo de errar ao lidar com o desconhecido, quando o assunto é o aluno de inclusão, sempre a duvida de que meios utilizar com o aluno, dentro das suas condições.

### 5- Entrevista

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino (x)

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo (x)

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos (x) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia (x)

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 - Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

( ) sim (x) não

R. Cada aluno que chega tenho novas duvidas

6 - Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos



10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais? Gestão Escolar

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

sim  Não

Que temas seriam de grande relevância ?

R. de educação inclusiva, pois são muitas duvidas na pratica em sala de aula, pois, são momentos de trocas de informações e ideias.

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. sim, porem deveriam ser mais acessíveis com vídeos e textos que não sejam tão longos. Sugira temas que devem ser abordados.R. Qualidade de vida para o profissional de educação.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. não, as atualizações são de acordo com as necessidades do cotidiano.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Não, já escutei falar mas não tenho domínio.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, porém depende da inclusão, pois existem casos que são impossíveis de se manter em uma sala de aula.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Até hoje não, pois os alunos que trabalhei eram bem tranquilos e com boa interação pedagógica e social.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, com as parcerias das coordenadoras que prontamente auxiliam quando solicitado auxílio com as atividades, manejo e adaptações.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Mais parceria principalmente com os pais e responsáveis, que muitas vezes ao invés de nos auxiliar dificultam nosso trabalho.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Temos dois tipos de famílias, as participativas e outros casos de omissão, não aceitam a deficiência do filho.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. sim, um trabalho desenvolvido com mais qualidade pois é trabalhado individual e as dificuldades do aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. sim, porém as famílias esperam resultados rápidos ou a cura.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Acolhimento e vínculo afetivo.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, principalmente para o aluno que não tem autonomia.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. As dificuldades geralmente não são com os alunos e sim com a família que espera resultados que eles não tem condições de retribuir.

### 6-Entrevista

1-Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( x ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( x ) acima de 15 anos

23 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( x )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

( x ) sim ( ) não

6 -Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais ? Educação especial

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

sim  Não

Que temas seriam de grande relevância? A BNCC na pratica

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Nem sempre, as vezes aborda temas do ensino fundamental II e nada tem a ver com a nossa vivencia.

Sugira temas que devem ser abordados. Temas atuais como a importância dos pais e a família na educação.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

sim  não

A motivação vem das dificuldades que encontramos no dia a dia

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. sim, Cai em todos os concursos, então fui ler a lei

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular? Plenamente, desde que não tenha atraso significativo, os casos mais graves, os dependentes deveriam estar nas escola de Educação Especial, seria melhor o aproveitamento para eles.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, já faz anos que trabalho com alunos com alunos de inclusão e sempre procuro a melhor estratégias para trabalhar e ter sucesso.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? R. sim tenho, todas as vezes que preciso de ajuda com material, adaptações e sugestões posso contar com a equipe.

Que tipo de apoio? Tenho uma atendente de educação, pois meu aluno é dependente e não tem autonomia,

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material concreto, material adaptado e atividades diferenciadas.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

Sim, tenho uma família extremamente participativa e questionadora sobre tudo o que o filho faz e pode progredir.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, muito pois trabalha individualizado as necessidades e dificuldades do aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim é fundamental as terapias para reabilitação e progresso do ano, é preciso que seja ações conjuntas.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. a socialização, o acolhimento e trabalho individual com o aluno, estratégias de acordo com as necessidades do mesmo.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Não sou de acordo para todos os alunos, pois causam dependência e muitos tem potencial para se desenvolver, plano de ação só para alunos muito comprometidos.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Desenvolver trabalhos com alunos com paralisia cerebral, não verbal e sem expressão facial, como saber se estamos no caminho certo. Não tinha comunicação com esse aluno, só através do olhar.

## 7- Entrevista

1-Qual sua Faixa etária

( )20 a 30 anos

( )30 a 40 anos

( )40 a 50 anos

( x )50 a 60 anos

( )Mais de 60 anos

8- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

9- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( x )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( x ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

10- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? Letras

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

sim  não

6 -Quantos anos de atuação no magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

Estou sempre em busca de atualização para diminuir as dificuldades dentro da sala de aula.

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais ? Letramento Alfabetização e AEE

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

sim  Não

Que temas seriam de grande relevância ? R. Práticas pedagógicas e tecnologia na educação.

10- Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

Sim, sempre surgem duvidas no dia a dia com os alunos de inclusão. Sugira temas que devem ser abordados. Competências sócioemocional, ensino da matemática.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Não, Sempre busquei estar atualizada, todas as profissões pedem isso, principalmente a educação.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, Só o básico por ser matéria de concurso

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim concordo, porem com um professor auxiliar para dar suporte e trabalhar o pedagógico.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. As vezes sim, principalmente com aluno que não é verbal.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Sim tenho, todo material que solicito é providenciado

Que tipo de apoio? Material concreto, sugestões de atividades e planejamento de estratégias.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R.Acredito que um professor com formação de atendimento educacional especializado.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Temos os dois casos pais participativos e também ausentes.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Essencial, esse atendimento vem para trabalhar as dificuldades de aprendizagem no individual



19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, é necessário que seja um conjunto de atendimentos, saúde, família e escola.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Tecnologia e material concreto.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. sim, para os que não tem autonomia e precisam ser direcionados.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. o aluno que não é verbal.

## **8-Entrevista**

1-Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

(x) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

(x) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia (x)

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 - Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

( ) sim ( x ) não

O cotidiano o quanto é necessário buscar a atualização, sempre

6 - Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

( x ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

( x ) sim ( ) não raramente ( )

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais ? Artes e Expressão Corporal

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

( x ) sim ( ) Não

Que temas seriam de grande relevância? Tecnologia e Meio ambiente

10- Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? Sim, lembrando e atualizando com temas contemporâneos.

Sugira temas que devem ser abordados. Artes, teatro

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

( ) sim ( x ) não

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

( x ) sim      ( ) não

R. Essa lei cai nos concursos.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R.

Sim, porem tenho uma restrição com os alunos com deficiência auditiva e estão fora do Polo de DA, não consigo entender como a família é contra a Libras e como esse aluno vai se comunicar.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

Não tenho, porem cada aluno de inclusão é um desafio com esse grande números de alunos em sala e as metas que temos que levar todos os alunos da sala.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão?

R. sim , temos a ATP de inclusão que apoia o professor e o plano de ação para os alunos mais comprometidos Que tipo de apoio? Material concreto, materiais adaptados.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Um professor auxiliar eu acredito que ajudaria muito, para trabalhar o pedagógico. Acolher, fazer vinculo para traçar uma estratégia.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. A maioria das experiências que eu tive foi negativa, pois os pais não aceitam a deficiência dos filhos e muitas vezes não participam da vida escolar dos filhos, não frequentam as reuniões de pais e negação das dificuldades.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno

R. Sim, todos os pais deveriam levar neste atendimento, para auxiliar as dificuldades pelo trabalho mais individualizado.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, são muito importantes, é preciso ter essas parcerias pois só a educação, ela não dá conta de muitas situações apresentadas pelos alunos.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Trabalhar artes, material concreto, lúdico e jogos interativos

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, muito quando o aluno não tem autonomia para se higienizar, locomover, tem casos que é necessário.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Casos de agressividade, autoagressividade, comportamento inadequado e sexualidade.

## **9-Entrevista**

1-Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( x ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

5- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

6- Professor

Efetivo ( x ) Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( x ) acima de 15 anos

7- Formação Acadêmica

Magistério ( x )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

( ) sim ( x ) não

A minha formação inicial não abordou com profundidade, muita teoria e apresentação de patologias e deficiências, muita diferença da prática.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( x ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, continuamente, sempre em busca de eliminar as dificuldades apresentadas pelos alunos em sala.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais ? Docência do Ensino Superior e Políticas Públicas

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

( ) sim      ( x ) Não

R. Geralmente os encontros são para tratar de questões da rotina ou administrativas escolar. Que temas seriam de grande relevância? Autismo/ABA, Historia Municipal, BNCC, Protocolo UB-MAPP, Comunicação Alternativa e Material Concreto.

10- Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. São relevantes, amplio a reflexão com temas com leituras e vídeos adicionais, estou fazendo uma pasta com esse material.

Sugira temas que devem ser abordados.

R. Estamos a procura de mais sugestões praticas,

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Considero importante, não determinante pois faria cursos de atualização para facilitar meu trabalho em sala de aula.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim , estudei para entrar no concurso.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Concordo parcialmente, entendo que deveria haver uma avaliação mais criteriosa, definindo os alunos que se beneficiariam da educação especial ou inclusão.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, geralmente é um desafio que tenho que buscar mais suporte educacional e fazer adaptações de acordo com a necessidade de cada aluno.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Apoio parcial em razão das demandas da equipe, com várias escolas e muitos alunos para acompanhar.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Visitas (supervisão) periódica e continua com observação e sugestões de atuação e correção da rotina.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Sim, as famílias dos alunos que trabalhei sim foram muito participativos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, a intervenção precoce aproveitando a poda neural, é significativa quanto mais cedo melhor os resultados.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Atualmente não, pois se o alunos tiver deficiência intelectual esses atendimentos não mudam os resultados obtidos.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. As atividades integrativas, materiais concretos, tecnologias e acolhimento.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Indispensável, porem também precisam de capacitação continua.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Definir qual as ações necessárias e estratégias a ser utilizadas com os alunos de inclusão, já que minha formação inicial não contemplou, preciso fazer muita pesquisa.

## **10-Entrevista**

1-Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 - Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, só teoria não é suficiente para atuação com a complexidade que é trabalhar com os alunos de inclusão.

6 - Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( x ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada



R. Sim , estou sempre em busca de capacitação e respostas para superar os desafios do cotidiano em sala de aula.

8- Fez Pós-Graduação

(  ) sim      Não (  )

Quais ? Alfabetização e letramento , Direito Educacional e Orientação.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. sim , são momentos de trocas de informações e ideias

Que temas seriam de grande relevância?

R: Educação inclusiva, Competências sócio emocionais, material estruturado.

11- Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? R. sim , porém deveria ser mais voltados para a prática e textos que não sejam tão longos.

Sugira temas que devem ser abordados.

R. Qualidade de vida para profissionais de educação, atividades laboral.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, fez nenhuma diferença.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. não, tenho propriedade para falar sobre o assunto.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, porem existe casos que são impossíveis de manter em sala de ensino regular.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Até hoje não, pois os alunos que trabalhei até o momento eram tranquilos, e consegui levar com resultados positivos.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, sempre com auxílio da equipe gestora que prontamente ajuda quando solicitado.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Mais parceria da família que é fundamental, que muitas vezes não nos auxiliam dificultando o trabalho com aluno.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Temos os dois extremos famílias participativas e famílias omissas, as vezes os dois caso na mesma turma, pois tenho três alunos de inclusão na sala.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, pois é trabalhado as dificuldades do aluno de forma individualizada.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, quando a família é participativa e leva em todos os acompanhamentos necessários.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. acolhimento, afetividade e rotina estruturada

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, parceria de grande importância para o desenvolvimento e sucesso do aluno.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A maior dificuldade é com a família que é muito permissiva e não acredita no potencial do aluno.

### 11-Entrevista

1-Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( x ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( x ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, estou sempre pesquisando, lendo artigos científicos.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( x ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, cursos acima de 80 h ou 120h para também utilizar no plano de carreira.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais ? Supervisão e Educação Inclusiva

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. As vezes, pois também é utilizado para recados

Que temas seriam de grande relevância? Como trabalhar com alunos com paralisia cerebral e hiperatividade.

10- Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. As vezes, pois é muita teoria e estamos precisando da prática.

Sugira temas que devem ser abordados.

R. Transtorno opositor, dislexia, disgrafia.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, porem as dificuldades encontradas na sala também nos motiva a estudar.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, tive contato com a lei na pós graduação.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, pois todos ganham com essa convivência, não tenho duvidas disso.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. No início fico apreensiva por não conhecer o aluno, conforme o tempo passa, vou pesquisando, lendo artigos e fazendo adaptações e no final dá tudo certo.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Quando tenho dúvidas peço ajuda da ATP de inclusão, para preparo de material adaptado, rotinas visuais e material concreto.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Jogos de alfabetização e tecnologia acredito que ajudam muito.

17- As familiares dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim, tive muita sorte, as famílias são participativas e interessadas.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, acredito que essa parceria faz a diferença no desenvolvimento do aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, acredito porém a família muitas vezes fica desestimulada pois os resultados demoram.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão. R. Jogos sensoriais, material concreto e material adaptado.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois são muitos alunos na sala e alguns não tem autonomia.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. No início, até fazer vínculo com o aluno e descobrir o que gostam e como vou fazer a aproximação.

## 12- Entrevista

1- Qual sua faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( x ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( x ) Quais ? Comunicação Social – Relações Públicas

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

( ) sim ( x ) não

6 -Quantos anos de magistério

( x ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

( x ) sim ( ) não raramente ( )

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais ? Alfabetização e Letramento

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. sim, Que temas seriam de grande relevância? Práticas de alfabetização com alunos de Inclusão.

10- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

( x ) sim ( ) não

11- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, estudei para os últimos concursos que prestei.

12-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, Por que motivos ? Sim, mas considero inadequado em alguns casos onde a criança não tem condições de ficar confortável em uma sala de aula. Infelizmente existem casos muito complexos que deveriam ser revistos, pois acabam gerando um stress desnecessário para a criança. Nos demais casos, noto que os alunos desenvolvem sua identidade e autonomia e adquirem confiança, tornando-se cada vez mais independentes ao conviverem com crianças não inclusas.

13- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, Porque? Não posso dizer que tenho dificuldade, pois no momento conto com Plano de ação, mas não posso dizer que é fácil, pois não é. Com 22 crianças de 5 e 6 anos, que disputam a atenção da professora o tempo todo e mais as crianças que precisam de uma atenção diferenciada, fica complicado atender todas as suas peculiaridades. No meu caso tenho 4 alunos com laudos médicos e 2 que ainda estão em estudo. Cada um desses 6 alunos, apresentam dificuldades e

necessidades diferenciadas e preciso trabalhar da melhor forma para cada um deles, um atendimento individualizado que ocorre coletivamente, ou seja, com os demais que não apresentam nenhum tipo de diagnóstico. Equilibrar a atenção e o nível de aprendizado para todas as crianças é o que dificulta o trabalho, pois criança não entende as diferenças e todas elas querem atenção.

14-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

Tenho liberdade para trabalhar com eles de acordo suas especificidades, o que considero muito importante. Cada professor tem sua bagagem e experiência que adquiriu ao longo de sua carreira e é importante ter autonomia para trabalhar da forma que se acha necessária de acordo com as necessidades da classe.

( x ) sim ( ) não

O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

Apoio das famílias. Muitos pais não dão a devida importância para o trabalho da escola para com seus filhos, assim como não valorizam as produções de suas crianças. Eu já passei por situações onde os pais não queriam assistir apresentações dos filhos, porque achavam equivocadamente, que eles não faziam nada, quando na verdade as crianças se empenharam e esperavam que suas famílias viessem contemplar todo o esforço dedicado a um determinado projeto/apresentação.

15- As familiares dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Raramente tem interesse ou perguntam alguma coisa sobre o que o aluno está fazendo em sala e seus progressos.

16- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

( x ) sim ( ) não

Porque? Desde que conheci o AEE em Praia Grande, observei a diferença que ele faz no processo de aprendizagem dos alunos inclusos, pois na sala de aula, a professora está com todos da classe e divide sua atenção entre todos os alunos, já no AEE, a professora dispõe de uma hora com apenas um aluno, podendo dar mais



atenção e colaborando com a concentração do aluno incluso, levando-o a aprender cada vez mais de acordo com suas limitações e potencialidades.

17- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

( x ) sim ( ) não

18- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. A primeira de todas é conhecer o aluno, quem é ele, do que gosta, saber como chegar nele e criar vínculo afetivo, na minha opinião é a mais importante. Em seguida, após o aluno criar um laço afetivo e de confiança com a professora, entender como o aluno aprende e quais ferramentas o fazem aprender mais rapidamente. Cito como exemplo um aluno meu que tem TEA, fala pouco e tem um histórico de ter sido agressivo no ano passado. A primeira pergunta que fiz ao pai foi, do que ele mais gostava e sua resposta foi: dinossauros. E foi assim que iniciei a minha aproximação, trouxe materiais e jogos na lousa digital que tinham dinossauros e ao ver a sua expressão receptiva e de felicidade, fui me aproximando até ele se sentir confortável ao meu lado e entender que eu estava ali para ajuda-lo a aprender.

19-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. sim, Comente: Importante não, indispensável. É impossível o professor realizar um trabalho de qualidade numa sala de aula que as vezes chega a 30 alunos, com alunos inclusos e sem um plano de ação. Contudo, reafirmo, não é importante, é indispensável.

20- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão ?

R. A parceria com as famílias. Quando isso ocorre, os alunos crescem, progredem de uma maneira incrível, mas quando não acontece, fica difícil trabalhar determinado assunto em sala e não ter o respaldo da família nas atividades de casa.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois todo aluno de inclusão necessita de orientações individualizadas e todos os laudos deveriam ter um apoio.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. No momento fazer que aluna consiga assimilar e entender o que explicado, pois uma hora depois ela já esqueceu tudo que aprendeu, quando consegue é minha realização.

### 13- Entrevista

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( x ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( x ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 - Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, tenho muitas dúvidas e cada aluno com uma deficiência diferente, é necessário novos estudos.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( x ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada ?

R. Sim, faço muitos cursos a distância, pois consigo estar atualizada e buscar novas estratégias.

8- Fez Pós-Graduação

( X ) sim Não ( )

Quais? Alfabetização e Letramento.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, só que as vezes acaba sendo um tempo mal aproveitado, só passando recado e problemas do cotidiano, deveria ser mais dinâmico e muitas trocas de experiências

Que temas seriam de grande relevância? Metodologias ativas, Competências sócio emocionais e jogos para educação.

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Sim acho significativo, porem gostaria que fosse mais pratico e ter contato com os professores do AEE.

Sugira temas que devem ser abordados R. praticas para alunos com TEA, Analise Aplicada do Comportamento( ABA).

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. sim, só não fiz educação especial por ter muita teoria e não dar respostas para as dificuldades na praticas.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. sim , já li porem não tenho domínio para discutir a lei.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular? R. Sim, desde que esse aluno não seja agressivo e coloque os outros alunos em risco, já sofri tentando controlar um aluno que se auto agredia e os amigos também.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. As vezes fico desmotivada, pois preparo a aula e percebo que o aluno não se interessa e não consegue fazer ou não demonstra interesse.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, sempre tive material didático, apoio com atendente e conversas com a família.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Uma atendente de educação para direcionar e apoiar o alunos de inclusão nas suas atividades.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos? Temos todos os tipos de famílias, algumas participativas e outras que não demonstram interesse ou não acreditam no potencial do aluno.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim e muito, seria ótimo ter a troca de experiência entre as professoras da sala de aula e atendimento educacional especializado.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, faz toda a diferença pois muitas vezes o comportamento inadequado e agressividade acabam prejudicando aprendizagem e só a saúde para auxiliar.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R . Brincadeiras, material concreto, musicas depende do interesse de cada aluno.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois todo aluno de inclusão necessita de orientações individualizadas e todos os laudos deveriam ter um apoio.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. No momento fazer que aluna consiga assimilar e entender o que explicado, pois uma hora depois ela já esqueceu tudo que aprendeu, quando consegue é minha realização.

#### **14- Entrevista**

1-Qual sua Faixa etária

( )20 a 30 anos

( x )30 a 40 anos

( )40 a 50 anos

( )50 a 60 anos

( )Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

1 a 5 anos  5 a 10 anos  10 a 15 anos  15 a 20 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério

Pedagogia

Outros  Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

sim  não

6 -Quantos anos de atuação no magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, hoje faço muitos cursos a distancia e congressos.

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais ? Contação de História

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

sim  Não

Que temas seriam de grande relevância ? R. THD como trabalhar, autismo e adaptação do material.

10-Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? R. Sim , alguns temas abordados não era do meu conhecimento.

Sugira temas que devem ser abordados. R. Dislexia, TOD, hiperatividade

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, pois retorno financeiro também é importante

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, já estudei porem não tenho propriedade para discutir

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim com uma ressalva se o nível ou transtorno for leve e ele consiga aprender.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Até o momento não, faço pesquisas e cursos para atender suas necessidades pedagógicas.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, eles não se opõe as praticas que realizo com os alunos, desde que ocorra a inclusão escolar.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Primeiramente necessito conhecer e estabelecer laços e afinidades a partir dai realizo estudos e pesquisas de materiais e métodos que melhor atende este meu aluno e começo o caminho pedagógico devagar , passo a passo. Estabeleço também com a turma um combinado de ter um só com o aluno de inclusão, enquanto os demais estão realizando outras atividades.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Algumas sim, a participação da família é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, iniciando o quanto antes na vida da criança podemos amenizar muitos comportamentos inadequados.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, afinal alguns alunos medicados conseguem melhorar a concentração e a ansiedade, reduzindo a agressividade e possibilitando participar de toda aula.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. não ter preconceito, fazer pesquisa, ser comprometido com o aluno e a educação, realizar adaptações para facilitar o entendimento do conteúdo.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim , todo deficiente deveriam ter apoio para facilitar a suas dificuldades.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Vencer o pré – conceito de muitos profissionais, de pensar que o aluno não aprende e não permitir conhecer e participar do crescimento do mesmo.

### **Entrevista 15**

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( x ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos



- 50 a 60 anos  
 Mais de 60 anos

8- Sexo  
 Feminino  Masculino

9- Professor  
 Efetivo  Contratado   
 Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande  
 1 a 5 anos  5 a 10 anos  10 a 15 anos  acima de 15 anos

10- Formação Acadêmica  
 Magistério   
 Pedagogia   
 Outros  Quais ? \_\_\_\_\_

5 - Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, tenho muitas duvidas sobre como atuar com os alunos com deficiência, a cada novo laudo, novas duvidas.

6 -Quantos anos de atuação no magistério  
 5 a 10 anos  
 10 a 15 anos  
 15 a 20 anos  
 acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada  
 R. Sim, estou sempre em busca de novos conhecimentos.

8- Fez Pós-Graduação  
 R. Sim Quais ? Gestão Escolar, Ética, valores e cidadania, Atendimento Educacional Especializado

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, acrescentam nada na pratica.

Que temas seriam de grande relevância? legislação, pois precisamos estar atualizados

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? R. Não são, pois muita teoria e nada de como atuar no dia a dia com esse aluno.

Sugira temas que devem ser abordados. R. praticas voltadas para os alunos de inclusão, em diferentes laudos.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, reconhecimentos financeiro também faz parte.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Não tenho domínio sobre o que detalha esta lei.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. depende do caso, algumas vezes não é possível em uma sala com 35 alunos, dar atenção para alunos de inclusão que não tenha autonomia.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, muitos alunos na sala e falta de um professor de apoio na sala.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. As vezes, orientação verbal e alguns materiais de apoio

16-O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Um professor auxiliar.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim, geralmente são participativas, fazem perguntas sobre o aluno e colaboram quando solicitado.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, é o atendimento individualizado, para trabalhar as dificuldades do alunos de forma lúdica e sem pressão.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, pois muitas dificuldades o trabalho pedagógico não dá conta, é necessário atuação do trabalho de saúde.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Coloca-los mais perto do professor para as orientações individualizadas, elaboração de atividades diferenciadas.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois será estimulado a fazer as atividades, sem dispersar do foco das atividades propostas.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A falta de um profissional que possa assessorar o aluno, ou professor auxiliar para apoio pedagógico.

## **16- Entrevista**

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

- 30 a 40 anos
- 40 a 50 anos
- 50 a 60 anos
- Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  Masculino

3- Professor

Efetivo  Contratado

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

1 a 5 anos  5 a 10 anos  10 a 15 anos  acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério

Pedagogia

Outros  Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

sim  não

6 -Quantos anos de atuação no magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, e congressos também, estou sempre buscando atualização.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim ,Quais ? Psicopedagogia clinica e institucional.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, Que temas seriam de grande relevância ? autismo, síndromes, educação inclusiva práticas de sucesso, deficiência auditiva.

10-Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? R. sim, porém gostaria que fosse mais a parte prática. Sugira temas que devem ser abordados. Braille , Libras, metodologias ativas, espaço maker.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, é um incentivo para estarmos sempre estudando por causa da progressão horizontal.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, parcialmente não estudei aprofundadamente.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Concordo, através da socialização é possível a percepção e o aprendizado do aluno de inclusão

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, por falta de recursos para sala de aula, materiais adaptados.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim tenho, com apoio de orientações individualizadas e sugestões de atividades para trabalhar com o aluno de inclusão.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material de Apoio e Apoio Familiar

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. A maioria não aceita a deficiência do filho e assim não participam efetivamente auxiliando os filhos em suas dificuldades.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, reforça todo o trabalho desenvolvido em sala de aula.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, o aluno quando frequenta terapias e toma medicações tem avanços significativos no desempenho do aluno.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão. R. Rotina com imagens, atividades na lousa digital e tablet que auxiliam muito.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Muito importante, nos auxiliam na higiene e alimentação, ajudam a realizar as rotinas diárias criando vínculo do aluno com a sala de aula e os amigos.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A aceitação dos pais em relação a deficiência, a negação das dificuldades apresentadas pelo mesmo.

### **17- Entrevista**

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( x ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  Masculino

3- Professor

Efetivo  Contratado

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

1 a 5 anos  5 a 10 anos  10 a 15 anos  acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério

Pedagogia

Outros  Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, tenho muitas duvidas para cada novo aluno que chega, levo um tempos para conhecer e pensar como vou trabalhar e se consigo ter sucesso.

6 - Quantos anos de atuação no magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre para ajudar a pontuação do outro município e encontrar novas estratégias para os desafios em sala de aula.

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais ? Contadores de Historia e Mediadores de leitura

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, quando ocorre capacitação pois muitas vezes são só recados e informes sobre problemas da unidade de trabalho.

Que temas seriam de grande relevância? Inovações trazidas com a BNCC, praticas em sala de aula.

10-Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? R. sim, aprendizagem é sempre relevante

Sugira temas que devem ser abordados. – Como incluir alunos com deficiência intelectual, hiperatividade e quais estratégias.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, além do plano temos as dificuldades diárias de como trabalhar com os alunos de inclusão e com dificuldades de aprendizagem, o que nos leva a buscar capacitação.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, estudou na pós graduação e para o concurso.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim concordo, porém deveria haver um maior incentivo para os professores se capacitarem para receber esse aluno.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. sim, pois tenho que deter mais conhecimento para saber lidar e atender esses alunos.



15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, temos uma atp especialista que nos orienta como lidar com os alunos de inclusão e que estratégias utilizar.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Capacitação através de cursos e materiais concreto e adaptados para trabalhar com os alunos.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ? R. sim a maioria das famílias são, porem já tive famílias omissas.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, é um complemento do trabalho realizado em sala de aula.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, precisamos de parcerias para conseguir sucesso com esse alunos, saúde, terapias e medicações.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Jogos pedagógicos, materiais diferenciados, amor e atenção.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, e em alguns casos é indispensável quando o aluno não tem autonomia.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Dar uma atenção individualizada em uma sala numerosa e conseguir chegar nas metas exigidas pela rede municipal.

## **18- Entrevista**

1-Qual sua Faixa etária

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 a 50 anos

50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino

Masculino

3- Professor

Efetivo

Contratado

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

1 a 5 anos  5 a 10 anos  10 a 15 anos  acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério

Pedagogia

Outros  Quais ? Historia

5- Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, busquei formação em nível de pós graduação para melhor compreender o processo e fundamentar a minha prática.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, em diferentes áreas de conhecimentos como letramento, inclusão e habilidades socioemocionais.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais? Especialização Educação Especial, Psicopedagogia e Mestrado acadêmico em Educação Escolar.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, muitas vezes são apenas avisos e discussão de problemas que acontecem na unidade escolar.

Que temas seriam de grande relevância ? Temas relacionados a praticas transformadoras da cultura escolar, que está tão arraigadas em preconceitos.

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Os temas foram mais informativos que reflexivos, não tendo grande relevância sobre a prática educacional.

Sugira temas que devem ser abordados.R. Diferentes linguagens, sexualidade, Suicídio, Bullin

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Não, a minha formação precede a minha atuação em função do plano de carreira

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, estudei para fazer concurso.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. sim, a verdadeira inclusão por esse caminho e essa convivência é um ganho real para todos.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. As dificuldades existem, porém superá-las é um grande prazer, a educação é feita de desafios.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, a equipe gestora tem uma escuta qualificada e se propõe a auxiliar com a execução de materiais planejados e adaptados para os alunos de inclusão.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Recursos para executar materiais adaptados para os alunos.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Sim, a maioria das famílias são participativa, porém não sabem como ajudar os filhos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, é fundamental esses atendimentos para suporte educacional

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, tanto positiva quanto negativamente dependendo da situação, as famílias dos alunos absorvem uma visão limitante da deficiência, que tem origem em atendimentos da área da saúde não humanizados.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão?

R. Tratar o aluno como sujeito do processo de aprendizagem, garantindo um olhar diferenciado durante todo esse processo é uma premissa de sucesso. O aluno

de inclusão como qualquer outro, possui desejos, interesses e recusas que devem ser observadas.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, todo planejamento é de fundamental importância, o plano de ação deve ser visto com responsabilidade.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A dificuldade maior não é com o aluno em si, mas com a falta de uma comunicação eficiente com os demais educadores envolvidos em sua aprendizagem.

### 19- Entrevista

1-Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( x ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( x ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( x )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5- Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, minha formação foi muito importante porém não o suficiente, a pratica fez toda a diferença neste processo inclusivo.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

( x ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, o professor precisa estar sempre atualizado

8- Fez Pós-Graduação

R.Sim, Qual ? Educação especial

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, muitas vezes é só um momento de passar os comunicados que a direção acha ser importantes, isso nada tem a ver com formação.

Que temas seriam de grande relevância?

Temas que possam enriquecer a minha pratica em sala de aula

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? Sim, alguns temas outros achei mal formulados e não contemplam o ensino fundamental.

Sugira temas que devem ser abordados. Dislexia, hiperatividade, adaptações de materiais pedagógicos.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, é um incentivo a buscar conhecimento, sendo a principal maneira de se manter atualizado e apto a ensinar.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim. É uma lei que cai em todos os concursos.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim concordo, desde que seja disponibilizado para o professor todo o suporte necessário para atender de forma eficaz os alunos de inclusão em sala de aula.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, dificuldades sempre irão surgir, mas acredito que é importante ter um olhar positivo e acreditar no potencial do aluno e superar cada desafio.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, a equipe está sempre disposta a auxiliar e orientar quando é necessário e quando solicitado.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material pedagógico diversificado, suporte e orientação e apoio e auxílio dos responsáveis.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Infelizmente não há uma participação efetiva da família na vida escolar dos filhos, pois eles não acreditam que eles tem potencial de aprendizagem.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, o AEE é um suporte necessário para sanar e superar as dificuldades do aluno, intensificando o trabalho realizado em sala de aula.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, influenciam de forma positiva, trazendo grandes benefícios na vida dos alunos.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. A utilização de jogos pedagógicos, material concreto para auxiliar o processo de aprendizagem.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, é importante um olhar atento e que seja solicitado sempre que for necessário.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Na maioria das vezes é a falta de comprometimento dos pais com a inclusão e aceitação com a deficiência do filho.

## **20 – Entrevista**

1- Qual sua Faixa etária

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 a 50 anos

50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( )

Masculino (x )



3- Professor

Efetivo (x) Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5- Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, eu tenho muitas duvidas de como fazer com os alunos de inclusão.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

(x) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim , estou sempre em busca de conhecimento e novas estratégias para usar em sala de aula.

8- Fez Pós-Graduação

(X) sim Não ( )

Quais ? Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, geralmente são importantes, gostei muito das capacitações sobre a BNCC pois precisamos estar atualizados com as mudanças.

Que temas seriam de grande relevância? Práticas pedagógicas e novas estratégias para indisciplina na escola.

10-Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Sim, porem é muito teórico, estamos precisando de estratégias para utilizar em sala de aula.

Sugira temas que devem ser abordados. Material estruturado, tecnologias, comunicação alternativa e competências sócio emocional.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, além do reconhecimento financeiro a atualização, pois o professor não pode parar de estudar.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim , estudei para o concurso e na pós graduação

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, para os alunos que tem condições, para os alunos mais comprometido e sem autonomia, não vejo vantagens em estar no ambiente escolar.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, cada aluno que chega é um desafio e entendo que a educação é um processo continuo e tenho que pesquisar para apresentar estratégias de aprendizagem para o aluno.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, com orientações e materiais de apoio.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Materiais adaptados, tecnologias, professor de apoio.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Depende da família, já tive os dois casos pais participativos e famílias ausentes.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, pois é o momento individualizado para trabalhar as dificuldades apresentadas pelo aluno, trabalhar o cognitivo e emocional e afetivo.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, é necessário os atendimentos conjuntos em saúde, educação e família.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Manter uma rotina de atividades lúdicas, planejamento e avaliação

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, quando o aluno não tem autonomia ele precisa de apoio, pois o professor não consegue cuidar de 30 alunos.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A falta de parceria da família que não aceita a deficiência e nem as atividades diferenciadas.

## **21- Entrevista**

1- Qual sua Faixa etária

(x) 20 a 30 anos

- 30 a 40 anos
- 40 a 50 anos
- 50 a 60 anos
- Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )                      Masculino ( )

3- Professor

Efetivo ( x )                      Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( x ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5- Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, as dúvidas vão chegando junto com o aluno de inclusão, quando não sei o que fazer, vou pesquisar.

6- Quantos anos de atuação no magistério

- 5 a 10 anos
- 10 a 15 anos
- 15 a 20 anos
- acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre que consigo conciliar o tempo e os cursos.

8- Fez Pós-Graduação

( x) sim Não ( )

Quais? Psicopedagogia e Educação Inclusiva

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, só recado ou informes da Seduc

Que temas seriam de grande relevância? Atualização da BNCC e troca de experiências com os nossos pares e praticas de sucesso.

10-Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula? R. sim, sempre tem alguma nova informação pois estamos sempre aprendendo.

Sugira temas que devem ser abordados. Adaptações de Materiais, atividades lúdicas e como agir nos momentos de agressividade.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, gosto de estar em constante atualização e saber que o conhecimento vai agregar no financeiro, sem duvida é motivador.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, algumas partes da lei, não tenho domínio de todos os direitos das pessoas com deficiência.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. sim, creio que seja benéfico para ele e todos os outros alunos conviver com as diferenças, gerando empatia e uma sociedade melhor.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim inicialmente, até descobrir as possibilidades e potencial desse aluno para iniciar um trabalho com resultados.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Geralmente a equipe gestora não se envolve com os alunos de inclusão, deixando essa responsabilidade para ATP de Inclusão, que dá dicas e orientações sobre os materiais para utilizar com esse aluno.

16-O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?  
Material adaptado, apoio da família e um profissional de apoio.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Costumam não ser presente, pois não conseguem enxergar o potencial de aprendizagem, evitam frequentar eventos e reuniões pois a maioria não aceita a deficiência do filho, eles fazem comparação com um filho perfeito.

18-Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, pois é um atendimento específico para a dificuldade que ele apresenta e com um profissional especialista.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Claro não tenho dúvidas, os exercícios com a fonoaudióloga e fisioterapeuta são importantes e só podem ser feitos por profissionais, pois tem coisas que a escola não dá conta e vamos observando os avanços.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Atividades práticas, atividades em grupo e lúdicas, gravar vídeos e depois mostrar para todos os amigos.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois nele traçamos o objetivo para o aluno de inclusão baseado em suas possibilidades, sendo possível observar o seus avanços do aluno.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Sem duvidas mostrar aos pais que é necessário que o filho frequente a escola, tenha rotina de estudos e convencer da importância de levar nos atendimentos de saúde.

## 22- Entrevista

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( X) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( )

Outros ( x ) Quais ? Licenciatura plena em matemática .

5- Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, Por mais formação que tenhamos, é necessário estar sempre buscando aprender, se atualizar diante das legislações e mudanças para atender às necessidades dos educandos.

6 - Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( x ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre procuro fazer um ou dois cursos durante o ano.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim, Quais? Educação matemática na UNISANTA/Santos-SP.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, porém os htpc's são divididos em avisos, opiniões sobre como desenvolver determinado trabalho e não formação.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, os textos sempre adicionam ao nosso conhecimento, trazendo sempre alguma situação que ainda não vivenciamos, ensinando novas maneiras de trabalharmos com a inclusão.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, incentiva o professor a estar sempre buscando atualizar se na sua formação evoluindo verticalmente e horizontalmente.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?



R. Sim, porem não consegui todos os artigos, é uma legislação que cai em todos os concursos.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, é um direito de todos, socializar-se e aprender com os outros a viver em sociedade.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, estou sempre estudando e buscando novas metodologias, conhecimentos para fazer o melhor no meu ofício ajudando no desenvolvimento cognitivo do aluno.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, orientação, material de apoio didático, orientação sobre como lidar com o aluno, informações sobre a família do aluno, etc...

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Materiais concretos, didáticos para facilitar o aprendizado.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, alguns acompanham o conteúdo diário no caderno dos alunos e ajudam quando o filho pede ajuda, penso que eles não acreditam no potencial de aprendizagem dos filhos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. sim, Com certeza, pois a metodologia de trabalho diferenciado abrange: avanço na coordenação motora, socialização e interação com o meio educacional, avanços significativos na aprendizagem.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. sim, plenamente, pois o trabalho que os profissionais de saúde realizam com essas crianças faz parte do avanço significativo do aluno. É preciso respeitar e ter paciência pois os resultados positivos não surgem de um dia para o outro, é um trabalho de formiguinha.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Trabalho individual com a utilização de material concreto além de muita atenção, o olhar nos olhos, incentivando-o a desenvolver as atividades, mostrando que ele pode e é capaz de realizar a atividade como os seus colegas. Avaliação diferenciada de acordo com as habilidades do aluno buscando incentivar o desenvolvimento e novas habilidades.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. sim, para ter um ponto de partida, lembrando que cada aluno é um caso e que por muitas vezes temos que adaptar/fazer algumas mudanças no plano.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Quando eles estão agitados por falta da medicação, fazer com que eles desenvolva as atividades e que as famílias percebam a dificuldade de aluno sem acompanhamento.

### **23- ENTREVISTA**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( X ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )                      Masculino ( )      Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( X )                      Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( X )

Outros ( ) Quais ?

5- Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Sim, Minha formação teve uma habilitação de 1 ano e 6 meses com aulas diárias em Deficiência Mental (como denominado na época) o que me trouxe um respaldo significativo. Contudo, considero que cada aluno me exige um aprofundamento, posto que é necessário o conhecimento das especificidades do indivíduo, bem como de inovações e pesquisas na área de atuação.

6 - Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( X ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, porem busco os cursos gratuitos ou EAD por conta da dupla jornada, o que dificulta muito estudar.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim. Quais? Alfabetização e letramento e Direito Educacional

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância?

R. Ocasionalmente são realizados HTPCs formativos, esses são relevantes. Contudo a maior parte deles são voltados à comunicados. Acredito que estudos de caso embasados em pesquisa com evidências científicas, avaliação e metodologias inovadoras, articulação do PPP são elementos que agregariam bastante em HTPC.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R: Sim, foram relevantes. Acredito que poderiam ocorrer em mais oportunidades.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. sim, retorno financeiro também ajuda, inclusive a financiar a participação em congressos e compra de livros.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, estudei para entrar no concurso.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, Por que motivos?

Acredito no direito de todos à educação e no benefício da inclusão para alunos com deficiência e também para os alunos sem deficiência, que agregam beneficio a sua formação humana.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, Porque ? Acredito que as dificuldades do trabalho docente não são relacionadas somente a inclusão, contudo esse desafio nos impõe a busca por novas práticas, que contemplem as necessidades daquele aluno.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, Suporte pedagógico (orientações), material adequado, interlocução com as famílias e serviços de saúde, plano de ação quando necessário.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Parceria com as famílias, material adequado, discussões de casos específicos.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, acredito que parcialmente. Algumas demonstram maior clareza e comprometimento, outras notoriamente não se envolvem por falta de entendimento ou não aceitação da deficiência, e outras delegam a escola todas as responsabilidades sobre o desenvolvimento dos filhos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. sim, é notória a diferença dos alunos que frequentam o atendimento, visto que o trabalho é individualizado e desenvolve pré-requisitos ao trabalho do ensino regular.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, Com certeza. A negligencia da saúde impacta diretamente nas condições orgânicas do discente ser beneficiado pelo ambiente escolar e se desenvolver adequadamente.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Adequação das atividades ao nível acadêmico do aluno, contextualizando-as na temática da aula, projetos voltados a autoestima e valorização das capacidades individuais.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, Comente: Quando ele não possui autonomia de autocuidado e autorregulação, o plano de ação é essencial para sua permanência.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Número de alunos em sala, ocasionalmente falta de parceria com as famílias.

## 24 - Entrevista

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

5- Sexo

Feminino (x)

Masculino ( )

6- Professor

Efetivo (x)

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos (x) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

7- Formação Acadêmica

Magistério (x)

Pedagogia (x)

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

8- Fez Pós-Graduação

R. sim, Quais ? Psicopedagogia.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, Que temas seriam de grande relevância ? saber um pouco mais sobre as experiências de sucesso no olhar dos professores com alunos de inclusão.

10-Os Temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Sim, porem foram pouco sobre inclusão. Sugira temas que devem ser abordados. Adaptações de atividades para alunos de inclusão, relatos de experiências de sucessos.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, além de estimular a continuidade da atualização, tem aumento na sua remuneração na sua trajetória profissional.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, estudei para entender alguns direitos que os pais reivindicam para os seus filhos, também é legislação de concursos.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, desde seja apoiada pela equipe gestora e tenha um professor auxiliar para estimular e orientar o aluno em tempo integral.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Dependendo do comprometimento dos alunos, surgem dificuldades para elaborar atividades que ele possa realizar.

15-Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. As vezes tenho apoio, com material para trabalhar com os alunos de inclusão, pois a maioria dos alunos não tem atendente de educação, o que dificulta bastante a realização das atividades proposta para o aluno.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Um professor auxiliar para os alunos de inclusão.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Geralmente são participativas e acompanham a vida escolar dos filhos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Com esse atendimento individualizado e realizado por um especialista, é possível trabalhar a dificuldade do aluno e ter maior sucesso.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, principalmente por ter alguns resultados que ultrapassam o pedagógico para ser resolvido, precisa ser um trabalho conjunto.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Olhar nos olhos, dar valor ao que o aluno progride e realiza com autonomia, motivar os estudos, fazer elogios e orientar a socialização.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. sim, para ficar mais claro os objetivos a serem trabalhados.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A falta do professor auxiliar , pois eles precisam de orientações individualizadas o tempo todo ou dispersam e não realizam as atividades propostas.



**25- entrevista**

1- Faixa etária

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 a 50 anos

50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  Masculino  Outros

3- Professor

Efetivo  Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática .

sim  não

Comente: Os conteúdos na licenciatura não contemplam as dificuldades e anseios que encontro na prática de sala de aula. É um currículo que não prepara o indivíduo para a formação que irá exercer. Tendo este que pesquisar e se aperfeiçoar continuamente.

6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim  Não

Quais? Direito Educacional; Alfabetização e Letramento; Educação Especial; Educação Intelectual.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não. Que temas seriam de grande relevância? R. O não é em relação ao que não acontece por vezes como a formação em HTPC. No atual momento que vivemos em sala de aula e na palavra de ordem EMPATIA seria interessante nos HTPCs formação voltada para a pessoa/professor e ser tratados assuntos como: síndrome de bournout, depressão, stress, Cooperação e cidadania, entre outros.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Comente: Alguns. Muitas vezes o conteúdo apresentado é até interessante mas, longo demais dar muitas voltas para chegar a uma conclusão óbvia.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

( ) sim (x) não

Comente: Até hoje tento entender as mudanças recorrentes no plano de carreira.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, assim como todas as leis no papel é bonita e interessante, mas a prática da lei é bem diferente.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Não, o que se vê são alunos com dificuldades extremas motoras, cognitivas e até psíquicas inseridas nas salas regulares tendo o professor que se adaptar e adaptar um ambiente todo ao aluno de inclusão.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. sim, Porque ? Porque além daqueles alunos laudados que demandam tempo, atenção e preparo do professor, tem uma turma toda e dentro dessa turma outros alunos sem laudo que necessitam do mesmo olhar.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, mas, é um apoio como qualquer outro desenvolvido dentro da sala.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Materiais que sejam já prontos, visto que educação especial é uma modalidade da educação e não o professor tendo que confeccionar.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, as famílias num contexto geral são uma incógnita. Tem algumas que nem aceita aquele filho (a).

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, esse atendimento é um fator primordial para o aluno e quem leva a sério esse atendimento tem grandes progressos. Também tem muitos alunos que não conseguem atendimento.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, no caso do aluno de inclusão ele sendo bem assistido ele pode desenvolver várias habilidades trabalhando junto saúde/educação.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. É o trabalho com jogos. Depende da dificuldade de cada um, hoje é desenvolver habilidades motoras como movimento: preensão, pinça, empilhamento, abrir e fechar a mão...

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, Poderia ser como antes. Que o plano de ação também desenvolvia as atividades com o aluno.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Depende de cada aluno. Tem aluno que é a interação com o grupo por causa da agressividade.

Outro é em relação ao conteúdo tem aluno que tem na mente que por ser especial não consegue ou não pode fazer nada.

**26- Entrevista**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( x ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

( x ) sim ( ) não

Comente

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( x ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Raramente, não tenho tempo.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim, Quais? Educação Inclusiva/ Deficiência intelectual

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não. Que temas seriam de grande relevância?

R. Na verdade nem sempre os temas abordados são relevantes à prática. Acredito que perde-se muito tempo com assuntos desnecessários, com discussões que não contribuem com nossa prática. Os momentos relevantes são poucos. No entanto percebo que quando os tem muitos não sabem aproveitar esse momento aprendizagem e não valorizam o que lhes são passados, fazendo com que situações assim sejam cada vez mais raras.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim. Todos os temas abordados sobre inclusão elucida muito de nossas dúvidas. Os temas muitas vezes nos permite novos conhecimentos e novas descobertas . Por vezes uma simples dica e/ou orientação ali exposta é capaz de mudar a prática do professor.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Não, Muitas coisas deveriam fazer parte do pacote motivacional do professor não apenas o plano de carreira. Ele não motiva e não garante as atualização profissional. Acredito que essa motivação é pessoal. Eu por exemplo não faço nada pensando no plano de carreira, quando faço é pensando apenas na minha prática.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, conheço e acredito que ainda faltam questões importantes a serem contempladas para que nossos alunos sejam realmente atendidos da forma que lhes são de direitos.

Vocês concordam que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, acredito muito na inclusão no ensino regular. Acredito na importância tanto para o aluno com deficiência como para os demais. Acredito muito, porém precisamos de recursos eficazes para que essa inclusão realmente aconteça. Incluir não é apenas estar na sala, é muito além disso.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, porque? Já tive muita antes de conhecer um pouco mais sobre o assunto, porém após uma simples fala em uma reunião de orientação me fez refletir e mudar minha prática. Acredito que esse é o primeiro passo para que as coisas aconteçam, acreditar.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Não, são raras as equipes que realmente se preocupam com nossos alunos com deficiência. Sinto que para muitas a inclusão ainda é um peso e por isso tratada como algo inútil sem valor.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Preciso de parceria com a família. Acho fundamental um trabalho onde todos estejam realmente acreditando, envolvidos com o objetivo de fazer o melhor para o aluno.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, muitas famílias não se envolvem com a escola em prol do desenvolvimento do aluno. Muitas também desconhecem as possibilidades do filho e por desconhecer não contribuem e não acreditam.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, quando trabalhado em parceria com a escola os resultados são ainda melhores. Porém precisamos de profissionais que realmente estejam engajados e queiram fazer um bom trabalho.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, não há uma real parceria entre saúde e educação. Temos que pensar no aluno como um todo. A partir do momento que ele é atendido adequadamente na saúde, nós enquanto escola conseguimos melhor qualidade no trabalho realizado.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Acredito que a melhor estratégia é o tentar. Muitas estratégias não dão certo é por vezes temos que avaliar a situação e remanejar.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, porém acredito que esses profissionais precisam de muita orientação caso contrário dificultam o trabalho com o aluno.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

A maior dificuldade é a falta de recursos. Não temos os recursos necessários para atender com qualidade nossos alunos .

## **27- Entrevista**

1- Qual sua Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

3- Professor



Efetivo ( x )                      Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( x ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? \_\_\_\_\_

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

( ) sim ( ) não

6 -Quantos anos de atuação no magistério

( ) 5 a 10 anos

(x) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. sim, sempre que tem assuntos do meu interesse, uma vez por ano.

8- Fez Pós-Graduação

(x) sim Não ( )

Quais? Direito Educacional e Neuropsicopedagogia

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância ? A tecnologia como aliada da educação, Bulling, competências socioemocionais.

10-Os Temas abordados no HTPI on- line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Não, Sugira temas que devem ser abordados. Metodologias ativas, método fônico, sexualidade

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, foi a valorização necessária e tão esperada por todos os profissionais.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, estudei para o concurso.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, é ótimo para socialização, pertencimento, porem ainda há mudanças necessárias para a emancipação dos alunos com necessidades especiais, principalmente com a participação da família.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, são vários alunos todos os anos, fora os sem laudos que estão na sala de aula.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, material de apoio e orientações pedagógicas.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. preciso de material didático de acordo com a necessidade do aluno e professor de apoio.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ? R. a maioria não, elas não aceitam a deficiência e não acreditam em potencial de aprendizagem, por fazer comparativo com os outros alunos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, pois trabalha de forma individual as dificuldades apresentadas pelos alunos.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. Sim, é fundamental esses acompanhamentos, pois a educação não dá conta dessas necessidades apresentada pelo aluno.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Identificar as principais características dos alunos, identificar quais os fatores possibilitadores da inclusão, não existe estratégias pedagógicas que sirva para todos os alunos, as limitações devem sim ser consideradas, mas nunca ser determinantes no processo de inclusão.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Importantíssimo, para ajudar lidar com o aluno de inclusão, pois cada sala tem uma media de 3 alunos, com comportamentos e necessidades totalmente diferentes.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Formação para alinhar o conhecimento com a realidade do aluno, para ter uma postura mais assertiva com a aprendizagem desses estudantes.

## **28 - Entrevista**

1- Qual sua Faixa etária

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 a 50 anos

50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( )

Masculino ( x )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

Tempo que trabalha na Rede Municipal de Praia Grande

( x ) 1 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) acima de 15 anos

4- Formação Acadêmica

Magistério ( )

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? Ciências Biológicas

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática no processo da educação inclusiva.

R. Não, tenho muitas duvidas e a cada novo aluno, é um grande susto, pois não sei o que fazer, que estratégia deve utilizar com ele.

6 -Quantos anos de atuação no magistério

(x) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, acho importante continuar estudando e permanecer atualizado.

8- Fez Pós-Graduação

(X) sim Não ( )

Quais ? Gestão Escolar

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim novas informações, sempre agregam aos conhecimentos prévios. Que temas seriam de grande relevância ? trocas de experiências, sugestão de atividades.

10- Os Temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula?

R. Sim, Sugira temas que devem ser abordados. R. metodologias ativas, gamificação e competências sócioemocionais.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, a formação continuada é extremamente importante, além de incentivar o profissional, veio para premiar aqueles que buscam melhor desempenho profissional.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, mas não tenho domínio de toda a lei

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, para que sejam participantes efetivos, na sala para que vivenciem as aprendizagens dentro da sua capacidade, junto com os outros alunos.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não com o aluno, minha dificuldade é falta de tempo para adaptar as atividades e pensar as estratégias.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Toda equipe apoia e conhece todos os alunos de inclusão.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Algumas dúvidas aparecem no percurso, como quais os níveis que o aluno tem que chegar e quais materiais diferenciados.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Sim, a maioria das famílias são participativas, porem não entendem porque as atividades precisam ser diferenciadas.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno?

R. Sim, pois as salas estão com mais de 30 alunos e no AEE eles terão atendimento individualizado, sendo trabalhado as dificuldades.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão.

R. As terapias são muito importantes e as vezes a medicação também ,o trabalho conjunto é mais eficaz.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Faço acolhimento e vou descobrindo quais as habilidades e exploro de maneira que os atraia para se envolverem no pedagógico.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, para que seja feito um trabalho baseado em cada criança.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A disponibilidade de tempo em preparar atividades diferenciadas.

## **29 – Entrevista**

1- Faixa etária

( x ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

- 40 a 50 anos
- 50 a 60 anos
- Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( )                      Masculino (x )      Outros ( )

3- Professor

Efetivo (x )                      Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia (x )

Outros ( ) Quais ? Biologia

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, tenho muitas duvidas e dificuldades para relacionar teoria e pratica, pois as necessidades dos alunos são as mais diversas.

6 -Quantos anos de magistério

( x ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre que possível organizar o horário ,pois trabalho dois períodos e ainda preciso planejar as aulas.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim      Não ( )

Quais? Gestão Escolar

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância? R. métodos de ensino, aula invertida, tecnologias na educação.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, sempre aprendemos alguma estratégia para utilizar com os alunos de inclusão.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, a motivação financeira , pois sempre busco atualização, mediante os desafios encontrados no dia a dia.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Concordo parcialmente, acredito que a efetiva inclusão dos alunos especiais, só seria possível com um número bastante reduzido de alunos por sala, entre 10 e 20 alunos.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, alguns alunos de inclusão demonstram apatia as atividades escolares e a exclusão promovida pela maioria dos colegas de sala agrava a situação.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, porem é um grande desafio conseguir desenvolver um trabalho que de resultados e que faça diferença para o aluno.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?



R. Sim, a equipe gestora aceita a flexibilização dos métodos avaliativos e da liberdade para escolher como trabalhar.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Um professor de AEE na unidade escolar colocando em **prática**, o currículo adaptado dos alunos, redução do número de alunos por sala(ideal são 15 alunos) e disponibilização do professor auxiliar.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. raramente, as famílias desconhecem a real situação da inclusão escolar, acreditando fielmente que é responsabilidade só da escola e que não precisam participar.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, porque além da sala ser apropriada e com diversos materiais pedagógicos, o professor do AEE por fazer atendimento individualizado consegue trabalhar as necessidades e dificuldades do aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, principalmente no que diz respeito ao sócioemocional, pois a escola apesar de acolher o aluno, necessita de parceria com psicólogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Não tenho certeza se obtenho sucesso, mas sempre procuro proporcionar atividades sobre temas de interesse dos alunos, contextualizando com o conteúdo.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, é necessário que haja uma meta a ser alcançada visando a autossuficiência do aluno na vida adulta. Para isso o currículo adaptado deve prever quais habilidades se quer desenvolver no aluno.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Desconhecimento das potencialidades destes alunos, pois isso muitas vezes não é relatado nos relatórios pedagógicos.

### 30- entrevista

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

(x) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, eu não fiz magistério e não atuava na área, tive varias duvidas em sala e não sabia como resolver, fui perguntando para os colegas e coordenador sobre as duvidas.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

(x) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, quando aparece cursos do meu interesse , faço geralmente uns dois por ano.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais? Psicomotricidade e Psicopedagogia Institucional.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância? Tecnologia na educação, Labeledu, espaço maker

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Não, prefiro apresentações onde o professor mostra o que utilizou em sala de aula, pois já temos muitas teorias.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, eu sempre gostei de estudar , mesmo antes de plano de carreira, no momento estou com dificuldade de conciliar, pois meus filhos são pequenos.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Não, ela não é divulgada e não foi conteúdo na graduação, legislação só LDB tenho conhecimento.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, mas infelizmente nem todos os professores estão preparados ou gostam de trabalhar com deficientes, também temos muitos alunos na sala, o que dificulta muito o trabalho, temos muitas cobranças, metas e papeladas.

14- Você tem dificuldade para trabalhar com alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, porém nunca peguei um aluno com severas dificuldades, faço adaptações das atividades e oriento individualmente.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, eles disponibilizam orientações sobre como lidar e sugestões de atividades, material concreto e tecnologia( tablet, lousa digital).

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Preciso de um professor auxiliar e número reduzido de alunos na sala.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim, algumas famílias tem interesse, outras não acreditam no potencial do filho e não acompanham as atividades.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, muito pois ele é atendido por um especialista e de forma individualizada, o que facilita o sucesso do atendimento.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, muitos alunos fazem terapias varias vezes durante a semana, com psicólogo, fonoaudiólogo, neurologiasta, psiquiatra , terapeuta ocupacional e tomam medicações, alguns terapias intensiva 40h semanais para os autistas, lógico que o professor não daria conta, sem esses atendimentos.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Primeiramente o respeito a diversidade e as diferenças, carinho e respeito as individualidades, usando diferentes estratégias para alcançar os objetivos.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, fundamental ter uma pessoa que nos auxilie com o alunos, nos momentos de dificuldades e conquistas de autonomia.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Pouco tempo para dedicar ao aluno de inclusão, em uma sala lotada e muitas cobranças ao professor.

### **31-Entrevista**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo (x) Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, a minha formação ficou muito direcionada a base teórica ,  
Quando ingressei fui buscado outras formações conforme minhas dificuldades do dia a dia.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

(x) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada?

R. Raramente, não tenho tempo e não estou conseguindo conciliar.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim. Quais? Psicopedagogia, alfabetização e letramento e Atendimento Educacional Especializado

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância? Temas que favoreçam uma troca de experiência ou debate sobre determinado assunto que seja do interesse de todos.

10- Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula.

R. Sim, gostei muito do que abordou a comunicação alternativa que faz com que o aluno, participe da aula como os outros.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, embora aconteça de cinco em cinco anos, nesse período costumo realizar o máximo de cursos que eu posso procurar temas que vão auxiliar a minha prática.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Não, essa lei não é divulgada ou comentada, só conhece a LDB.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, em alguns casos sim, porque eles podem desenvolver através da interação com as outras colegas da sala.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, procuro sempre fazer que eles participem, mesmo que seja com material concreto ou diferenciado, mas com o mesmo tema da sala contextualizado.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. sim, sempre que necessário convoca os familiares e até mesmo, quando passamos alguma dificuldade com alunos de inclusão, a equipe mostra-se prestativa e procura nos ajudar.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Na minha opinião cada escola teria que ter a sala do AEE, porque muitos alunos param de frequentar, pois os pais desistem de levar por conta da distância.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, a maioria não acredita no potencial do filho, deixam de participar e prestigiar os avanços e isso acaba desmotivando o próprio aluno.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, com certeza, porque forma uma parceria com a professora da sala regular que juntas buscam o mesmo objetivo que é o desenvolvimento do aluno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, muitos alunos precisam de acompanhamento medico periodicamente e até auxilio de remédios para obter uma boa concentração e socialização com os colegas.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R.A rotina, jogos confeccionados com materiais recicláveis e atividades utilizando recursos tecnológicos ( lousa digital e laboratório de informática ).

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, auxiliam os alunos nos momentos de higienização, alimentação e locomoção, até que possam desenvolver sua própria autonomia.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A maior dificuldade é a falta de apoio da familiar, muitos não fazem os tratamentos adequados e isso prejudica o nosso trabalho e o rendimento escolar do aluno.

### **32- Entrevista**

1- Faixa etária



- ( ) 20 a 30 anos
- ( X ) 30 a 40 anos
- ( ) 40 a 50 anos
- ( ) 50 a 60 anos
- ( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( X )                      Masculino ( )      Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( X )                      Contratado ( )

5 - Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, Acredito que toda pessoa formada tem muita teoria e não relaciona com a prática, a realidade é bem diferente.

6 - Quantos anos de magistério

- ( ) 5 a 10 anos
- ( ) 10 a 15 anos
- ( x ) 15 a 20 anos
- ( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

( x ) sim ( ) não raramente ( )

8- Fez Pós-Graduação

( X ) sim Não ( )

Quais? Cursando Pós em Alfabetização e Letramento

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, Que temas seriam de grande relevância?

R. Dividir as práticas, dúvidas e problemas enfrentados seria mais relevante.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Não, pois não condizem com a nossa prática, nossa realidade é outra bem diferente.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, porque é tudo muito burocrático, difícil e demorado. Eles deveriam investir mais na formação dos seus docentes.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Não, não a conheço a fundo, não fez parte da minha graduação, só LDB e faz tempo que não faço concurso.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, porém não são todos os casos que se enquadram no ensino Regular e isso precisa ser repensado para conforto do próprio aluno.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, por que? Porque os casos que peguei até hoje não eram severos e os pais sempre foram meus companheiros.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Não, pois não foi necessário.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. As escolas deveriam ter mais materiais para essas crianças e salas mais acessíveis. Além de formação, que ao meu ver a Prefeitura deveria oferecer também.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. Sim, com todos os alunos que trabalhei sempre tive muito apoio e troca de conhecimento.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

( X) sim ( ) não

Comente: Ele é uma pessoa especializada que vai trabalhar mais afundo a necessidade daquele aluno e de forma mais individualizada.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, Penso que os resultados acontecem em decorrência dos vários atendimentos feitos com essa criança, um complementa o outro.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Empatia, paciência, saber entender as necessidades deles, principalmente nas horas dos “surto”.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, Com certeza, de suma importância, eles que irão nos auxiliar em momentos mais complicados. Alguns têm necessidades mais específicas, em que nós professores não podemos sair a todo momento de sala de aula para atender e também nos ajudar porque temos tantos outros alunos em sala para dar atenção.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Não posso opinar sobre isso, pois ainda não encontrei nenhuma barreira.

### **33-Entrevista**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

- 40 a 50 anos  
 50 a 60 anos  
 Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  Masculino  Outros

3- Professor

Efetivo  Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, tenho muitas duvidas sobre o que fazer na pratica, uma sala de aula é de grande complexidade e as dificuldades são enumeras.

6 -Quantos anos de magistério

- 5 a 10 anos  
 10 a 15 anos  
 15 a 20 anos  
 acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais? Gestão Educacional e Educação Especial

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, que temas seriam de grande relevância?

R. Estratégias de Ensino, avaliação, assuntos envolvendo situações problemas de sala de aula, tais como Bulling, indisciplina, alunos em situação de risco.

HTPC é um momento valioso e importante, uma conquista dos professores

Porem na maioria das vezes é utilizado para passar recados da Seduc, eu creio que cada professor de forma planejada deveria abordar um assunto relacionado a sua sala( problemáticas ,ou algo surpreendente e interessante).

Compartilhar suas praticas e problemáticas ajudam na reflexão e renovação da pratica e atitudes.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, sem duvida, por mais que seja envolvida e estudiosa do tema, sempre aprendemos algo novo, uma curiosidade e até mesmo novas intervenções pedagógicas.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, quando vou buscar atualização é por conta da necessidade apresentada na minha pratica.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, eu conheço parcialmente , porque é um documento extenso , cito como um dos pontos relevantes, o direito a matricula de pessoa com deficiência no Ensino Regular.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, é direito da criança, adolescente e adulto estudar e conviver com seus pares, sem distinção.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, ter um aluno com deficiência é apenas mais um desafio dentro da complexidade da sala de aula.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, apoio em algumas impressões de atividades, fornecimento de alguns materiais específicos, parceria para abordar junto a família alguns assuntos delicados e incentivo a continuidade do trabalho.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material adaptado, um professor auxiliar e menor quantidade de alunos sala de aula.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim, a maioria das famílias, porém demonstram sentimentos contraditórios, querem lições igual dos outros, e o aluno não está alfabetizado e não acompanha.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, por ser um atendimento individualizado, partindo das dificuldades do aluno

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, pois muitos precisam de acompanhamento constante e medicações para ter qualidade de vida.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R.Orientações individualizadas, material concreto, socialização, respeitar seu tempo.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, sempre que for necessário e o aluno não tiver autonomia e iniciativa para realizar suas atividades.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Aceitação da família, que ele precisa de adaptações e atividades diferenciadas, não por discriminação, mas por conta da sua deficiência.

### **34-Entrevista**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( x ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Sim, Não tive dificuldade em operacionalizar a teoria na prática

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( x ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Raramente, só quando encontro conteúdo que realmente seja do meu interesse

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais? Educação Inclusiva

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, sempre acrescenta a minha pratica. Que temas seriam de grande relevância?

R. Transsexualidade em sala de aula, Violência doméstica na comunidade escolar, Assuntos que tenho maior dificuldade.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim. Um deles ajudei a montar. Como já tenho um pouco de conhecimento a respeito eu os achei muito simples... Mas pensando em todos que iriam participar estava bom.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Não, Sinto necessidade de me atualizar devido às novas descobertas no campo do estudo neurológico e psíquico



12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, utilizo no meu trabalho a lei constantemente.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, Desde que o ambiente escolar traga benefícios para o mesmo.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, Porque? Pelo fato de estar em sala de aula não. Outros fatores trazem dificuldade como números de alunos em sala, falta de apoio da família e etc.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, contato com a família, material de apoio e orientações de como trabalhar.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material pedagógico adaptado, algumas vezes atendente em plano de ação; número menor de alunos na sala e acessibilidade física.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, A maior parte sim ,algumas não e outras de forma que desagrega.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, Fundamental para o desenvolvimento do aluno com deficiência, pois só professor da sala regular não dá conta.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, fundamental para o desenvolvimento e alguns atendimentos serão para a vida toda.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Trabalho com receita envolvendo AVD, escrita e sempre material concreto  
Adaptação da avaliação como tempo maior para realização, redução do número de questões.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, quando o aluno não tem autonomia há necessidade de apoio.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Alunos com desvio comportamental e comportamentos agressivos.

### **35-Entrevista**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( x ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, A humanidade produz conhecimento diariamente, todos os dias nos deparamos com situações diferentes e temos que nos atualizar e nem sempre o conteúdo acadêmico é suficiente.

6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais?

Psicopedagogia

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, Os assuntos abordados sempre contribui de maneira significativa com a prática pedagógica.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sempre ajuda a sanar algumas dúvidas e pensar novas estratégias.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, a elaboração do plano de carreira não trouxe nenhuma motivação para investir na atualização profissional.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Não, Como não conheço ,não tenho como tecer comentários.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, desde que oportunize condições para o profissional e também para o aluno, inclusão sem condições não é inclusão é exclusão.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, Porque? Procurava saber como ajudar o aluno, planejava atividades diferenciadas.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, Orientações de materiais ,dicas de leituras.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R: Um profissional de apoio e materiais adaptados.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Não, a única preocupação dos pais eram deixar os filhos na escola sem nenhum interesse sobre a vida escolar do educando, eles não acreditam nas possibilidades de aprendizagem.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, Com certeza o atendimento especializado vai fazer toda diferença na evolução do aluno, o aluno será atendido de acordo com as suas necessidades.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, os acompanhamentos realizados com os profissionais da saúde complementam o trabalho realizado na escola.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Cada aluno de inclusão tem que ser atendido de acordo com as suas necessidades, o atendimento diferenciado é o que vai fazer a diferença no desenvolvimento do mesmo.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, O aluno de inclusão precisa de um profissional para ajudá-lo.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

A maior dificuldade é saber, se o que está sendo proposto atende realmente as necessidades do aluno.

### **36-ENTREVISTA**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

(x) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( )

Masculino (x)

Outros ( )

3- Professor

Efetivo  Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ? Educação Física

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, formação muito voltada para o corpo humano. Pouca instrução de práticas pedagógicas de sala de aula

6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

sim  não raramente

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais? AEE, Educação Infantil, Docência do Ensino Superior e Obesidade e Emagrecimento. Finalizando mestrado.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, Que temas seriam de grande relevância?

R. Temas que tratassem dos alunos de inclusão e com dificuldades de aprendizagem, os alunos com dificuldades de aprendizagem e os casos de alunos com necessidades especiais estão crescendo absurdamente.

10- Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula.

R. Não, inclusive foram raras às vezes que este tema foi abordado no htpi.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, busco minha qualificação para melhor atender meus alunos.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, já ouvi falar, já estudei para concurso, porém nunca me aprofundei.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, Devem fazer parte do ensino regular como qualquer outro aluno. Inclusive o termo inclusão logo leva a conclusão que existe exclusão. Pelo contrário, o termo mais pertinente é educação para a diversidade.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, porque? Procuo conhecer mais o meu aluno conversando com a família, lendo os laudos. Ninguém está totalmente preparado, e todos deverão ir conhecendo o aluno no caminho.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, como docente de educação física recebo mais o apoio da ATP da escola, e como pedagogo toda gestão apoia nas necessidades que vão surgindo.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Para dar uma atenção mais precisa, seria necessário menos alunos em sala.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim , na escola que leciono atualmente os pais são bem participativos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, o atendimento individualizado é de suma importância, pois na sala regular, devido ao grande número de alunos, fica difícil dar o atendimento integral que este aluno necessita.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, a integração entre pedagogos e profissionais da saúde fazem toda a diferença no desenvolvimento pleno deste discente.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. A melhor estratégia é a de acolher e respeitar as características deste aluno.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, auxilia e muito no desenvolvimento das aulas.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

A maior dificuldade se dá no início do trabalho, pois a gente vai entendendo o comportamento deste discente ao longo da jornada.

### **37-ENTREVISTA**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( X ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos



2- Sexo

Feminino ( X )                      Masculino ( )      Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( X )                      Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( X)

Outros (X)Quais? Matemática e Geografia

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, na verdade é com a experiência em sala de aula que vamos fundamentando a nossa prática.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( X ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim , estou sempre buscando atualização e estratégias para superar os desafios da sala de aula

8- Fez Pós-Graduação

( X ) sim Quais? Gestão Escolar, Docência do Ensino Superior e finalizando o Mestrado.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Nem sempre. Que temas seriam de grande relevância?

R. temas ligados as dificuldades em sala de aula, estratégias de ensino e inclusão educacional, infelizmente vejo o HTPC como um momento dedicado a recados.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, sempre são relevantes, porem é necessário textos, vídeos com dicas de como trabalhar com as diferentes inclusões.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, com certeza é muito bacana quando nossos esforços e estudos são reconhecidos e a questão financeira também é importantes, precisamos sobreviver.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, conheço por ter estudado para concursos e alguns momentos da minha carreira educacional.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, concordo que sejam inseridos, porem alguns pontos ainda precisam de ajustes.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, depende da inclusão, é muito complicado desenvolver um trabalho diferenciado com os alunos de inclusão, quando se tem outros 30 a 40 alunos para ensinar e cobrança de metas, acabamos negligenciando os alunos de inclusão.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, o maior apoio é das ATPs de inclusão, com orientações e sugestão de atividades e disponibilização de material adaptado.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Mais informações sobre a inclusão diante de cada deficiência, apoio pedagógico para cada situação(dicas de atividades e avaliações) e formações/capacitações em serviço.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. as vezes, como trabalho com os adolescentes, percebo que quanto maior mais jogados, os pais desistem ou deixam de acreditar no potencial de aprendizagem do filho, só aparecendo na escola quando solicitado.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, claramente que sim, todo apoio/suporte para os alunos de inclusão são importantes, quanto mais estímulo receberem , será melhor.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, na verdade o acompanhamento de saúde influencia em qualquer aluno, nos de inclusão esses atendimentos são fundamentais.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Geralmente procuro colocar os alunos de inclusão sentados perto da minha mesa, para poder auxiliar da melhor maneira possível e quando possível sentar em dupla, com alguns amigo próximo para tirar duvidas e socializar.

Planejo as atividades diferenciadas e contextualizadas com o conteúdo da sala.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, sem duvida , acredito que faz a diferença para o aluno, facilitado a aprendizagem, com atenção tempo integral.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. a questão do tempo necessário que deveria estar com eles, a sala super lotada e todos querem atenção e duvidas se estou no caminho certo.

### 38-ENTREVISTA

1- Faixa etária

20 a 30 anos

30 a 40 anos

40 a 50 anos

50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino

Masculino

Outros

3- Professor

Efetivo

Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ?Licenciatura em Historia

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Sim, tenho muita tranquilidade em lidar com os alunos e domínio do conteúdo programático.

6 -Quantos anos de magistério

Ingressante, ainda em período probatório.

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre em busca de novos conhecimentos, para aprimorar a minha pratica.

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais? Historia e Cultura no Brasil Contemporânea.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, sempre acrescentam no cotidiano quando é formação, a maioria das vezes é um momento de vários informativos da Seduc.

Que temas seriam de grande relevância? Metodologia de ensino para alunos de inclusão, educação emocional e adaptação de conteúdo.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, foram relevantes pois a cada novo aluno de inclusão, surgem novas duvidas e também aquela insegurança, se estamos no caminho certo.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, reconhecimento financeiro também ajuda a atualizar o profissional e temos como em todas as profissões estar atualizados, a educação é dinâmica.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, tive contato com a lei durante a graduação e em estudos para concurso e processo seletivo.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, a promoção de uma educação para a diversidade passa pela inclusão de alunos especiais no Ensino Regular, tal ação favorece a socialização e o desenvolvimento cognitivo desses alunos, ao mesmo tempo em que, incentiva nos alunos ditos “ normais” valores de cooperação e respeito a diversidade.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, tenho muita dificuldade. Porque? Apesar de ter aulas de educação inclusiva na universidade, na pratica é diferente, tenho dificuldade para adaptar os conteúdos e atividades para os alunos de inclusão.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, a equipe gestora apoia e já promoveu alguns momentos de reflexão, sobre a pratica docente e os desafios no trabalho de inclusão, porem sinto que esse apoio deveria ser mais efetivo. A escola necessita de material didático adaptado e personalizado para a deficiência de cada um, pois o material fornecido atualmente, não leva em consideração as limitações e necessidades de cada aluno.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Alguns momentos de teórica e pratica, a equipe gestora já promoveu esses encontros, excelente para reflexão.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim, tem pais que pede reunião com os professores para falar sobre a deficiência do filho e sugestões para trabalhar.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, pois o professor é um especialista, realiza um plano individual para trabalhar as dificuldades do aluno, garantindo sucesso no processo ensino aprendizagem.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim , o corpo precisa estar saudável, para que aconteça a aprendizagem, é uma parceria com a educação.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Reafirmo tenho dificuldades de trabalhar com a inclusão, destaco aplicação de uma prova, onde fiz a pergunta oral e ele por não ser alfabetizado fez a resposta com um desenho com riqueza de detalhes sobre o conteúdo. Fiquei surpreso com a superação.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, o plano de ação é um instrumento guia para o trabalho docente, não tenho duvida que é uma demonstração de empenho/comprometimento da equipe gestora e o corpo docente com os alunos de inclusão.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Como já destaquei anteriormente, tenho dificuldade em adaptar conteúdos e material didático.

### **39-Entrevista**

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( x ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  Masculino  Outros

3- Professor

Efetivo  Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Sim , tenho domínio da minha área de conhecimento, e o grande desafio é fazer que os alunos tenham interesse em aprender.

6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. raramente, por falta de tempo e pelo custo elevados dos cursos e congressos de educação.

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais? Psicopedagogia e Contação de Historia

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.



( ) sim      (x) Não

Que temas seriam de grande relevância?

R. Realidade da sala de aula, diversidade, soluções que possam atender as necessidades educacionais, formação docente para pratica.

10- Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, porem temos uma diversidade e precisamos ter uma base para cada tipo de inclusão, é necessário que seja contínuo.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, retorno financeiro é sempre bom, pois o magistério não é uma profissão bem remunerada e toda possibilidade de ganho real, é motivador.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, a partir destas lei estão sendo cumprido as medidas inclusiva e de acessibilidade nas escolas, pois as família tem amparo legal, para entrar na justiça, para os alunos de inclusão, essa lei é um marco.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Não, temos vários casos que não estão preparados para estar no ensino regular, pois não tem autonomia e potencial de aprendizagem.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

(x) sim Porque ? as sala estão muito cheias, o que impossibilita desenvolver um trabalho individualizado com o aluno, que precisa de atenção, é muito difícil o cotidiano.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, a coordenadora está sempre orientando quando se faz necessário, dando sugestões de atividades e adaptações.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Um professor auxiliar para dar orientações individualizadas e estimular a realização das atividades propostas.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Não, pouco participativo, não há um trabalho conjunto, as famílias não aceitam as deficiências.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, pode auxiliar, elaborar, buscar recursos para a aprendizagem desses alunos na sala regular.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, uma equipe multidisciplinar para auxiliar a compreender todas as dificuldades apresentadas e amenizar o desconforto.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Participação em todas as atividades da sala de aula, comunicação alternativa, rotina escolar e letras moveis.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, para garantir a equidade e condições de socialização e desenvolvimento de habilidades.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Condições inadequadas para a inclusão de alunos com deficiência , essas dificuldades prejudicam o processo de inclusão e de aprendizagem dos alunos.

#### 40 -Entrevista

1- Faixa etária

( )20 a 30 anos

( )30 a 40 anos

( x )40 a 50 anos

( )50 a 60 anos

( )Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, a formação universitária fornece ferramentas genéricas, mas não contempla todos os casos e perfis encontrados na escola, tão plural.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

(x) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre que tenho a possibilidade e surge tema de relevância na minha pratica.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim      Não ( )

Quais? Educação Inclusiva

8- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim, quando disponibilizado capacitação, muitas vezes ficamos com planejamentos, correções e recados.

Que temas seriam de grande relevância?

R. Sugestões de praticas de sucesso, artes, musica e inclusão.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, os temas abordam praticas e suporte ao professor, porem não se aprofundam para ampliar conhecimento.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim , também é um fator motivador, o retorno financeiro.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, a lei 13.146 de 06/07/2015, foi um importante marco em relação a inclusão, respaldo legal para as famílias, quando os direitos não são cumpridos.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, depende do grau de comprometimento, pois as crianças com níveis mais severos necessitam de acompanhamento especializado e interdisciplinar.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, Porque ? Cada aluno de inclusão é uma nova estratégia, pois cada um tem suas particularidades e aprendem de forma diferente.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Não, está bem difícil, onde trabalho não tem atp de inclusão, faço do jeito que penso estar certo.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Este trabalho requer recursos materiais, avaliações diferenciadas e adaptações, o que não é disponibilizado pela rede.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Não, vários alunos de inclusão passam o dia na escola e quando tem uma crise e chama a família, eles não aparecem. Os pais não são participativos e não acreditam no potencial de aprendizagem, não se interessando pela aprendizagem do filho.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, pois a inclusão necessita de recursos diferenciados para minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, é necessário essas parceria para termos sucesso, pois só família e escola não dá conta das necessidades.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Trabalhar de forma lúdica, utilizar jogos, musica, participação oral e material concreto.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, fundamental pois vamos trabalhar as dificuldades e buscar estratégias para que aprendizagem aconteça.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. A super lotação da sala, a falta de tempo para dedicar o aluno que necessita de atenção diferenciada.

#### 41-ENTREVISTA

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

(x) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ? Educação Física

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, muita teoria e na pratica é muito diferente, onde encontramos as respostas para o desafio da educação.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( x ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Raramente, por falta de tempo e dinheiro, tudo na educação é caro, os livros, cursos e congressos.

8- Fez Pós-Graduação

( ) sim Não ( x )

Quais?

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância?

As praticas de sucesso, estudos com diversas deficiências, sexualidade, depressão e síndrome do pânico.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, outros temas relevantes artigos, praticas de sucesso, leis sobre educação.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, sem duvida que estimula a se manter atualizado, pois ganhamos na pontuação e no financeiro também.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, já tive contato porem não tenho domínio sobre o tema, estudei para concursos.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim concordo, porem alguns com limitações severas, que frequentar o Ensino Regular não acrescenta nada, pois não interage com ninguém, simplesmente fica no ambiente, chamo isso de integração.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim tenho, depende do tipo de deficiência e o grau de comprometimento para saber se ele assimila os conteúdos.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, no que diz respeito a materiais necessários, tecnologia e material concreto.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Um professor auxiliar , pois as salas estão lotadas e fica muito difícil dar atenção que o aluno de inclusão merece.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. A maioria dos pais não são presentes, deixam na escola os filhos para ter um tempo livre, não se importam com as atividades realizadas e mesmo com o filhos, não comemoram pequenos progressos.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim , muito importante pois trabalha as dificuldades individuais do aluno, sendo realizadas por um especialista da área.



19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, as vezes a medicação auxilia muito a concentração, acalma o aluno, reduz as crises e as terapias também são muito importantes.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Respeitar as diferenças, atenção individualizadas, incluir em todas as atividades, fazer participar de atividades em grupo.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, muito importante para que tenha orientações em período integral e para que todas as estratégias utilizadas tenha sucesso.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Falta de conhecimento teórico e prático, falta de material e a conscientização dos pais sobre a deficiência do filho.

#### 42-ENTREVISTA

1- Faixa etária

( x ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Sim, Foi suficiente, por eu sempre buscar novos conhecimentos e qualificações com recursos próprios.

6 -Quantos anos de magistério

( x ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. sim , hoje faço muitos cursos a distancia e participo de congressos de meu interesse.

8- Fez Pós-Graduação

( x ) sim Não ( )

Quais? Alfabetização e Letramento e cursando Gestão Escolar

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, muitos recados da Seduc, acho um tempo perdido

Que temas seriam de grande relevância?

R. Temas com ênfase na formação continuada.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. No modo geral não, pois muitos temas não condiziam com minha realidade.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, no principio sim, os demais não anos, já não faz diferença, busco estar atualizada frente os desafios da profissão.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Não, já li para o concurso, porem não tenho domínio sobre a legislação.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, Desde que o números de alunos fossem reduzidos e professor auxiliar especializado de acordo com cada deficiência.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não. Porque ? Nunca tive alunos agressivos ou que rendesse muito pouco ou quase nada, então com o auxilio da atendente de educação, sempre pude desenvolver de modo satisfatório meu trabalho com os alunos de inclusão.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, Sempre fui livre para trabalhar como eu acreditasse ser melhor e não vetava o auxílio da atendente de educação.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Que a prefeitura disponibilize os materiais que eu necessito, além do material de apoio, atendente de educação poder trabalhar em parceria com a professora regular, salas de aulas com número reduzido a 20 no máximo.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. As vezes, já tive alunos que as famílias eram presentes e alunos que infelizmente a família acreditava que a escola era apenas um local para ficarem um momento longe da criança.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, nesse momento, toda atenção que o aluno necessita ele tem com a professora. Ela tem um nível de percepção e proximidade muito maior do que a professora da sala regular.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, eles precisam ser acompanhados pela saúde, pois a educação sozinha não dá conta, vamos trabalhar o pedagógico.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Respeitar o tempo e limitações do aluno, em paralelo, não o classificar como “especial” e privá-lo ou beneficiá-lo diante dos demais alunos da sala de aula regular.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, porém acredito que as atendentes poderiam ter a autonomia da intervenção.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Além das salas de aulas lotadas (mais de 25), famílias desinteressadas em querer auxiliar seus filhos e a atendente de educação não poder intervir na prática pedagógica dos alunos.

#### 43- ENTREVISTA

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

- 50 a 60 anos  
 Mais de 60 anos

2- Sexo

- Feminino  Masculino  Outros

3- Professor

- Efetivo  Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ? Letras(Português/Inglês)

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, normalmente o que se aprende nos bancos da universidade, dá um suporte bem inferior as necessidades encontradas em sala de aula. Assim encontrar novas adaptações pedagógicas para o alunado atual, é um grande desafio, procuro encontrar novas metodologias de ensino e aprendizagem, para incluir todos num mesmo objetivo.

6 -Quantos anos de magistério

- 5 a 10 anos  
 10 a 15 anos  
 15 a 20 anos  
 acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre que tenho oportunidade financeira e consigo conciliar o tempo, que é muito escasso, pois trabalho três períodos.

8- Fez Pós-Graduação

- sim Não

Quais? Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Libras

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não infelizmente não acrescentou nada,

Que temas seriam de grande relevância? Adaptações curriculares, Metodologias complementares e Gestão em sala de aula, assuntos que complementassem o dia a dia, novidades educativas, possibilidades que abordassem e colaborassem com a inovação em sala, temáticas igualizadoras de como se portar ou acrescentar um algo mais a práxis.

Porem o que ouvimos sempre, diários sem colagem, sem corretivos, dia de entregar as notas e por ai vai, apenas burocracia documental, a parte pedagógica não se comenta.

10-Os temas abordados no HTPI in line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Pouco relevante, pois muitas perguntas de como é nossa pratica, corroboraria muito mais, se fossem como devemos fazer e agir em sala para se ter sucesso pedagógico, para quem tem 38 alunos em sala de aula , apenas joguinhos não serve. Trabalhar com projetos temáticos, a aprendizagem é qualificadora, pois todos de alguma forma, pode se manifestar se tornando autônomo e protagonista de sua aprendizagem.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Não, tenho amor pela profissão que escolhi e ser sensibilizada é o ponto crucial para o profissional entender que precisa fazer a diferença na vida dos seus alunos e nossa sociedade. Busco sempre aprender mais, para dar qualidade e equidade ao nossos aprendizes.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, a lei é excelente, porém nossos magistrados e até mesmo os gestores, não a interpretam com eficiência, ainda está presente a violação de direitos aos alunos com deficiência.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, com essa inserção, eles vão viver socialmente aprendendo regras diferentes e pensamentos opostos, as vezes a família é muito permissiva, por conta do emocional e por não acreditar nas potencialidades deles, e na escola as regras são para todos. Assim haverá novas assimilações e internalizações de aprendizagens e progressivamente maior desenvolvimento intelectual.

14- Você tem dificuldade para trabalhar com alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, busco novas metodologias e a maioria das vezes dá certo, vivo pesquisando diversas formas de ensinar e muitas vezes aprendo com os meus alunos, troco informações e quando necessário faço novo planejamento.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. As vezes. Porque ? pois a maioria das inovações e adaptações vem de pesquisas feitas pela internet, nossos gestores estão sempre afundados em burocracias e não há tempo disponível, para dar norte aos educadores e seus desafios para aprendizagem.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Trabalho em duas escolas diferentes e temos as mesmas dificuldades, preciso de material pedagógico, atividades adaptadas, as vezes não temos papel e nem impressora, falta solidariedade dos nossos pares, avaliações diferenciadas.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. raramente, quando vão a escola é para dizer como o professor deve agir com o filho, não percebo interesse no desenvolvimento intelectual e social do filho, isso faz com que a motivação do professor seja reduzido a zero.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, é uma forma de complementar cientificamente e exclusivamente as dificuldades apresentadas pelo indivíduo. Dessa forma interliga a sala de aula regular e suas dificuldades biológicas.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, com certeza essa parceria pode nortear o trabalho do professor, porem seria necessário ter uma troca de informações.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Ensinar por projetos temáticos

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, porque temos uma base de sustentação e assim adaptaríamos conforme surgem as dificuldades de cada um.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

A priori entender e compreender suas necessidades pedagógicas e biológicas.

Após realizado essa etapa, buscar formas de inovar essa pedagogia, a eles e aos outros alunos, por fim tudo se encaixa com facilidade, as salas lotadas exigem muito do profissional, só muito amor a profissão.

#### 44-ENTREVISTA

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos



- 50 a 60 anos  
 Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  Masculino  Outros

3- Professor

Efetivo  Contratado

4- Formação Acadêmica

Pedagogia

Outros  Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, tenho muitas duvidas sobre o meu fazer e como fazer para que seja interessante para o aluno e menos desgastante meu dia a dia.

6 -Quantos anos de magistério

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Não, falta de tempo e estou só esperando a minha aposentadoria enquanto ainda estou lúcida.

8- Fez Pós-Graduação

sim Não

Quais?

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância?

Estudos de casos que envolvam os alunos com dificuldades para que o grupo escolar possa pensar estratégias em conjunto.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim fez, temas relevantes inclusão com praticas educativas e incentivo a estimulação precoce.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, retorno financeiro é sempre muito bom

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, porem não tenho domínio na integra.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim concordo, porem precisamos fazer ajustes para que isso ocorra com sucesso, as condições ainda são precárias, temos que fazer as adaptações de conteúdos e alguns necessitam de uma atenção individualizada.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Sim, Porque? as maiores dificuldades são com as famílias que não colaboram, não acreditam no potencial de aprendizagem e querem interferir dentro da sala de aula, sem ter o conhecimento técnico.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, a equipe é parceira dentro do possível as minha solicitações para as adaptações de atividades, material concreto e orientações.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Acho necessário ter um professor auxiliar ou o numero bem reduzido em salas que tem alunos de inclusão, pois eles necessitam de uma atenção diferenciada para realizar as atividades propostas e conseguir avançar.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos?

R. As vezes, só que ainda encontramos muita resistências com as famílias, até em aceitar as limitações e a deficiência do filho, é um conflito de emoções.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, é o momento onde ele é atendido dentro das suas individualidades, por um especialista que vai trabalhar as suas dificuldades de forma personalizada em grupo produtivo.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, precisamos de um parceria constante com a família e a saúde para se obter sucesso com o individuo.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Sempre procuro trabalhar com agrupamentos, para que um estimule o outro a fazer e ocorra a troca de conhecimentos.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois eles necessitam de uma atenção e direcionamento individualizado. Para concluir as atividades propostas e não dispersar dos objetivos propostos.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. É o tempo para pesquisar, preparar as atividades e fazer as adaptações necessárias com uma sala com mais de 30 alunos e as cobranças de metas.

## 45-ENTREVISTA

1- Faixa etária

 20 a 30 anos 30 a 40 anos 40 a 50 anos 50 a 60 anos Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino  ( x )Masculino  ( )Outros  ( )

3- Professor

Efetivo  ( x )Contratado  ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia  ( x )Outros  ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, sempre tenho duvida se estou no caminho certo e gostaria que fosse uma pratica mais suave e que tivesse a participação dos alunos de forma natural, porém o que parece é que o aluno também não sabe o que vais fazer na escola.

6 -Quantos anos de magistério

 ( x ) 5 a 10 anos ( ) 10 a 15 anos ( ) 15 a 20 anos ( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, acho importante estar atualizada e busco novas estratégias.

8- Fez Pós-Graduação

( ) sim Não (x )

Quais?

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, foi mais ciência de recados da Seduc e informações internas da escola. Que temas seriam de grande relevância? Sugiro discussão de casos.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, ensino colaborativo, planejamento educacional especializado, tutoria de pares, desenho universal para aprendizagem.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Não, não acredito que esse aumento a cada 5 anos faça diferença na vida do professor ou estimule alguém a estar atualizado.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Sim, é a lei que assegura os direitos das pessoas com deficiências e acessibilidades.

13- Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, desde que o ensino regular se mobilize e tenha suporte com professor especialista, além do professor regente para suprir as necessidades dos alunos de inclusão.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não , Porque ? As dificuldades são as cobranças, as metas, a burocracia e não verdadeiramente o trabalho desenvolvido com o aluno.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, apoio atitudinal, profissionais para suporte como atendentes de educação, acreditam no meu trabalho, tenho autonomia para desenvolver o trabalho que acho necessário para o desenvolvimento com o aluno.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material, profissionais de apoio, tecnologia e formação continuada.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Sim, a maioria pois os alunos não tem autonomia, então essa troca com a família, faz a comunicação fundamental para o desenvolvimento do aluno.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, pois tem habilidades que precisam ser trabalhadas no individual, no entanto é na sala regular que estão seus pares.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, claro esse atendimento precisam caminhar juntas, para obter resultados efetivos.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Tutoria de pares, ensino estruturado e análise aplicado do comportamento.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, mais deveria ser mais bem estruturado, envolvendo todos os atores que lidam com esse aluno, realmente um planejamento educacional individualizado.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

Quando o aluno tem outras comorbidades como distúrbios psiquiátricos e o Estado e a família acreditam que a educação deva dar conta.

#### 46- Entrevista

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( x) 30 a 40 anos

( ) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?Educação Física

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Sim, surge algumas duvidas, acredito que faça parte do cotidiano, resolvo com pesquisa e novas estratégias.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( x ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre que possível e quando encontro temas de grande relevância para minha prática.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim. Quais? Ética, valores e cidadania, Tradução e interpretação em Libras.

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim. Que temas seriam de grande relevância? Educação Inclusiva, comunidades escolar e indisciplina, técnicas psicopedagógicas.

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua prática em sala de aula.

R. Sim, sempre acrescenta, porém foram só um tema sobre inclusão durante este ano letivo

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, nos motiva a realizar mais cursos.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim, estudei para o concurso, porém não tenho domínio sobre todos os artigos da lei.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, Porque são cidadãos e tem o direito de desenvolver suas potencialidades, e principalmente os outros alunos aprendem muito com as diferenças.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, Porque? Estudo muito e faço o impossível para ser uma boa professora para os meus alunos.



15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, orientações sobre como lidar com os alunos de inclusão, avaliações diferenciadas e atividades adaptadas.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Que deixe eu utilizar diferentes estratégias, que possam ser acessíveis para o seu aprendizado e ter sucesso nas intervenções.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Não, infelizmente encontramos muita resistência em aceitação da deficiência e negação das limitações.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, é fundamental para o desenvolvimento do aluno, por trabalhar de forma individualizada.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, por que é necessário acompanhamento de saúde e terapias, pois só a educação trabalhando o pedagógico, não resolve todas as necessidades.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Orientações individualizadas e atividades adaptadas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, fundamental para estimular os alunos a realizar as atividades propostas e controlar comportamentos inadequados.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Geralmente a resistência e a falta de parceria com alguns familiares.

#### 47-Entrevista

1- Faixa etária

( ) 20 a 30 anos

( ) 30 a 40 anos

(x) 40 a 50 anos

( ) 50 a 60 anos

( ) Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino ( x )

Masculino ( )

Outros ( )

3- Professor

Efetivo ( x )

Contratado ( )

4- Formação Acadêmica

Pedagogia ( x )

Outros ( ) Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, tenho muitas duvidas , a escola é viva e a cada dia, um novo desafio e temos que superar, chegar nas metas.

6 -Quantos anos de magistério

( ) 5 a 10 anos

( ) 10 a 15 anos

( x ) 15 a 20 anos

( ) acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre participo de congressos e cursos a distancia.

8- Fez Pós-Graduação

R. sim, Quais? Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Sim , temas importantes indisciplina, gestão de sala, autismo

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Sim, sempre acrescentam a nossa pratica, novas estratégias e adaptações de atividades pedagógicas.

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional?

R. Sim, pois é garantia de retorno financeiro e atualização profissional.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão?

R. Relativamente, porem não tenho fluência sobre todos os artigos.

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. Sim, a socialização é importante parte do processo e todos podem aprender com o processo de inclusão.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não, Porque ? Quase todas as sala tem alunos de inclusão, já faz parte do processo escolar, trabalhar com esses alunos.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Sim, todo material que solicito para trabalhar, é providenciado e acompanhamento das adaptações e atividades.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material concreto, tempo para preparar e pesquisar as atividades diferenciadas, avaliações adaptadas

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Geralmente sim, demonstram interesse em acompanhar o que o aluno está fazendo.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, prepara as atividades individualizadas e trabalha as dificuldades dos alunos, adquirindo habilidades para prosseguimento da vida escolar no Ensino Regular.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, é fundamental que ele faça os acompanhamentos de saúde e as terapias para conseguir ter um melhor desenvolvimento.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Dar uma atenção individualizada e fazer as adaptações para que ele possa realizar as atividades com autonomia.

21- Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, na maioria dos casos é necessário, pois a sala tem muitos alunos e não damos conta das orientações individualizadas.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. Muitas vezes nos deparamos com muitos preconceitos que podem interferir no desenvolvimento do aluno.

## 48- Entrevista

1- Faixa etária

 20 a 30 anos 30 a 40 anos 40 a 50 anos 50 a 60 anos Mais de 60 anos

2- Sexo

Feminino Masculino Outros 

3- Professor

Efetivo Contratado 

4- Formação Acadêmica

Pedagogia Outros  Quais ?

5 -Na sua opinião, sua formação foi suficiente para fundamentar sua prática

R. Não, fui em busca de fazer pós graduação para sanar as minhas dificuldades e desafios da profissão.

6 -Quantos anos de magistério

 5 a 10 anos 10 a 15 anos 15 a 20 anos acima de 25 anos

7- Realiza cursos de atualização e formação continuada

R. Sim, sempre que aparece cursos do meu interesse e a distancia também faço.

8- Fez Pós-Graduação

R. Sim. Quais? Psicopedagogia, Educação Especial, Educação Infantil, Neuropsicopedagogia e gestão escolar

9- Os temas abordados no seu HTPC que é um momento de formação são relevantes para sua prática.

R. Não, muitos recados e poucas sugestões da pratica

Que temas seriam de grande relevância? Educação Especial e Inclusão

10-Os temas abordados no HTPI on line sobre inclusão foram relevantes para sua pratica em sala de aula.

R. Não, pouco significativo, não acrescentaram nada

11- O Plano de Carreira foi um motivador para sua atualização profissional ?

R. Sim, por causa do retorno financeiro, porem eu já fazia vários cursos antes.

12- Você conhece a Lei Brasileira de Inclusão ?

R. Sim . estudei para passar no concurso,

13-Você concorda que os alunos de inclusão sejam inseridos no Ensino Regular?

R. As vezes, pois os alunos mais comprometidos deveriam ir para as escolas de Educação Especial, não se enquadram em uma educação conteudista.

14- Você tem dificuldade para trabalhar alunos de inclusão em sala de aula?

R. Não Porque? Tenho uma vasta experiência para trabalhar com a inclusão educacional.

15- Você tem apoio da equipe gestora para desenvolver seu trabalho com alunos de inclusão? Que tipo de apoio?

R. Não, falta material concreto e adaptado para os alunos e orientações.

16- O que você precisa para te auxiliar no atendimento de alunos de inclusão?

R. Material concreto, material adaptado e recursos para trabalhar com o aluno.

17- As famílias dos alunos de inclusão são participativas na vida escolar dos filhos ?

R. Nem todos, a maioria não tem noção do que é trabalhado com aluno e não demonstram interesse.

18- Você acredita que o Atendimento Educacional Especializado é importante para o desenvolvimento do aluno.

R. Sim, porem é necessário vários dias de atendimento no contra turno.

19- Você acredita que os acompanhamentos de saúde influenciam os resultados obtidos do aluno de inclusão?

R. Sim, a parceria com os atendimentos de saúde vão garantir o sucesso no desenvolvimento do aluno.

20- Que estratégias de sucesso você pode citar que utiliza com os alunos de inclusão.

R. Atividades diferenciadas e principalmente o olhar afetivo de todos os envolvidos.

21-Você acha importante o plano de ação para os alunos de inclusão?

R. Sim, pois nem todos os alunos tem autonomia para realizar suas atividades e precisam ser estimulados, precisam de apoio.

22- Qual sua maior dificuldade com os alunos de inclusão?

R. O tempo que levamos para conhece-los e a falta de recursos adaptados.

**SANTOS**  
**2022**